LETÍCIA RODRIGUES MEDEIROS

DEVASTAÇÃO: UM IMPASSE NA TRANSMISSÃO DO DESEJO

São João del-Rei
PPGPSI - UFSJ
2021

LETÍCIA RODRIGUES MEDEIROS

DEVASTAÇÃO: UM IMPASSE NA TRANSMISSÃO DO DESEJO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia
Linha de Pesquisa: Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia

Orientador(a): Prof. Dr. Roberto Pires Calazans Matos

São João del-Rei
PPGPSI - UFSJ
2021

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M488d

Medeiros, Letícia Rodrigues.
Devastação : um impasse na transmissão do desejo / Letícia Rodrigues Medeiros ; orientador Roberto Pires Calazans Matos. -- São João del-Rei, 2021.
113 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia) -- Universidade Federal de São João del Rei, 2021.

1. Psicanálise. 2. Feminino. 3. Mulher. 4. Devastação. I. Pires Calazans Matos, Roberto , orient. II. Título.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 129 / 2021 - PPGPSI (13.24)

Nº do Protocolo: 23122.049155/2021-04

São João del-Rei-MG, 21 de dezembro de 2021.

A Dissertação **"Devastação: um impasse na transmissão do desejo"**

elaborada por **Letícia Rodrigues Medeiros**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRA EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:

Profa . Dra. Cristina Moreira Marcos - (PUC-MG)
Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

(Assinado digitalmente em 29/12/2021 12:54)
MARIA GLAUCIA PIRES CALZAVARA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 2319043

(Assinado digitalmente em 21/12/2021 15:54)
ROBERTO PIRES CALAZANS MATOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 1352922

Para verificar a autenticidade deste documento entre em **https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **129**, ano: **2021**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **21/12/2021** e o código de verificação: **a8f32ba26b**

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Genivalda, pela vida. Foi nossa relação que me impulsionou a pesquisar.

Aos meus padrinhos, Custódio e Mary, por escolherem me amar.

À Thaís, pela parceria, companheirismo e amor.

Ao Centro de Umbanda “Semeeiros de Luz”, em especial à Junia Rocha.

Aos meus amigos de uma vida toda ou de pouco tempo, mas que são essenciais (em ordem alfabética): Alberto, Davi, Felipe, Giovana, Ingrid, Izadora, Juliany, Lívia, Mariana, Marina, Possari, Tatiane e Yuri, agradeço pelas conversas, pelo afeto, pela amizade.

Ao meu orientador, Roberto Calazans, pela paciência, pelo acolhimento, por compreender mesmo quando eu não fazia sentido.

À professora Gláucia, pela leitura dedicada e atenta do meu trabalho e pelas aulas que mais me movimentaram na pós-graduação.

À professora Cristina Marcos, pela disponibilidade, pelo cuidado e pelas contribuições incríveis ao trabalho.

Ao PPGPSI da UFSJ, pela organização, seriedade e acolhida.

Às professoras que tive na vida, em especial, Katie, Kelly, Bernadette, Marta, Regina, Cássia e Anna, vocês são meus exemplos.

À minha primeira analista, Lúcia Britto, obrigada por me apresentar a Psicanálise.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

E, principalmente, agradeço a todas as mulheres que tive o prazer de encontrar e que ainda encontrarei pela vida.

"(...) vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade". Simone de Beauvoir

RESUMO

A genialidade de Freud é a de ter notado que a anatomia dos sexos não era o que verdadeiramente importava. Não se trata de apreender a diferença entre órgãos e cromossomos, isto é, a realidade do sexo nada tem a ver com o real do órgão anatômico, pois como constata Lacan (1973/2003), pela função que lhe advém do discurso, o sexo tornou-se um significante. No entanto, o único sexo representado no inconsciente, é o que se relaciona ao masculino, ao falo. Dito de outro modo, só existe um sexo, o falo e duas maneiras de manifestação: presença ou ausência. Assim, se não há sexo feminino declarado, a feminilidade não pode ser considerada como um ser, mas como um se tornar. É a partir disso que o fenômeno da devastação pode ocorrer, pois na busca de um significante que dê contorno ao seu ser mulher, a menina se depara com as exigências da sociedade tradicional e com a mãe e seu desejo enigmático, que não lhe conferem significante algum. O objetivo dessa pesquisa então é, a partir dos impasses freudianos a respeito da constituição do ser feminino, chegar à teorização de Lacan, que foi capaz de avançar e reformular o conceito de sexualidade, apostando na sexuação e nos modos de gozo dos sujeitos e responder sobre o que se trata a devastação, utilizando os casos de Dora e da jovem homossexual e, contemporâneo ao nosso tempo, o de Ângela Diniz.

Palavras-chave: Devastação. Mulher. Feminino. Psicanálise.

ABSTRACT

Freud's genius is that he noticed that the anatomy of the sexes was not what really mattered. It is not a question of apprehending the difference between organs and chromosomes, that is, the reality of sex has nothing to do with the real anatomical organ, because as it turns out Lacan by the function that comes from the discourse, sex has become a signifier. However, the only sex represented in the unconscious is what relates to the male, to the phallus. In other ways, there is only one sex, the phallus and two ways of manifestation: presence or absence. Thus, if there is no declared female sex, femininity cannot be considered as a being, but as a become. It is from this that the phenomenon of devastation can occur, because in the search for a signifier that gives contour to your being a woman, the girl is ores to the demands of traditional society and her mother and her enigmatic desire, which do not give her any significant. The objective of this research then is, from the Freudian impasses regarding the constitution of the feminine being, to arrive at Lacan's theorization, who was able to advance and reformulate the concept of sexuality, betting on sexuation and the subjects' ways of enjoyment and answer about what it is about the devastation, using the cases of Dora and the young homosexual and, contemporary to our time, that of Ângela Diniz.

Keywords: Devastação. Mulher. Feminino. Psicanálise

SUMÁRIO

Introdução 10
1. Os impasses freudianos frente a feminilidade 16
1.1. A obscuridade da feminilidade 22
1.2. A feminilidade 20
1.3. O caso Dora 28
1.4. O caso da Jovem Homossexual 41
1.5 Algumas considerações sobre Dora e Judith 50
2. A feminilidade em Lacan e a Mulher que não existe 55
2.1. Considerações lacanianas sobre a sexuação 60
2.2. A tábua da sexuação 64
2.3. O amor e a devastação 68
2.3.1 A devastação nas relações amorosas: estrutural 70
2.3.2 A devastação na relação mãe-filha: a consequência 76
3. O assassinato da Pantera de Minas: um caso extremo de devastação 82
3.1. Ângela Diniz: mulher de várias nomeações 82
3.2. Doca Street: o homem que supostamente amava demais 92
3.3. O julgamento: de quem? 96
Considerações finais 103
Referências 107

Introdução

> A primeira constatação efetuada pelo psicanalista é a de que o humano não para de querer falar daquilo que não pode dizer (a mulher, a morte, o pai, etc.). (André, 1987, p.10)

Inicialmente essa pesquisa partiu de um questionamento pessoal. Não é de agora que a Psicanálise faz parte da minha história. Começou através da minha análise, mas foi durante a graduação em Psicologia, a partir do encontro com os sujeitos, principalmente com as crianças, na clínica social e nas instituições, que o laço foi, de fato, feito.

De tudo que poderia me interessar, a constituição do sujeito sempre me despertou interesse, talvez pela proximidade com a clínica infantil ou pelo encantamento com a criança ou ainda, com a sensação de que, mesmo depois de tantos anos desde o nascimento da Psicanálise, ainda há algum mistério, algum enigma a ser decifrado.

Por isso, considero que essa pesquisa não foge daquilo que me afeta, que me desperta e me conduz, não mais pessoal e individualmente, mas a partir de um compromisso ético com a teoria psicanalítica. Nesse sentido, o objetivo aqui é pensar como alguns impasses em relação à feminilidade desvelam, a partir da noção lacaniana de devastação, problemas relativos à transmissão do desejo na constituição do sujeito feminino.

O nascimento da Psicanálise e a mulher/sujeito feminino possuem em comum uma questão: o enigma. As mulheres histéricas que usavam seu corpo como palco, para dizerem daquilo que as fazia sofrer, foram o combustível para Freud criar sua teoria. Foi esse encontro que fundou a Psicanálise e o longo processo em busca de sentido para os conteúdos inconscientes, para o feminino e suas representações. Mesmo que muito tenha sido produzido sobre isso, ainda não foi o suficiente para desvendar tal mistério.

Nesse sentido, para entendermos quem é esse sujeito, como se constitui, suas particularidades e a construção do pensamento dentro da teoria psicanalítica, faz-se necessário um breve percurso, partindo do início da construção freudiana.

Em “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908/2019a), Sigmund Freud já havia notado que a anatomia dos sexos não era o que verdadeiramente importava. Em concordância a tal explanação, Serge André (1987) aponta que, para nós, não é a diferença entre órgãos e cromossomos, mas a diferença de sexos que nos configura. “A realidade do sexo não é o real do órgão anatômico” (p.11). Ainda nesse caminho, Jacques Lacan (1973/2003) indicou que pela função que lhe advém do discurso, o sexo tornou-se um significante.

Nesse texto de 1908, Freud discute as teorias que as crianças do sexo masculino fazem a respeito da origem da vida, do nascimento e, principalmente, do sexo. Uma dessas é

a teoria de que todos, inclusive as mulheres, possuem um pênis. Isso significa a existência de somente este sexo, sempre presente nos meninos e em fase de crescimento nas meninas. Não há apontamento para a falta, ou seja, é como se o garotinho não constatasse a falta absoluta de algo, o que em 1923, veio à luz com o texto "A organização genital infantil" (2011), como sendo os dois modos de manifestação do sexo, a presença e a ausência. Isso significa que "a falta do pênis, se reconhecida, é enquanto falo (a menos) e não enquanto sexo feminino" (André, 1987, p.12). A castração é o que foraclui o sexo feminino, faz da ausência um resto da presença.

> É a isso que Freud chama o falo, isto é, o pênis enquanto podendo faltar. Em outras palavras, o menino diante do órgão genital feminino, vê alguma coisa, mas o que vê não é um sexo feminino, é a castração. (André, 1987, p.22)

Como o menino, a menina também reconhece seu sexo através do significante fálico - e não do pênis - e o enxerga como um falo diminuído ou castrado. Isso não quer dizer que não exista reconhecimento do órgão, apenas que este não é elevado ao nível significante como sexo feminino.

Se não há sexo feminino declarado, a feminilidade não pode ser considerada como um ser, mas como um se tornar. E, para isso, a menina experimenta antes, o complexo de masculinidade, tendo, inicialmente, uma sexualidade clitoridiana de caráter masculino, sendo necessário o recalque para que deixe de existir. Até esse momento, Freud não havia se dado conta da "pré-história" do Édipo feminino, e é a partir de 1925 que há tal enfoque e exposição do que seria o nascimento de uma mulher.

Diferente do que Freud acreditava inicialmente, a menina não ama seu pai desde o início, é a mãe seu primeiro objeto de amor, e é essa relação que a conduz, progressivamente, até o pai. Mas, independente de sua anatomia, a criança sempre assume uma postura masculina perante a mãe e somente depois é que a menina passará pelo processo de feminilização. (Freud, 1925/2019a)

O complexo de castração torna-se o ponto de báscula entre a posição masculina e a feminilidade da menina, pois "(...) enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração". E continua, dizendo que "essa contradição contém seu próprio esclarecimento, se considerarmos que o complexo de castração sempre opera no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade". (Freud, 1925/2019a, p.269).

No que diz respeito à castração da mãe, ao descobrirem, menino e menina passam a desvalorizá-la e a menina a torna responsável por sua própria falta, trazendo à tona o ódio, o ressentimento e a inveja/desejo por aquele que possui o pênis. Assim, a menina volta-se ao pai na esperança que ele lhe dê o que, por natureza, a mãe não é capaz de lhe dar. Na medida em que quer ter aquilo que falta na mãe, é que se torna mulher. Dessa maneira, o que leva a menina para o pai não é a atração pelo homem, mas o ódio pela mãe.

Como consequência disso, Freud (1925/2019a) aponta três saídas para a menina: a inibição sexual pela via da neurose; o complexo de masculinidade e por fim, a feminilidade normal, sendo apenas a terceira via relacionada à pesquisa em questão: a resolução da feminilidade através da maternidade. Essa posição caracteriza-se pela substituição do pênis pelo desejo de um filho, isto é, o filho possui equivalência ao falo. O tornar-se mulher é confundido com o tornar-se mãe, atribuindo ao filho o papel de significante da identidade feminina.

Consideramos que Freud se deparou com impasses na busca de uma explicação para a feminilidade e Lacan tentou avançar a esse respeito, apontando que responder à questão do desejo sexuado da mulher pela progenitora é paradoxal, pois assim como citado por Colette Soler (2005), “o filho decerto é um objeto *a* possível para uma mulher, só que decorre da dialética fálica do ter, que não lhe é própria, e só raramente satura o desejo sexual; o ser propriamente feminino, se é que existe, situa-se noutro lugar” (p.35). Logo, existe um hiato entre a mãe e a mulher, sendo que em algumas situações o filho fálico tampona a exigência feminina, porém, raramente, encerra a questão do desejo, uma vez que “(...) o desejo da mãe está efetivamente longe de ser totalmente suturado pelo significante. Há na mãe, ao lado do desejo, um gozo desconhecido, feminino”. (Brousse, 2004, p.213).

Sobre isso, Romildo do Rêgo Barros (2015) define a mãe como um desejo, que possui um objeto ilimitado. É esse desejo que vai determinar o lugar da criança no mundo e é a criança quem vai significar esse desejo e interromper o que há de ilimitado. Na fórmula da metáfora paterna, Lacan situa o “desejo da mãe” como uma consequência da incidência do significante do pai, isto é, sem o Nome-do-Pai não há desejo materno. A função do pai é a de tornar relativo um desejo que, sem ele, seria infinito.

> No final das contas, o destino do filho, que aparece como incógnita, será definido a partir da articulação entre um significante e a função misteriosa do desejo da mãe. (...) A definição do que é uma mãe até poderia ser ampliada: uma mãe é seu desejo + as consequências simbólicas do Nome-do-Pai. (Barros, 2015, p.29)

Ainda, Barros (2015) aponta que o objetivo do Nome-do-Pai é definir a incógnita, isto é, o lugar do filho no mundo como objeto de um desejo. E “devastação” é um dos nomes que Lacan dá ao fracasso da metáfora paterna.

O desejo da mãe possui uma parte obscura, não saturada pelo Nome-do-Pai e que ocorre concomitante ao complexo de Édipo. A menina pode colocar-se como completude da mãe, isto é, no lugar de ser o falo do pai, ela tenta completar a castração materna, através do imaginário, sendo ela o falo. (Barros, 2015)

Em “O aturdito” (1973/2003), Lacan aborda a questão da devastação e diz que a mulher seria peixe na água na castração, assim, o que torna a relação mãe-filha difícil é a parte do *não*-todo, área que não é recoberta pelo falo, nem pelo objeto, onde situa-se a devastação. Marie-Helene Brousse aponta que a zona da devastação não possui a limitação sustentada pela triangulação edípica, sendo uma área de abertura ao ilimitado, ao deserto infinito do real.

Assim, quando a lei instaurada pelo Nome-do-Pai não funciona, a menina permanece submetida à lei do capricho materno, pois tal significante funciona como ponto de basta no deslizamento metonímico do desejo enigmático da mãe.

> É isso que se constata nesses casos de devastação em que a função paterna demonstra não operar nenhum apaziguamento, o pai se mostra manifestando a serviço do capricho materno e não como agente de sua privação. (...) o traço que caracteriza o pai é sempre a impotência. Tal impotência se liga ao gozo revelado no serviço à mãe. (Brousse, 2004, p.212).

Contudo, não é somente na relação com a mãe que existe a possibilidade de uma menina ser devastada. No seminário 23, intitulado de “O sinthoma”, Lacan (1975-76/2007) vai indicar que “o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sinthoma” (p.98).

Desse modo, a fim de operarmos uma ruptura, compreendemos a devastação entre homem e mulher, como sendo antecessora à devastação ocorrida entre uma mãe e sua filha, tendo em vista que na disjunção operada por Lacan, uma mãe é, antes de mais nada, uma mulher que pertence a uma sociedade, segue as regras e é submetida a costumes que só lhe dão dignidade de sujeito a partir do casamento.

Nesse sentido, essa pesquisa busca apresentar os impasses encontrados por Freud ao se deparar com a questão do feminino, os desdobramentos de tais embaraços na construção de Lacan, para, por fim, entender como a devastação se relaciona à transmissão desse desejo de mãe para filha, entendendo, principalmente, que se trata de uma mulher transmitindo um

desejo para um sujeito feminino em construção, e para isso, será realizado um estudo teórico em psicanálise.

Lameira, Costa & Rodrigues (2017) definem a pesquisa bibliográfica não somente como uma mera reprodução do que já foi dito ou escrito sobre o assunto, tendo em vista que a repetição, sendo um conceito psicanalítico, é a possibilidade de uma retomada, de um novo olhar sobre algo.

Os autores apontam a necessidade de que haja um trabalho contínuo na pesquisa em psicanálise, pois é preciso que se faça questionamentos sobre os fundamentos, os pressupostos e conceitos, não tomando a teoria como dogma, como verdades estáticas e inquestionáveis, mas como algo em constante movimento. Garcia-Roza (1993 in Couto, 2010) aponta como um dos objetos da pesquisa em psicanálise

> submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica com a finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos e as condições de sua possibilidade (GARCIA-ROZA, 1993 in Couto, 2010, p.70)

Mezan realiza tal trabalho em seu texto “A trama dos conceitos” (1982), onde mostrou a relação dos conceitos nos diferentes momentos da construção teórica de Freud, apontando as transformações que o conceito sofreu ao longo da elaboração e também a forma como eles se relacionam e constroem uma rede em determinados momentos da obra. “Com isso, ele apresenta, em termos rigorosos e sistemáticos, a lógica que rege os desdobramentos da concepção de Freud sobre o inconsciente em seu universo conceitual.” (Couto, 2010, p.71)

Tal metodologia se caracteriza pela extensão do conceito até seus limites, a análise dos efeitos da relação deste conceito com outros conceitos, o teste, enfim, da capacidade deste conceito ser fecundo, assim como o realizado por Mezan (1982).

Caracteriza-se por uma pesquisa em intensão, conceito desenvolvido por Lacan, para caracterizar os estudos teóricos da psicanálise, ou seja, para além de uma decifração ou reprodução de algo feito anteriormente, uma nova produção realizada pelo pesquisador, que implicado traz a possibilidade da novidade.

O termo “intensão” relaciona-se à transferência do pesquisador psicanalítico com sua pesquisa, uma vez que refere-se ao aumento da tensão voltada à implicação psíquica do mesmo com o objeto em estudo. E é por esse motivo que, como apontado por Lameira et al (2017), não se pode desconsiderar a singularidade do objeto da pesquisa e do pesquisador, pois é essa singularidade que constitui a principal contribuição de cada pesquisa em

psicanálise. “A experiência analítica freudiana, de acordo com Lacan (1953-54/2009), “representa a singularidade levada a seu extremo” (p.33)” (p.73).

Nesse sentido, é de suma importância que comecemos da gênese da teoria psicanalítica e do conceito de sexualidade, tão caro à obra freudiana. Assim, no primeiro capítulo, faremos uma linha do tempo, desde os primeiros textos de Freud que tratam da constituição do sujeito, apontando para a obscuridade da feminilidade e os impasses encontrados por ele para lidar com o sujeito mulher.

Elencamos os casos de Dora e da a jovem homossexual para analisarmos, pois entendemos que esse percurso nos dará a ilustração necessária para apontarmos tópicos que se apresentaram como obstáculos à Freud. Tendo em vista que as duas jovens se viam diante de um enigma, de um questionamento, que tudo tem a ver com a devastação.

Em seguida, passaremos à teoria construída por Lacan, que através da releitura da obra freudiana, buscou novos caminhos e soluções para os impasses encontrados por Freud. Além disso, elegemos a teórica feminista Carole Pateman, com sua obra “O contrato sexual” (1993), para embasar nossos argumentos e explicar, a partir do social, os fundamentos da tábua da sexuação proposta por Lacan (1972-73/2008) no seminário 20, “Mais, ainda”, instrumento decisivo para tratarmos da “devastação estrutural” proposta por nós.

Por fim, o terceiro capítulo se dedica a estudar os efeitos clínicos da devastação na vida das mulheres, tomando por caso o assassinato de Ângela Diniz, que completa 45 anos em 2021, mas que segue sendo completamente atual.

1. Os impasses freudianos frente a feminilidade

A fim de exemplificar o percurso teórico de Freud e, principalmente, seus impasses frente à constituição do sujeito feminino, trazemos Dora e Judith como personagens principais na construção da teoria. Além de organizarmos cronologicamente o pensamento freudiano sobre a sexualidade, faremos uma exposição dos casos, para apresentarmos a cegueira do pai da psicanálise diante à feminilidade, que permitiu que outros autores, como Lacan, continuassem na busca por resolver o mistério que a mulher impunha.

1.1 A obscuridade da feminilidade

É preciso que nos atentemos para algumas definições, limites e impasses com os quais Freud se encontrou no percurso, exposto de maneira clara em 1926, no texto "A questão da análise leiga", quando aponta que "sabemos menos sobre a vida sexual da menininha do que sobre a do menininho. Não precisamos ter vergonha dessa diferença, uma vez que também a vida sexual da mulher adulta é um *dark continent* [continente obscuro] para a Psicologia". (Freud, 1926/2019d, p.240)

Dito isto, foram alguns anos sem respostas a respeito dessa especificidade feminina, baseando-se no psiquismo do menino para responder a todas as questões que surgiam.

Em 1916, ao tratar do "Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", Freud declara que descreveu, nesse texto, somente a relação do menino com o pai e a mãe pois acreditava que, para a menininha, aconteceria da mesma maneira, com algumas pequenas modificações. Da mesma maneira, ocorreu em outros textos, como nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" de 1905, em 1908 com "Sobre as teorias sexuais infantis" e o de 1923, "A organização genital infantil", a exposição do que era relativo ao que o menino experimenta em suas pesquisas e descobertas sobre os sexos.

Em "Sobre as teorias sexuais infantis" de 1908 (2019a), Freud nos diz sobre as pesquisas realizadas pelas crianças, do sexo masculino, relativas ao que elas consideram como problemas sexuais. Como observado por ele nas análises e na sociedade em geral, os adultos tendem a dar explicações mitológicas sobre a concepção, o que causa insatisfação e desconfiança nas crianças, tendo em vista que elas percebem as alterações que ocorrem no corpo da mãe durante a gestação. Além disso, o surgimento dessa nova criança, a forma como ela foi trazida ao mundo, os barulhos que advém do quarto dos pais e tantas outras coisas, tornam-se temas das pesquisas infantis.

A primeira e principal teoria que se pode observar, é a atribuição de um pênis a todos os seres humanos, inclusive aos do sexo feminino. Isto posto, Freud aponta que o garotinho

se dá conta de que homens e mulheres são diferentes, mas não entende, inicialmente, que essa diferença também se dá entre os órgãos genitais, sendo natural imaginar que todos os seres humanos e animais possuíam um órgão semelhante ao seu.

> A principal característica dessa "organização genital infantil" constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos. Consiste no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do *falo*. (Freud, 1923/2011, p.171).

Nesse sentido, Maria Rita Kehl, em seu livro "Deslocamentos do feminino" (2016), onde analisa e questiona as relações que se estabelecem na teoria freudiana, sobre a mulher, a posição feminina e a feminilidade, se interroga sobre essa atribuição do pênis a todos os seres humanos.

> Então por que o pênis é órgão fálico por excelência? Exatamente porque a criança descobre, em dado momento da vida, que o corpo da mãe é desprovido de pênis e que ela faz do pênis (paterno) o falo *número um* da série das representações imaginárias. Em contrapartida, exatamente porque essa parte do corpo é convocada a obturar a falta materna, que a criança (assim como o adulto) está condenada a saber da falta sempre que estiver em presença do falo. (p.159)

Assim, com a finalidade de confirmar esse pensamento, a criança segue realizando investigações e, no decorrer das pesquisas, descobre que o pênis não está presente em todas as pessoas, pois é a partir da visão dos genitais da irmãzinha, por exemplo, que se faz essa descoberta. Num primeiro momento, recusa a ausência e acredita até ver o órgão, crendo que ele ainda é pequeno e irá crescer. Mas aos poucos chega à conclusão de que, no mínimo, um dia o pênis existiu ali e fora retirado. Essa ausência é entendida como resultado da castração.

Nesse ponto, passamos ao texto de 1924, "A dissolução do complexo de Édipo", em que Freud busca entender o que faz com que esse complexo decline, isto é, o que faz com que o Édipo seja resolvido e a criança troque seu objeto de amor parental, por um indivíduo externo ao núcleo familiar. Esse texto segue o de 1923, ou seja, acompanhando o desenvolvimento sexual do menino, pois o desenvolvimento da menina permanece ainda uma incógnita

> Recentemente pudemos perceber melhor que o desenvolvimento sexual da criança chega até uma fase em que o genital já assumiu o papel condutor. Mas esse genital é apenas o masculino, mais precisamente o pênis; o feminino não foi ainda descoberto. (Freud, 1924/2011, p.206).

Sendo assim, quando o garoto se interessa pelo seu genital, demonstra através da manipulação do mesmo e descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. É dessa maneira que surge a ameaça de que lhe tirarão essa parte tão importante.

Por conseguinte, a organização genital fálica da criança do sexo masculino sucumbe devido à ameaça de castração. Mas não é algo imediato, sendo um processo de apreensão necessário, que começa pela retirada do peito materno, passa pela entrega do conteúdo do intestino e por fim, o que desfaz a falta de crença do menino na possibilidade de castração, o genital feminino. Já que, em algum momento, o menino vê a região genital da menina e se convence da falta do pênis naquele ser tão semelhante a ele. Assim, a perda do próprio pênis se torna concebível, sendo uma questão com efeito a posteriori.

É claro, porém, que a masturbação não é a coisa mais importante na vida sexual do menino, uma vez que ela é apenas a descarga genital da excitação sexual própria do complexo de Édipo. A grande questão aqui é que, a partir do que lhe foi oferecido pelo complexo de Édipo, colocar-se no lugar do pai e relacionar-se com a mãe ou substituir a mãe e ser amado pelo pai, o garoto entende, mesmo não tendo certeza do que se constitui uma relação sexual, que o pênis é parte imprescindível desse ato. Porém, ao se dar conta da castração, quando percebe a mulher castrada, suas opções se tornam desfavoráveis, tendo em vista que as duas provocam a perda do pênis, seja pela via masculina, como castigo, ou pela feminina, como pressuposto. É a partir disso que o menino realiza uma escolha, advinda do conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Normalmente quem vence é a primeira dessas forças, assim, o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo.

É na sequência dessa construção que Freud questiona, “o processo descrito se refere, como foi explicitado, à criança do sexo masculino. Como o desenvolvimento correspondente se realiza na garota pequena? Neste ponto o nosso material se torna - incompreensivelmente - muito mais obscuro e insuficiente”. (Freud, 1924/2011, p.211). É claro, porém, que o sexo feminino também desenvolve um complexo de Édipo, um Supereu e um período de latência, mas é certo atribuir a ele o mesmo desenvolvimento do menino, isto é, uma organização fálica e um complexo de castração?

Em partes, sim, porém não como o visto nos garotos, pois durante algum tempo a menina acredita que, quando crescer, terá um apêndice grande como o do menino, já que, naquele momento, seu clitóris, diminuto, se comporta como um pênis. Como apontado por Freud, aqui se separa o complexo de masculinidade da mulher.

Para a garota, um dia ela possuiu um membro igual ao do menino e o perdeu com a castração, mas como o menino, não generaliza tal construção e acredita que as mulheres adultas possuem um genital grande e completo. “Disso resulta a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade da

consumação" (Freud, 1924/2011, p.212). Isso não quer dizer, porém, que haja complementaridade entre os sexos e sim que a castração se dá de maneira diferente para cada sujeito.

Todavia, ao excluir o medo da castração, deixa de haver um grande motivo para a existência do Supereu e a finalização da organização genital infantil. Assim, Freud compreende que essas mudanças necessárias parecem ser consequência da intimidação externa.

> O complexo de Édipo da menina é muito mais inequívoco do que o do pequeno portador de pênis; segundo minha experiência, raramente vai além da substituição da mãe e da postura feminina diante do pai. A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. A garota passa - ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer - do pênis ao bebê. (Freud, 1924/2011, p.212).

Dessa maneira, o complexo de Édipo da garota termina no desejo de receber do pai um filho, em substituição ao pênis que lhe fora tirado. Mas como o desejo não se realiza, aos poucos o complexo vai sendo abandonado. Os dois desejos, porém, de ter um pênis e um filho, não se extinguem, permanecendo fortemente investidos no inconsciente, e ajudam a preparar o ser feminino para seu futuro papel sexual.

Contudo, Freud declara que "(...) é preciso admitir que nossa compreensão desses processos de desenvolvimento da menina é insatisfatória, plena de lacunas e pontos obscuros". (Freud, 1924/2011, p.213).

Isto posto, é possível perceber que Freud ainda se encontrava às voltas com a questão do desenvolvimento sexual da menina e sobre como esta atingiria a feminilidade, por isso segue em busca de encontrar as respostas para todos os questionamentos feitos e em 1925 apresenta "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos", que inicia exatamente da questão apresentada no texto anterior, isto é,

> Quando investigamos as primeiras formações psíquicas da vida sexual na criança, tomamos geralmente como objeto a criança de sexo masculino, o menininho. Achávamos que no caso da menininha tinha de ser semelhante, mesmo que diferente de alguma maneira. O que não ficou claramente determinado foi o ponto do processo de desenvolvimento em que se encontraria essa distinção. (Freud, 1925/2019a, p.261)

Porém, além da problemática com relação ao complexo de Édipo da menina, algumas questões do masculino não estão tão bem resolvidas quanto pareciam no texto de 1924, como

o nascimento da atividade masturbatória, o papel da enurese[1] e a superação destas pela intervenção da educação.

Importante destacar que, como aponta Kehl (2016) "a posse de um pênis, para um homem, não garante muita coisa a respeito de sua falicidade" (p.157). Isso porque há certa indiscriminação, na teoria freudiana, entre a dimensão imaginária[2] e a dimensão simbólica[3] do falo. E como já colocado anteriormente, ao se dar conta que a presença do pênis é obturadora da falta materna, sempre que estiver em presença do falo, o sujeito saberá da falta. "Assim, a posse do pênis no menino não o garante contra a castração, embora seja central na estruturação da dimensão imaginária do eu". (p.159).

Para a menina, essa indiscriminação produz um efeito muito particular, uma vez que, sendo portadora da evidência imaginária da falta, tudo o que for posterior aos efeitos da castração sobre esse sujeito, estarão diretamente ligados à representação do corpo.

Entretanto, para chegarmos a essa questão, é necessário discorrer sobre o complexo de Édipo feminino, que ainda nesse momento da teoria, permanecia oculto.

É sabido que a mãe foi o primeiro objeto de amor para ambos e que o menino a mantenha no complexo de Édipo, mas e a menina, o que ocorre para que ela abandone a mãe e o pai tome esse lugar como objeto? A fim de responder a este impasse, Freud se volta à pré-história da relação edípica na menina, para tentar entender e expor como nasce uma mulher.

O objetivo deste retorno deve-se às mulheres que chegavam ao seu consultório sempre apresentando uma ligação intensa com o pai e o desejo de ter um filho dele. A partir de uma análise mais profunda desses casos específicos, revela que o complexo de Édipo possuía uma longa pré-história, sendo, de certo modo, uma formação secundária. Podemos retomar uma formulação primeira de Freud para nos reportar ao complexo de Édipo como sendo um romance familiar em torno de uma questão primordial: a castração.

Diferente do menino, que ao ver pela primeira vez o genital da menina, se mostra pouco interessado, não enxerga, recusa sua percepção e somente depois sob a ameaça da castração, que a lembrança ou a renovação dessa percepção fazem sentido, a menina age de

---

[1] "Com muita frequência o menino não é ameaçado de castração por brincar manualmente com o pênis, mas por molhar a cama todas as noites e não poder ser conservado limpo. As pessoas que dele cuidam agem como se a incontinência noturna fosse consequência e prova de uma excessiva ocupação com o pênis". (Freud, 1924/2011, p.206)

[2] A dimensão imaginária corresponde "ao plano das imagens, calcado na dimensão do corpo, organizador dos limites do eu *(moi)*" (Kehl, 2016, p.156).

[3] O plano do significante diz respeito "à dimensão do Outro e do inconsciente, de onde o *je* (Eu) se manifesta como sujeito do desejo" (Kehl, 2016, p.156).

maneira diferente. “Num instante ela está preparada para o seu julgamento. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (Freud, 1925/2019a, p.264).

Essa inveja, como definida por Freud, não é sem consequências psíquicas. A primeira delas é o chamado complexo de masculinidade da mulher, que, possivelmente, “(...) trará dificuldades no desenvolvimento predeterminado da feminilidade caso a mulher não consiga superá-lo” (Freud, 1925/2019a, p.265), dado que, a esperança de um dia ter um pênis e assim igualar-se ao homem, pode se perpetuar e tornar-se motivo de atos incompreensíveis ao outro.

Uma outra consequência seria o que ele chamou de recusa, que não é raro, nem muito perigoso na vida anímica da criança, mas, no adulto, pode desencadear uma psicose. A recusa à qual Freud se refere é a que a menina realiza por não aceitar sua castração, reforçando a convicção de que possui sim um pênis, sendo obrigada a manter-se como se fosse um homem.

Outras consequências existem, uma vez que, ao reconhecer sua ferida narcísica, estabelece-se na mulher uma cicatriz, isto é, um sentimento de inferioridade. E a terceira delas refere-se ao afrouxamento da relação da mãe como objeto.

Freud não compreende bem o porquê, mas a mãe é tomada como a responsável pela inveja do pênis, pois é a culpada por ter trazido à vida a filha tão insuficientemente dotada.

Por fim, a consequência mais importante para Freud é a de que, com o conhecimento da diferença anatômica entre os sexos, a menina se vê forçada a afastar-se da masculinidade, isto é, da masturbação clitoridiana, já que este é considerado como um pênis diminuto, que leva ao desdobramento da feminilidade.

Nesse momento, já no Complexo propriamente dito, a libido da menina se deslocou do desejo pelo pênis para o desejo por um bebê de seu pai, dada a significação fálica. Assim, toma o pai como objeto de amor e a mãe se transforma num objeto de ciúme, já que a menina está se tornando uma pequena mulher. Porém essa ligação ao pai pode sair-se mal sucedida e ser abandonada, o que faz com que a menina retorne ao complexo de masculinidade, onde, possivelmente, se fixa.

Enquanto que é possível conhecermos a pré-história do complexo de Édipo da menina, correspondente disso no menino é desconhecido, como apontado por Freud. Isto posto, declara que “enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra[4] através do

[4] Consoante ao que foi explicitado no resgate do texto de 1924 “A dissolução do complexo de Édipo”.

complexo de castração, o da menina é possibilidade e introduzido pelo complexo de castração" (Freud, 1925/2019a, p.269).

Com relação a isso, expõe que, no caso do menino, o complexo não é apenas recalcado. Ele é destroçado sob o impacto da ameaça de castração. Os investimentos libidinais nos pais são abandonados, dessexualizados e, em parte, sublimados e esses são incorporados ao Eu, formando o núcleo do Supereu.

No que diz respeito à menina, faltam motivos para que o complexo de Édipo seja destruído, uma vez que a castração já produziu seu efeito, isto é, encaminhar a criança ao complexo. Assim, diferente do menino, o complexo de Édipo pode ser abandonado lentamente, resolvido através do recalque e deslocar seus efeitos na vida anímica da mulher. E seu Supereu não ser tão implacável, impessoal e independente de suas origens afetivas como o visto nos homens.

Mas é no final de sua vida que Freud busca, efetivamente, compreender ou construir melhores respostas aos questionamentos sobre a feminilidade. Isso começa em 1931, com o texto "Sobre a sexualidade feminina".

1.2 A feminilidade

Freud utilizou os termos feminino e feminilidade sem muita distinção, para falar de coisas que são dessemelhantes. Dessa maneira, chamamos de feminino o que escapa da significação fálica e feminilidade a expressão de um enigma sobre a sexualidade.

Como consta nos comentários do tradutor do texto de 1931, "(...) o 'enigma da sexualidade feminina' ocupou a última fase do pensamento de Freud, com especial proeminência" (2019a, p.308). Ao questionar Marie Bonaparte sobre "o que quer uma mulher?", declara o quanto este mistério o incomodava, em função dos impasses surgidos a partir de sua construção teórica.

Mas em 1933[5], Freud acrescenta outro motivo para seu aprofundamento no estudo

> Nos últimos tempos, aprendemos alguma coisa sobre isso [diferença entre meninos e meninas], graças à circunstância de que algumas de nossas ilustres colegas começaram a trabalhar essa questão em análise. A discussão sobre o assunto foi particularmente estimulada pela distinção entre os sexos, pois a cada vez que uma comparação parecia resultar desfavorável ao seu sexo, as nossas damas conseguiam expressar a suspeita de que nós, os analistas homens, não tínhamos conseguido superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra a feminilidade, o que agora nos penalizaria pelo caráter parcial de nossa pesquisa. (Freud, 1931/2019a, p.318)

[5] Conferência XXXIII "A feminilidade".

Desse modo, é também nesse texto de 1931 que Freud admite não haver nenhum paralelismo claro entre o desenvolvimento masculino e feminino, que havia começado a ser exposto em 1925.

Consoante ao texto de 1924, onde apontou, através das análises feitas, a existência de uma intensa ligação das mulheres com o pai, retoma essa questão em 1931 de um outro ponto de vista, pois dois fatos chamaram sua atenção. O primeiro era que uma ligação intensa com o pai se devia à existência de uma fase de ligação exclusiva com a mãe, igualmente intensa e apaixonada. A segunda se devia à riqueza e construção multifacetada dessa relação primária com a mãe.

Porém, constatou algo importante a respeito dessa observação:

> O segundo fato ensinou que também havíamos subestimado a duração dessa ligação com a mãe. Em alguns casos, ela tinha chegado até o quarto ano, e em um, até o quinto, portanto, ocupara, em muito, a parte mais longa do primeiro florescimento sexual. De fato, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um determinado número de pessoas do sexo feminino permanecer preso à ligação originária com a mãe e nunca conseguir uma verdadeira viragem em direção ao homem. (Freud, 1931/2019a, p.286)

Dessa forma, a chamada fase "pré-edípica" da menina passa a ter um significado e importância maior que o que havia sido dado até então e Freud admite que, para ele, era tão difícil compreender analiticamente tal ligação, pois esta lhe parecia estar sob um recalcamento implacável, tornando-a obscura, enfraquecida pelo tempo e quase impossível de ser revivificada.

Para explicar isso, divide o texto "A sexualidade feminina" em quatro partes, e inicia-o explicando esses dois fatos que chamaram sua atenção. Junto disso, também tinha por objetivo apresentar as diferenças entre homens e mulheres.

Desse modo, a primeira questão apresentada é a bissexualidade, presente na constituição humana, que surge de maneira mais nítida na mulher do que no homem. Ligado a isso, aponta que a mulher possui duas zonas sexuais, a vagina, propriamente feminina e o clitóris, que funcionaria como o órgão masculino. Por esse motivo, a vida sexual da mulher se dividiria em dois momentos, sendo um de caráter masculino e o outro especificamente feminino, isto é, em 1915, num acréscimo aos Três Ensaios, Freud define que masculino relaciona-se a atividade, enquanto que feminino seria a passividade. Nesse sentido, "considerando as manifestações sexuais autoeróticas e masturbatórias, é possível sustentar que a sexualidade das garotas pequenas tem caráter completamente masculino" (Freud,

1905/2016a, p.138-139), pois independente do sexo do sujeito e de seu objeto, a libido é sempre masculina, uma vez que é ativa, mesmo quando a meta é passiva. “Quando Freud utiliza essa palavra - bissexualidade - não visa uma divisão dos sexos, uma oposição masculino-feminino. Ele designa uma polaridade que assume o lugar da diferença entre os sexos” (André, 1987, p. 19).

Destarte, assim como faz uma troca de zona sexual, a menina também deverá realizar algo parecido no que diz respeito ao objeto de amor. Tal qual é para o menino, a mãe é o primeiro objeto de amor, mas, no caso da garotinha, ao final do desenvolvimento é o pai quem deverá ter se tornado o novo objeto de amor.

A respeito do complexo de Édipo, reconhece que tudo o que fora apresentado até então, referia-se somente à criança do sexo masculino e, no caso da menina, já vimos ser uma construção secundária. Sendo que, na fase do complexo de Édipo normal a criança está ligada ternamente ao genitor do sexo oposto, enquanto que, com o do mesmo sexo, prevalece a hostilidade. Isto é, no caso do menino funciona dessa maneira, pois a mãe foi seu primeiro objeto de amor e continua sendo durante o Édipo, e o pai permanece como seu rival. E é através da possibilidade da castração que o menino se descola das figuras parentais. Agora, quanto à menina, é diferente. A mãe também foi seu primeiro objeto de amor, assim, como ela vai encontrar o caminho para o pai? “Como, quando e por que ela se desliga da mãe?” (Freud, 1931/2019a, p.285), tendo em vista que a castração, que encerra o Édipo do menino, permite que a menina vivencie o complexo edipiano.

> Muito diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. A mulher reconhece o fato de sua castração e, com isso, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas também se revolta contra essa situação desagradável. (Freud, 1931/2019a, p.291).

Como consequência disso, para Freud, são três as possibilidades de desenvolvimento que vão advir do complexo de castração. A primeira levaria a um afastamento da sexualidade, pois ao ter o clitóris comparado ao pênis, a menina fica insatisfeita e desiste da atividade masculina, mas também da sexualidade geral, uma vez que a vagina ainda não fora descoberta. A segunda possibilidade diz respeito à persistência na posição masculina e o desejo por possuir um pênis se mantém até épocas tardias, elevando-o à condição de objetivo de vida. Assim, essa orientação refere-se ao complexo de masculinidade da menina. Somente a terceira saída seria a configuração feminina final, isto é, a que toma o pai como objeto e assim encontra a forma feminina do Édipo.

> Portanto, o complexo de Édipo na mulher é o resultado final de um longo desenvolvimento; ele não é destruído pela influência da castração, mas criado por ele; ele escapa das intensas influências hostis que atuam no homem como destruidoras e, inclusive, muito frequentemente, não é absolutamente superado pela mulher. (Freud, 1931/2019a, p. 291).

Deste modo, é possível perceber que essa fase de ligação exclusiva com a mãe, também chamada de pré-edípica, é para a mulher muito mais importante do que para o homem. Principalmente porque muitos acontecimentos da vida sexual feminina, que antes não eram acessíveis, têm seu esclarecimento remetidos a essa fase.

É necessário entender, então, de onde vem a posição hostil à mãe, isto é, quais são os mecanismos que se tornaram exitosos no afastamento em relação à mãe como objeto de amor. Assim, Freud enumera uma série de motivações, a partir das análises feitas, para explicar esse afastamento. São eles: o fato da mãe não ter alimentado-a suficientemente, por tê-la obrigado a dividir o amor materno com outros, por nunca ter preenchido todas as suas expectativas amorosas, por ter, num primeiro momento, estimulado sua atividade sexual e depois proibido, e, finalmente, o motivo mais forte para o afastamento, o ressentimento por não tê-la concebido com um genital correto, isto é, por tê-la trazido ao mundo como mulher. Entretanto, tais explicações não parecem ser suficientes para justificar a hostilidade final.

Freud conclui então que “talvez seja melhor dizer que a ligação com a mãe precisa acabar, justamente por ser a primeira e tão intensa” (Freud, 1931/2019a, p.297), mas sem conseguir dar maiores explicações a respeito disso.

No penúltimo tópico do texto trata das metas sexuais da menininha na fase pré-edípica, mais precisamente sobre o que ela demanda da mãe, e observa que, da mesma maneira que o menino, a menina transita entre a natureza ativa e passiva, que é determinada pelas fases da libido.

Dessa maneira, ao afastar-se da mãe, cessa também a masturbação clitoridiana, o que, frequentemente, leva ao recalcamento da masculinidade, ficando uma parte de seu anseio sexual permanentemente danificado. Com os anseios passivos vindo à tona, a troca de objeto amoroso pelo pai é realizada e assim, o caminho para o desabrochar da feminilidade está livre.

O último tópico é dedicado às mulheres analistas que se dispuseram a entender e resolver o enigma da feminilidade e que Freud buscou ler para fazer suas teorizações. E foi buscando responder a essa questão, que não foi encerrada em 1931, que Freud escreveu a conferência XXXIII, intitulada de “A feminilidade”, dois anos após. Mas logo nas primeiras

páginas, esclarece que "(...) a psicologia também não irá resolver o enigma da feminilidade. Esse esclarecimento deve vir de algum outro lugar, e não poderá vir antes de termos aprendido sobre de que modo surgiu a diferenciação dos seres vivos em dois sexos". (Freud, 1933/2019a, p.318).

Junta-se à impossibilidade de decifrar esse mistério, a singularidade da psicanálise em não desejar descrever o que é a mulher, mas a de teorizar sobre como ela se torna mulher, isto é, como uma criança dotada de disposição bissexual, ascende à feminilidade.

O que Freud traz de novidade nesse texto são as três orientações de desenvolvimento possíveis que a menina escolherá ao se dar conta de sua castração. Assim como o menino, o complexo de castração da menina se inicia quando ela vê o outro genital. É imediata sua percepção sobre a diferença entre o seu e o do outro, fazendo com que se sinta extremamente prejudicada. Nesse momento a garotinha cai vítima da inveja do pênis [*Penisneid*], que deixa marcas, isto é, a distinção anatômica imprime consequências psíquicas, que surgem no desenvolvimento e na formação do caráter da mulher.

Se perceber castrada é a virada no desenvolvimento da menina, pois é a partir disso que surgem três orientações de desenvolvimento possíveis, uma que leva à inibição sexual ou à neurose; a outra, à alteração do caráter, isto é, ao complexo de masculinidade e a última que seria a feminilidade normal, que para Freud, seria a saída pela maternidade.

A inibição sexual está relacionada ao abandono das atividades sexuais influenciada pela inveja do pênis, uma vez que, sentindo-se ofendida pela comparação de seu órgão com o do menino, a menina renuncia à satisfação encontrada o no clitóris, rejeita o amor da mãe e, ao mesmo tempo, recalca uma boa parte de seus desejos sexuais. O afastamento da mãe não é imediato, mas gradual, pois num primeiro momento a menina não se dá conta de que todas as mulheres são castradas, mas quando compreende, torna-se fácil abandoná-la como objeto de amor, já que a escolha estava ligada à mãe fálica.

A segunda orientação, o complexo de masculinidade, refere-se à recusa da menina em reconhecer sua castração. Dessa maneira, mantém a atividade clitoridiana e busca identificação com a mãe fálica ou com o pai.

Por fim, a saída normal, a maternidade, ligada ao desejo pelo pai. Freud esclarece que esse desejo, originariamente, é o desejo pelo pênis que a mãe lhe negou e que agora espera do pai. Porém, para que a feminilidade se estabeleça, é preciso que o desejo do pênis seja substituído pelo desejo do filho, numa equivalência simbólica. "Na expressão 'um filho do pai', a ênfase recai muito frequentemente sobre o filho, e o pai não é acentuado. Assim, o

antigo desejo masculino de possuir um pênis ainda opera através da feminilidade consumada". (Freud, 1933/2019a, p.334).

E é nesse momento, da transferência do desejo filho-pênis para o pai, que a menina se vê no complexo de Édipo. Para a menina, o Édipo é a saída de um longo e difícil desenvolvimento, quase que uma solução provisória que não é abandonada rapidamente, pois, diferente do menino, o complexo de castração para a garotinha é o que prepara e possibilita o complexo de Édipo em vez de destruí-lo. A partir da inveja do pênis, a menina sente-se prejudicada pela mãe e se afasta da mesma entrando no Édipo, porém, com a ausência da angústia de castração, falta o motivo principal para que ela supere o complexo. Dessa maneira, a menina permanece nele por tempo indeterminado.

O que Freud pode observar é que a resposta desse permanecimento no Édipo, foi a intensa dependência que algumas mulheres apresentavam sobre seus pais. Se deu conta, nessa época, que essa relação era baseada na relação que foi vivenciada com a mãe na situação pré-edípica.

> No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas as mulheres, minhas pacientes, contavam-me terem sido seduzidas pelo pai. Ao final, precisei reconhecer que esses relatos eram falsos e aprendi a entender que os sintomas histéricos derivam de fantasias e não de acontecimentos reais. Só mais tarde pude reconhecer, nessa fantasia de sedução pelo pai, a expressão do típico complexo de Édipo na mulher. (Freud, 1933/2019a, p.324).

Quer dizer, a mãe age, efetivamente, como uma sedutora, uma vez que é ela quem promove os cuidados de que a criança necessita no início da vida, e é através desses cuidados que a mãe erotiza o corpo da criança. Assim, a relação com o pai durante o Édipo e mesmo "após" é apenas um reflexo do que foi vivido com a mãe, de maneira que a fixação que aparece, não diz respeito somente ao progenitor, mas à progenitora também.

Após toda a explanação de como Freud teorizou a feminilidade e o vir-a-ser mulher, lançamos mão das reflexões feitas por Serge André (1987), que coloca "o tornar-se mulher aparece como um impasse, e Freud se resigna a fazer da inveja do pênis o termo insuperável da análise de uma mulher. O destino da feminilidade, na doutrina freudiana, é problemático" (p.25), pois como explicar que é a partir do complexo de castração que a feminilidade emerge na menina? Isto é, "(...) é por efeito do complexo que a menina deve se reconciliar com sua anatomia" (André, 1987, p.24).

A descoberta de que a mãe é castrada, faz com que, tanto o menino, quanto a menina, desvalorizem essa figura. No caso da menina, há ainda a culpabilização da mãe por sua própria falta, que faz surgir o ressentimento e se traduz no desejo por aquele que possui o

pênis. Dessa forma, a menina se volta ao pai, que porta esse falo, na esperança de que ele lhe dê aquilo que, naturalmente, sua mãe não pode. “Em outros termos, é na medida em que ela quer aquilo que falta a sua mãe que se torna uma mulher”. (André, 1987, p.25)

Marie-Hélène Brousse (2004) faz coro à afirmação de André (1987) de que para Freud o *penisneid* apresenta-se como o limite da análise dos sujeitos femininos, fazendo a sexualidade feminina derivar dessa inveja. Além disso, aponta que a terceira consequência deste encontro com a castração, que se refere à relação com a mãe, que é posta como responsável pela falta da filha, é o que chamamos aqui de devastação, que abordaremos com mais profundidade nos próximos capítulos.

Por fim, após esse percurso realizado, passando pelos principais textos onde Freud trabalha a questão da sexualidade e da constituição do sujeito, faremos breves considerações a respeito do que, naquela época, era despercebido por ele sobre os casos apresentados.

1.3 O caso Dora

O tratamento de Dora, como ele escolheu chamá-la, durou três meses, tendo sido interrompido em 31 de dezembro de 1899, de acordo com a nota de rodapé acrescentada em 1923.

Baseado na teoria apresentada nos “Estudos sobre a histeria” entre 1893 e 1895, Freud conduziu o caso, pois acreditava num modelo de tratamento onde os sintomas poderiam ser solucionados totalmente. Porém, ainda no prefácio do caso, que fora publicado somente em 1905, aponta que “(...) desde os *Estudos* a técnica psicanalítica sofreu uma completa revolução” (1905/2016a, p.180). O trabalho, naquela época, partia dos sintomas e tinha como objetivo desfazê-los, o que foi abandonado por ele, pois passou a considerá-lo inteiramente inadequado à neurose e apontou que “a nova técnica bastante superior à velha, e, indiscutivelmente, a única possível”. (1905/2016a, p.180).

Durante os meses de atendimento, Freud pôs-se a ouvir a menina de 18 anos que morava com os pais e o irmão mais velho, e demonstrava uma intensa afeição pelo pai, um homem de 45 anos que tivera enfrentado diversas doenças no decorrer da vida da jovem. A mãe da jovem aparentava ser uma mulher inculta, pouco inteligente, que tornou-se muito preocupada com os cuidados da casa após o adoecimento do marido, o que Freud chamou de “psicose de dona de casa”.

Dora apresentava sintomas nervosos diversos, tratados por médicos desde os oito anos de idade. Porém, o que fez com que a jovem fosse levada ao tratamento psicanalítico foi seu ânimo deprimido que a fazia evitar encontros sociais, a hostilidade com que tratava o pai, os

desentendimentos constantes com a mãe e uma carta, fatídica para o início do tratamento, onde ela se despedia deles.

Ao presenciar uma espécie de síncope da filha, o pai resolve levá-la ao consultório do médico, criador de uma teoria recente, que já o havia atendido em outras ocasiões. Isto faz com que Freud conheça a jovem antes, através de seu progenitor.

A história que se apresenta é a de uma moça de 18 anos, envolvida num romance familiar, entre o pai, a mãe, o sr. K e a sra. K. A mãe de Dora, como explicitado, era uma mulher extremamente preocupada com a conservação da casa e o pai, um empresário dono de fábricas, que firmaram uma grande amizade com a família K.

O pai tomou para si a função de deixar Freud a par da situação de sua filha, contando a respeito de um episódio específico que Dora houvera lhe contado sobre uma investida amorosa feita pelo sr. K, que foi veementemente negada pelo acusado. Por isso, essa história foi tratada como algo inventado por Dora que possuía grande curiosidade sobre sexo, tendo lido livros sobre o assunto e discutido com pessoas próximas sobre.

Além disso, o pai não se conformava com a insistência da jovem para que se afastasse do casal, principalmente da sra. K, tão querida por ele e um dia tão venerada por ela.

Consoante ao que foi apontado no início do texto, na época do caso Dora, Freud estava estudando, juntamente com Breuer, os casos de histeria, aplicando a hipnose como técnica. Assim, a partir desta teoria, ele acreditava que a experiência com o sr. K haveria dado à Dora um trauma psíquico, isto é, o afeto de pavor que surge diante da experiência traumática, considerado por eles como uma “precondição indispensável para a gênese de um estado patológico histérico”. (Freud, 1905/2016a, p. 199).

A respeito da teoria do trauma, desenvolvida em 1893, consideravam que

> Na neurose traumática não é o ferimento físico insignificante a causa efetiva da doença, mas o afeto de pavor, o trauma psíquico. De maneira análoga, para muitos, senão para a maioria dos sintomas histéricos, nossas investigações revelaram causas imediatas que devemos designar como traumas psíquicos. Toda vivência que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende, compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada. (Freud, 1893/2016b, p.22)

É nesse texto que Freud aponta que “o histérico sofre sobretudo de reminiscências” (Freud, 1893/2016b, p.25), isto é, se a reação diante do trauma é afastada, o afeto permanecerá ligado à lembrança. Assim, considera que foi o acidente que provocou o sintoma e, a cada ataque histérico, seria possível perceber que os doentes alucinam aquele mesmo evento que desencadeou a primeira crise.

Além disso, há uma dessemelhança entre o sintoma histérico que se apresenta de maneira persistente por anos e a causa que motivou o sofrimento, uma vez que, frequentemente, são acontecimentos da infância que produziram um sintoma de maior ou menor gravidade por todos os anos que se seguiram, por isso decide investigar mais a fundo outras vivências de Dora.

Assim, outra experiência é apresentada e ele faz suas interpretações, isto é, usa do trauma para explicar um sintoma. Essa segunda vivência seria um beijo dado pelo Sr. K, que para Freud, foi recebida com nojo por Dora, havendo ali um deslocamento, ou seja, em vez da sensação genital, foi o asco que surgiu. (Freud, 1905/2016a)

Esse sintoma não permaneceu de forma explícita, mas se juntou a outros, pois, ao sentir o beijo, Dora experimentou uma pressão na parte superior de seu corpo e conforme entendeu Freud, pôde sentir o genital de Sr. K encostar em sua barriga, o que fez com que a menina se afastasse de qualquer homem que lhe parecesse sexualmente excitado. Para ele, então, haveria três sintomas: o asco, a pressão na parte superior do corpo e o medo de homens conversando animadamente.

> O nojo corresponde ao sintoma de repressão na zona erógena dos lábios (viciada pelo hábito infantil de chupar, como veremos). A pressão do membro ereto provavelmente acarretou uma mudança análoga no órgão feminino correspondente, o clitóris, e a excitação desta segunda zona erógena foi fixada, mediante deslocamento, na simultânea sensação de pressão no tórax. O medo de homens possivelmente excitados segue o mecanismo de uma fobia, para guardar-se de uma revivescência da percepção reprimida. (Freud, 1905/2016a, p.203)

Dito isto, é possível perceber como Freud comprovou sua teoria do trauma durante o tratamento da jovem. Porém, consideramos aqui, este como o primeiro impasse teórico encontrado pelo criador da psicanálise, o qual ele deixa explícito na nota de rodapé e também no texto, pois este caso mostra algumas dificuldades que o levaram para além da primeira teoria.

Para isto, faremos um breve retorno na teoria psicanalítica, ao início da construção da teoria da sedução traumática. Em 1º de janeiro de 1896, no Manuscrito K (1896/2019b), carta enviada a Fliess, Freud inicia suas teorizações sobre a etiologia das psiconeuroses. Nesta correspondência, aponta que tanto a histeria, quanto a neurose obsessiva e a paranoia surgem das mesmas ocasiões, isto é, para que sejam desencadeadas, precisam ser de natureza sexual e transcorrer antes do período da maturidade sexual. E aponta que para que haja repetição da vivência, é necessário que se atravesse a puberdade, pois essa fase intensifica o efeito da manifestação.

No mesmo ano, numa outra carta, datada de 30 de maio (Freud, 1896/1986), Freud declara que a causa da histeria estaria na fase “Ia”, uma tenra fase do desenvolvimento, que iria até os 4 anos de idade. Indica que esta fase tem a característica de ser intraduzível, assim, uma cena sexual ocorrida neste momento não teria consequências psíquicas, mas sim de realizações, isto é, conversão, pois o excesso de sexualidade impediria a tradução.

> Em outras palavras, as cenas da histeria recaem na primeira fase da infância (até 4 anos), na qual os resíduos mnêmicos não se traduzem em imagens verbais. É indiferente se essas cenas de Ia são evocadas no período posterior à segunda dentição (8 a 10 anos) ou no estágio da puberdade. O resultado é sempre a histeria, e em sua forma de conversão, pois a atuação conjunta da defesa e do excesso dc sexualidade impede a tradução. (Freud, 1896/1986, p.189)

Alguns meses depois, ao final de 1896 (2019b), apresenta a hipótese de que a sedução por parte do pai seria a marca principal da etiologia das neuroses. Além disso, essa sedução seria, na maioria dos casos, a própria cena traumática. Essa teoria, além de apresentar o caráter sexual das neuroses, situa também o que causa os mecanismos de defesa. “(...) não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual” (Freud, 1896/2006a, p.97). Isto é, para que haja a revivescência, é preciso que os significantes se repitam e que haja investimento libidinal, pois este ressignifica a primeira experiência.

Podemos evocar aqui o sentido de *a posteriori*, sendo que

> O *a posteriori* é a reunião paradoxal de um trauma (que pressupõe um arrombamento [efração] das fronteiras do eu) e de um sentido que advém ou se transforma. É frequente que tenha resultado daí um esmaecimento da noção, e quando uma das duas noções se apaga, é sempre o trauma que é negligenciado. Não resta senão uma significação tardia, postergada em relação à ocasião do acontecimento. (...) A noção de trauma é pré-psicanalítica: a contribuição original de Freud a essa teoria do trauma foi precisamente ter definido o trauma psíquico como um golpe em dois tempos, o que o termo a posteriori quer dizer. São necessários dois golpes, dois traumas, para formar um trauma psíquico. (André, 2013, p.128).

Dessa forma, como colocado por Freud (1896/2006a), o sujeito sofreria passivamente alguma situação de conteúdo sexual, por um adulto, normalmente o pai, ou uma criança mais velha; e o trauma aconteceria em dois momentos: quando a criança é exposta precocemente à situação de sedução e após a maturação sexual, quando trauma retornaria através dos sintomas.

Importante ressaltar que as experiências que surgem durante ou após a puberdade só possuem efeito de desencadear a histeria, pois despertam um traço mnêmico dos traumas da

infância, que não apresentam-se de forma consciente, mas surgem como uma descarga de afeto ao recalcamento.

> (...) Esse papel dos traumas posteriores se adequa bem ao fato de que eles não estão sujeitos às condições estritas que regem os traumas da infância, mas podem variar em intensidade e natureza, desde a efetiva violação sexual até meras investidas sexuais, ou ao testemunho dos atos sexuais de outras pessoas, ou ao recebimento de informações sobre os processos sexuais. (Freud, 1896/2006a, p.98).

Todavia, na carta emblemática de 21 de setembro de 1897, Freud comunica a Fliess: "Não acredito mais em minha *Neurotica* [Neurotika]" (Freud, 1897/2019b, p.47). Isto porque constata a impossibilidade de afirmar que em todos os casos seria o pai o sedutor, pois, para isso, haveria de ser um perverso. "A perversão tem de ser incomensuravelmente mais frequente do que a histeria" (Freud, 1897/2019b, p.48). Somando-se a isso, conclui que não é possível distinguir entre o que é verdade ou mentira no inconsciente.[6] "Assim, restaria a solução de que a fantasia sexual se apodera regularmente do tema dos pais" (Freud, 1897/2019b, p.48). Dessa maneira, a teoria da sedução não lhe parecia lógica, sendo preciso revê-la.

Contudo, a noção de fantasia já estava presente na obra, mesmo durante o processo de construção da teoria da sedução traumática. Em sua correspondência com Fliess, de 2 de maio de 1897, Freud escreve

> (...) adquiri uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas |do passado|. A algumas se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal. (Freud, 1897/1986, p.240)

No Rascunho L, anexo a esta carta, há também tal concepção na "Arquitetura da histeria" (Freud, 1897/1986, p.241):

> O objetivo parece ser o de alcançar as cenas |sexuais| mais primitivas. Em alguns casos, isso se consegue diretamente, porém, em outros, somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem, simultaneamente, à tendência a aperfeiçoar as lembranças e à tendência a sublimá-las.

---

[6]Como descrito por Freud em 1915, o Inconsciente possui características próprias, sendo elas: ausência de contradição, pois os impulsos coexistem sem interferência mútua e não se contradizem; o que vigora é o processo primário, ou seja, uma ideia pode transferir a outra todo o seu investimento, da mesma forma que pode receber o investimento de várias outras; atemporalidade, isto é, não há ordenamento temporal, pois não há passagem de tempo; e, por fim, a substituição da realidade externa pela psíquica, porque os processos são sujeitos ao princípio do prazer e "(...) seu destino depende apenas de sua intensidade e de cumprirem ou não as exigências da regulação prazer-desprazer." (Freud, 1915/2016c, p.128)

Como apontado por Abel (2011), nesse momento da teoria, as fantasias se organizam como algo que deva ser atravessado, de maneira que seja possível acessar as lembranças traumáticas. Essa questão é retomada no Manuscrito M, de 25 de maio de 1897, onde faz uma definição da fantasia, como sendo o que surge "(...) de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas" (Freud, 1897/1986, p.248).

Seguindo o texto, considera as fantasias como ficções inconscientes, construídas por "amalgamação e distorção", pois ocorre a falsificação da lembrança, através da fragmentação, negligenciando as relações cronológicas "(As correções cronológicas parecem depender especificamente da atividade do sistema da consciência.)" (Freud, 1897/1986, p.248). Assim, um trecho de uma cena visual se junta a um trecho de cena auditiva, formando uma fantasia, o que torna impossível rastrear a cena original.

> Quando, nessas circunstâncias, a intensidade de uma dessas fantasias aumenta a tal ponto que ela é obrigada a forçar sua entrada na consciência, a fantasia é submetida ao recalcamento e um sintoma é gerado, através de um |processo| de rechaçar a fantasia para as lembranças que a constituíram. (Freud, 1897/1986, p.248)

Dessa maneira, Abel (2011) coloca que a fantasia é concebida em sua função de defesa, passível de produzir sintomas.

Retomando o caso de Dora, Freud acreditava que era necessário que a paciente falasse sobre seus laços com o sr. K, mas o que surgiam eram lembranças relacionadas ao pai e sua incapacidade de perdoá-lo por manter os laços de amizade com os K. Além disso, a jovem começou a relatar suas certezas a respeito da natureza do relacionamento de seu pai com a sra. K, apresentando histórias que confirmariam que se tratava de um envolvimento amoroso e não somente amizade, como ele gostava de dizer.

> O pai era insincero, tinha um quê de falsidade no caráter, pensava apenas em sua própria satisfação e possuía o dom de ajustar as coisas para sua conveniência: comecei a ouvir essas críticas principalmente nos dias em que o pai sentiu seu estado piorar de novo e partiu para B. por algumas semanas, e Dora, sempre perspicaz, descobriu que também a sra. K. saíra da cidade com o mesmo destino, a fim de visitar seus parentes. (Freud, 1905/2016a, p. 208)

Além disso, a jovem sentia-se como um prêmio deixado pelo pai ao sr. K, pois este aceitava a relação extraconjugal da esposa. Mas como apontado por Freud, ela tornara-se cúmplice dessa relação e não aceitava os indícios de sua verdadeira natureza.

Uma personagem interessante da história da jovem foi uma preceptora, que lia diversos livros, principalmente sobre sexo, e passava para ela os conhecimentos adquiridos. Essa mulher foi responsável por incitar os ânimos da jovem contra a sra. K, apontando para a estranha relação que essa mantinha com o pai de Dora. A reviravolta se dá quando a menina acredita que a professora nutria sentimentos por seu pai, tendo comportamentos diferentes na presença do mesmo. Assim, Dora livrou-se dela.

Freud aponta que "a pobre mulher lhe fizera ver, com uma clareza não desejada, um aspecto de seu próprio comportamento" (1905/2016a, p.212), quer dizer, a preceptora havia transmitido à Dora uma maneira de ser mãe, uma vez que essa havia se comportado da mesma maneira com os filhos dos K. Naquele momento, ele acreditava que a jovem encontrava-se apaixonada pelo sr. K, assim como a professora demonstrava interesse por seu pai.

Dessa maneira, percebe também as identificações sintomáticas feitas por Dora. Como a jovem insistia em queixar-se do pai, Freud buscou interpretar o sintoma da afonia e tosse a partir dessa relação.

Nesse sentido, como apontado por ele, o sintoma pode ter mais de um significado e um deles pode ser uma representação/realização de um desejo sexual, tendo em vista que "são a expressão de seus mais secretos desejos recalcados[7]" (Freud, 1905/2016a, p.174) e essas manifestações patológicas, seriam a "atividade sexual dos doentes" (p.310), pois a sexualidade apresenta-se em várias ocasiões e fornece a "força motriz" para cada sintoma e cada forma de expressão deste.

Assim, a partir da fala de Dora, Freud compreende que seu pai era impotente e mantinha um relacionamento incongruente, se pudermos dizer, com uma mulher que estava com ele por ser um homem de recursos (potência). Isto posto, foi possível interpretar que a jovem tinha conhecimento a respeito de outras formas de satisfação sexual, isto é, do uso de órgãos que não os sexuais. Seu sintoma estava, então, ligado a uma satisfação sexual pela boca, relativa às vivências da tenra infância, como por exemplo, a amamentação.

Em 1905(2016a) nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", mesmo ano de publicação do caso Dora, Freud apresenta suas teorizações a respeito da sexualidade e propõe uma transformação no pensamento social, pois:

---

[7] Conforme Maria Rita Kehl: "As novas traduções de Freud para o português, (...) estabelecem o termo repressão como tradução exata da palavra alemã *Verdrängung*. Embora seja forçada a reconhecer a exatidão dessa escolha, tomo a liberdade de manter as palavras recalcamento e recalque, tais como consagradas na França pelo *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1967)" (2011, p.14). Da mesma maneira que optaremos por manter o termo *pulsão*, não utilizando instinto como tradução para *trieb*.

> A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou pelo menos, as ações que se acham no caminho dela. (Freud, 1905/2016a, p.21)

O que ele pôde perceber foi que o desejo realiza desvios no que diz respeito ao objeto sexual e à meta sexual. Além disso, logo no segundo ensaio, que diz respeito a sexualidade infantil, inicia apontando o erro cometido, com grandes consequências, de se ignorar a existência de uma sexualidade na criança, pois "um estudo aprofundado das manifestações sexuais infantis provavelmente revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, mostraria seu desenvolvimento e nos faria ver sua composição a partir de várias fontes" (Freud, 1905/2016a, p.73).

Dessa maneira, como indicado por Bidaud (2013), a grande descoberta feita por Freud não é sobre a sexualidade da criança e sim sobre o infantil da sexualidade que é o mesmo tanto para adultos quanto para crianças. Isto é, a vida sexual do sujeito é marcada pelo selo do infantil, designando, assim, a mesma sexualidade: um não-saber sobre como lidar com a alteridade, seja ela qual for a dimensão em que se apresenta, seja a alteridade da satisfação pulsional, seja a alteridade da relação com o Outro. O que tem de subversivo na psicanálise é ter infantilizado a sexualidade do adulto.

Assim sendo, talvez possamos dizer que a recusa em acreditar numa sexualidade tão primeva, esteja relacionada ao tabu que envolve a temática, mas também à falta de memórias a respeito dessa época da vida, principalmente memórias com conteúdos sexuais. Dessa forma, Freud buscou compreender a amnésia infantil, pois não entendia como seria possível que nossa memória fosse tão falha, principalmente num período da vida em que se seria capaz de absorver tanto, a ponto de não armazenar acontecimentos de uma grande fase do desenvolvimento.

Todavia, percebe que as memórias não são exatamente inexistentes, já que são capazes de deixar marcas profundas em nossa vida psíquica que serão determinantes para nosso desenvolvimento posterior. Assim, não se trata de um desaparecimento por completo das impressões da infância, mas um processo de afastamento da consciência, isto é, de recalque.

Desse modo, há uma semelhança entre o estado psíquico da criança e do psiconeurótico, assim como há com relação à sexualidade, pois, a sexualidade dos psiconeuróticos manteve a situação infantil ou foi reconduzida a ela.

> É mais do que algo simplesmente engenhoso ligar a amnésia infantil com a histérica. A amnésia histérica, que está a serviço do recalque, pode ser explicada somente pelo fato de o indivíduo já possuir um acervo de traços mnemônicos que estão subtraídos à disponibilidade consciente e que agora, por um vínculo associativo, apoderam-se daquilo sobre o qual atuam, a partir da consciência, as forças repulsoras da repressão. Sem amnésia infantil, pode-se dizer, não haveria amnésia histérica. (Freud, 1905/2016a, p.77).

Os sintomas relacionados às vivências da infância só começam a surgir a partir da puberdade, tendo o sujeito que experienciar o período de latência. Nessa fase de seu desenvolvimento, serão formados os sentimentos de nojo, vergonha e os ideais estéticos e morais, que servirão de represas, entraves à pulsão sexual, pois até esse momento a criança experimenta uma sexualidade autoerótica[8], perversa polimorfa [9]e sua meta sexual é a de gerar satisfação através da estimulação de uma zona erógena[10].

Segundo Freud (1905/2016a), as manifestações da sexualidade infantil apresentam três características essenciais, isto é, se apoia em funções vitais do corpo; não possui objeto sexual pré-determinado, está subordinada aos órgãos genitais, sendo por isso, autoerótica; e sua meta[11] sexual é dominada por uma zona erógena, que se altera durante o desenvolvimento psicossexual.

A primeira manifestação dessa sexualidade concentra-se na região da boca, ligada à primeira e mais vital atividade da criança, alimentar-se no seio da mãe (ou seus substitutos). Seguindo desenvolvimento do sujeito, a zona anal se torna adequada para ser uma zona erógena e favorecer um apoio da sexualidade. Por fim, o começo da futura vida sexual "normal" tem início com as atividades sexuais nos órgãos sexuais propriamente ditos.

No que diz respeito à escolha de objeto, Freud (1905/2016a) demonstra ocorrer em dois tempos da vida do sujeito, sendo a primeira no início da infância e a segunda com a puberdade, tomando a configuração definitiva da vida sexual.

Conforme Laplanche e Pontalis (2001)

---

[8] O autoerotismo é uma atividade sexual, onde o instinto não se encontra dirigido para outras pessoas, pois ele se satisfaz no próprio corpo.

[9] Sob influência da sedução, a criança torna-se polimorficamente perversa, isto é, capaz de experienciar prazer de múltiplas maneiras, em múltiplas zonas do corpo e com múltiplos objetos.

[10] "É uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade". (1905/2016a, p.87)

[11] A pulsão (1915/2019c) possui quatro características, a saber: pressão (ímpeto ou ânsia), meta (alvo), objeto e fonte da pulsão. A pressão é o fator motor, a medida da exigência de trabalho que ela representa, pois "toda pulsão é uma parcela de atividade" (p.25); a meta é a satisfação da pulsão, que pode ser alcançada por diferentes caminhos; o objeto é o que, junto ou através do qual, a pulsão é capaz de alcançar sua meta. "Não é necessariamente um objeto material estranho ao sujeito, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo" (p.27). Por fim, entende-se como fonte da pulsão, o processo somático em uma parte do corpo ou órgão, que é representado na vida anímica através da pulsão.

> O termo "escolha" não deve ser tomado aqui (...) num sentido intelectualista (escolha entre diversos possíveis igualmente presentes). Evoca o que pode haver de irreversível e de determinante na eleição pelo sujeito, num momento decisivo da sua história, do seu tipo de objeto de amor. (p.154)

O segundo momento da escolha de objeto, durante a puberdade, é de renúncia aos objetos sexuais infantis. A primeira satisfação sexual, mamar no seio da mãe, é uma pulsão sexual que possui objeto fora do corpo, mas a criança não possui a construção de um corpo externo ao seu, sendo assim, toma a experiência como autoerótica. Somente após o período de latência é que a relação original será restabelecida. Dessa maneira, "a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta". (Freud, 1905/2016a, p.143).

Como apontado anteriormente, no início da teoria, Freud realiza uma distinção entre a sexualidade infantil e a sexualidade do adulto, porém, com a construção teórica, vai tomando forma a noção de que os processos psíquicos infantis, no que diz respeito aos afetos e representações, tendem a servir de modelo para as relações adultas. Mas além disso, a partir da citação acima, se apresenta uma outra questão: da complexidade da experiência temporal, no sentido compreendido pela psicanálise. Dessa maneira, como nas experiências traumáticas discorridas num outro momento,

> Se há uma linha regressiva, em que o passado explica o presente (as escolhas objetais passadas explicam as escolhas atuais ou posteriores), há também o caminho inverso, em que só as experiências posteriores podem fazer com que as passadas ganhem sentido, ganhem significado. Essa última forma de compreender a temporalidade, como se sabe, foi denominada por Freud de *Nachträglichkeit* (posterioridade). (Coelho Jr., 2001, p.40).

Assim sendo, diversas questões vivenciadas pelo sujeito só terão significado *a posteriori*, de vez que o inconsciente possui uma temporalidade própria e não está sob a lógica do nosso tempo cronológico.

E, por isso, é no período de latência que a criança aprende a amar outras pessoas baseado na relação que estabeleceu com a mãe, pois é ela a responsável pelo trato, fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas. Através das carícias, dos beijos e do embalo da criança, a mãe a trata como um substituto de um objeto sexual completo, e é através disso que o sujeito aprende a amar.

Contudo, é também por esse motivo que seria mais fácil para o sujeito escolher como objeto sexual as pessoas que ama desde a infância, porém, com o adiamento da maturação

sexual, foi possível erguer a barreira contra o incesto, de forma a proibir o indivíduo de escolher parentes sanguíneos como objeto de amor.

No entanto, na puberdade, a escolha do objeto é feita, primeiramente, na imaginação, através das fantasias ligadas à pesquisa sexual infantil.

> Com essas fantasias, reaparecem, em todos os seres humanos, as inclinações infantis, agora reforçadas pela pressão somática, e entre elas, com regular frequência e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em relação aos pais, geralmente já diferenciado graças à atração pelo sexo oposto - o do filho pela mãe e o da filha pelo pai. (Freud, 1905/2016a, p.149).

Com a superação e repúdio dessas fantasias incestuosas, é possível para o sujeito se desprender da autoridade dos pais, criando a oposição da nova geração diante da antiga. Porém, mesmo que não haja fixação incestuosa da libido nas figuras parentais, não é possível escapar completamente à sua influência, uma vez que, normalmente, a escolha de objeto é feita a partir desses modelos.

Dora não foge a essa "regra", isto é, a tendência de a filha ligar-se ao pai e o filho à mãe, uma vez que, naturalmente, sentia-se inclinada ao pai, principalmente por suas doenças, que faziam aumentar o sentimento. Além disso, era a jovem que, em várias ocasiões, responsabilizava-se pelos cuidados necessários com as patologias do pai, sendo assim, era ela quem havia sido afastada de várias posições com o aparecimento de sra. K, e não sua mãe.

> Era evidente que a conduta de Dora ia muito além da condição de filha; ela se sentia e agia mais como uma esposa ciumenta, como se teria esperado de sua mãe. Com a exigência de "ela ou eu", as cenas que fez e a ameaça de suicídio que deixou vislumbrar, ela claramente se pôs no lugar da mãe. (...) Portanto, ela se identificava com as duas mulheres amadas pelo pai, a anterior e a de agora. (Freud, 1905/2016a, p.236)

No entanto, Freud não conseguia compreender porque essa paixão pelo pai não havia se manifestado por tanto tempo. Suas interpretações o levaram a constatar que tratava-se de um sintoma reativo, que estava reprimindo algo poderoso, o amor pelo sr. K. Amor esse que havia se sustentado até o episódio no lago, onde ele tentou beijá-la e havia, por motivo ainda desconhecido, despertou na jovem uma forte oposição ao homem.

Freud compreende que o retorno ao pai era uma forma de não mais notar, em sua consciência, esse primeiro amor que havia se tornado tão doloroso. "Assim ela chegou a se convencer de que estava tudo acabado com o sr. K. (...), mas teve de convocar e exagerar a inclinação infantil pelo pai para se proteger daquela paixão que continuamente buscava alcançar a consciência." (Freud, 1905/2016a, p.239), pois como indica nos "Três ensaios

sobre a teoria da sexualidade”, *“*(...) quando uma pessoa, antes sadia, adoece após uma experiência amorosa infeliz, é possível desvendar seguramente, como mecanismo da doença, a reversão de sua libido a pessoas prediletas na infância” (Freud, 1905/2016a, p.151).

Para além dessa paixão pelo pai e pelo sr. K, outra acresceu-se, pois a partir de um impulso ciumento dirigido à sra. K., Freud interpretou que essa também seria um objeto de amor para Dora, isto é, uma tendência homossexual da menina uma vez que, através das sessões, a jovem conta que ela e a senhora haviam vivido uma grande intimidade, inclusive dividindo o mesmo quarto, falando sobre todos os assuntos, principalmente sobre o sr. K. Dora também elogiava a forma física da mulher, gostava das coisas que ela usava e dizia saber que os presentes dados a ela pelo pai foram escolhidos por sra. K. Esse comportamento da jovem parecia incoerente a Freud, uma vez que a mulher era tratada como a causadora de sua infelicidade, mas ao mesmo tempo era motivo de admiração e amor.

Como estava no início da escrita do arcabouço teórico da psicanálise, Freud não se atentava para a questão da feminilidade que Dora apresentava, focando somente na questão do complexo de Édipo.

Assim, segue a análise da jovem, com o relato e interpretação dos dois sonhos levados por Dora, mas, pelo conteúdo do segundo, este receberá mais atenção, por isso, segue na íntegra:

> Estou passeando numa cidade que não conheço, vejo ruas e praças que são novas para mim. Chego à casa onde moro, subo para meu quarto e lá encontro uma carta de mamãe. Ela diz que, como eu saí de casa sem meus pais saberem, ela não queria me escrever dizendo que papai estava doente. Agora ele está morto, e, se você quiser, pode vir. Vou para a estação de trens e pergunto umas cem vezes: “Onde é a estação?”. Sempre me respondem: “Cinco minutos”. Então vejo um bosque cerrado à minha frente, entro nele e lá pergunto a um homem que encontro. Ele me diz “Mais duas horas e meia”. Ele se oferece para me acompanhar. Eu recuso e vou só. Vejo a estação de trens à minha frente e não posso alcançá-la. Nisso há a sensação de angústia habitual, quando não podemos seguir adiante nos sonhos. Então me acho em casa, devo ter andado de trem, mas não sei nada sobre isso. - Entro no cubículo do porteiro e lhe pergunto por nosso apartamento. A criada abre a porta e responde: “Sua mãe e os outros já estão no cemitério”. (Freud, 1905/2016a, p.284 e 285).

Freud interpretou tal sonho como uma fantasia de vingança, isto é, em seus conteúdos oníricos, Dora teria se vingado do pai, pois ela teria ido embora e aquele teria ficado sofrendo de saudades dela, completamente insone e insatisfeito sexualmente, uma vez que somente a jovem saberia sobre suas necessidade, sobre o que lhe faltava. Essa e outras interpretações são feitas, mas apontarei aqui algumas questões a partir de outro ponto de vista que não o usado por Freud.

No dia anterior ao sonho, Dora acompanhou um primo que estava de passagem por Viena. Levou-o para passear e comportou-se como turista em sua própria cidade, vagueando e visitando galerias que lhe agradavam, assim como no sonho, "(...) estou passeando numa cidade que não conheço, vejo ruas e praças que são novas para mim" (Freud, 1905/2016a, p.284). Quando se encontrava sozinha, na experiência vivida, "permaneceu duas horas diante da Madona Sistina, em extática admiração. Perguntada sobre o que tanto lhe agradava na pintura, não soube o que responder claramente. Por fim, disse: 'A Madona'.". (Freud, 1905/2016a, p.287). É válido lembrar que as madonas são representações de Virgem Maria, no catolicismo a mãe de Jesus, seja em pinturas, seja em esculturas, de traços serenos e jeito angelical.

Novamente no sonho, pergunta umas cem vezes onde fica a estação de trens, o que a fez lembrar que na noite anterior à essa experiência onírica, a família recebera visitas e após irem embora, o pai pediu-lhe que pegasse a garrafa de conhaque, pois não dormia sem uma dose. Solicitou à mãe a chave do armário onde a bebida estava guardada, mas ela estava numa conversa e não respondeu, até que a jovem, impaciente, exclamou "Já lhe perguntei cem vezes onde está a chave".

Outro questionamento também estava presente no sonho, "Se você quiser?", que Dora relacionou à uma pergunta contida na carta que a Sra K. havia enviado perguntando se ela gostaria de ir à L, o lago onde aconteceu a tentativa de beijo por parte do sr. K.

Nesse momento, Freud pede que Dora conte novamente sobre esse episódio. No início não havia coisas novas, mas a jovem lembrou-se de uma frase dita pelo sr. K, pouco antes de dar-lhe a bofetada: "Você sabe que eu nada tenho com minha mulher". Tal enunciado nos responde o porquê de a jovem ter se desiludido com o homem, exigindo que a família se afastasse dele e de sua companheira.

Ainda no sonho, no bosque onde estava perdida, encontra um homem a quem pergunta sobre quanto tempo demora até a estação e, insatisfeita com sua resposta, segue seu caminho. Esse lugar se parece muito com o bosque onde aconteceu o episódio com o sr. K e também com outro, visto por ela em uma pintura onde no fundo era possível ver ninfas. Nas notas de rodapé, Freud faz um comentário: "Aqui, pela terceira vez, deparamos com "imagem, quadro" (...), mas num vínculo bem mais significativo. Mediante o que se vê na imagem, torna-se *imagem de mulher*". (Freud, 1905/2016a, p.291)

Como consta numa nota de rodapé no posfácio do caso, para ele, a jovem estaria interessada amorosamente pela sra. K., o que explicaria sua fala "Como todos os homens são detestáveis, prefiro não me casar. Essa é a minha vingança". (Freud, 1905/2016a, p.317).

> Quanto maior o tempo que me separa do fim desta análise, mais provável me parece que o meu erro técnico consistiu na seguinte omissão: eu não percebi a tempo e não comuniquei à paciente que a mais forte das correntes inconscientes de sua vida psíquica era o impulso amoroso homossexual (ginecófilo) relativo à sra. K. Eu devia ter percebido que nenhuma outra pessoa podia ser a fonte principal de seu conhecimento das coisas sexuais, a mesma que depois a acusou pelo interesse em tais assuntos. De fato, era muito singular que ela conhecesse tudo que era chocante e não quisesse jamais saber de onde o conhecia. Esse mistério eu devia ter abordado, e procurado o motivo dessa estranha repressão. Então o segundo sonho o teria revelado. A implacável ânsia de vingança que esse sonho exprimia era adequada, como nenhuma outra coisa, para ocultar a corrente oposta, a magnanimidade com que ela perdoou a traição da amiga amada e escondeu de todos que ela mesma lhe fizera as revelações que depois serviram para a sua acusação. Antes de eu reconhecer a importância da corrente homossexual nos psiconeuróticos, muitas vezes permaneci parado ou me vi totalmente confuso no tratamento dos casos. (Freud, 1905/2016a, p. 317)

Na época do caso Dora, Freud estava diante de um impasse, o impasse da feminilidade, isto porque, naquele momento, estava em busca de explicar, corroborar ou rechaçar sua teoria da sexualidade, não tendo os conceitos necessários para compreender o que, de fato, se passava com a jovem.

Além disso, nosso objetivo, ao trazer o caso Dora, se deve ao fato de apresentar questões relativas à transmissão do desejo da mãe para sua filha e da busca por uma identificação, da busca por uma mulher que pudesse dizer o que significa ser amada por um homem, já que é a partir do amor, que, para Dora, torna-se mulher.

É um caso que nos permite apresentar conceitos freudianos que, na releitura de Lacan, foram de extrema importância para as suas contribuições a respeito do sujeito mulher.

Em seguida, trazemos outro caso que julgamos importante, tendo em vista que enxergamos traços de devastação, que se refletem na busca de Judith por um significante que designe a feminilidade, uma forma de explicar-lhe o que é uma mulher.

1.4 O caso da jovem homossexual

Em 31 de dezembro de 1899, Dora dava por encerrado o tratamento psicanalítico com Freud e, somente 5 anos depois, em 1905, é que a “Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”)”, foi publicada. No posfácio do caso, Freud nos diz que “é certo que anunciei este trabalho como uma análise fragmentária, mas o leitor terá percebido que ele é ainda mais incompleto do que esse título dava a entender” (Freud, 1905/2016a, p.307).

Interessante apontar que, como consta na nota de rodapé, o termo *Bruchstück*, que está no título original, significa “pedaço quebrado”. Para Freud, a intitulação do caso diz respeito às omissões feitas por ele com relação aos resultados da análise, mas podemos dizer

que refere-se à pequena parte de um conjunto, escolhida por ele, para ser trabalhada, tendo em vista que as questões de Dora iam além de seus sintomas histéricos e de sua questão sexual com o Sr. K e o pai. A jovem estava em busca da chave para a feminilidade, que surge de maneira tão gritante em seu segundo sonho. Porém, Freud não possuía os elementos teórico-clínicos necessários para compreender o desenvolvimento sexual feminino e os desdobramentos da feminilidade, não tendo teorizado sobre essa temática por um longo tempo dentro de sua obra.

O caso a seguir também nos mostra os impasses freudianos a respeito do feminino, de seu desenvolvimento e questões específicas.

"Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina" é um texto de 1920, que relata o caso de uma jovem de 18 anos, Judith, descrita por Freud, como sendo bonita e inteligente, vinda de uma família rica, que "(...) desperta o desgosto e a preocupação de seus pais pelo carinho com o qual ela persegue uma dama 'da sociedade', cerca de 10 anos mais velha que ela" (Freud, 1920/2019b, p.157). Essa mulher era considerada pelos pais da jovem como uma "cocota". Vivia com uma amiga casada, com a qual teria algum envolvimento e, ao mesmo tempo, mantinha relações amorosas com vários homens.

A respeito disso, entre 1910 e 1918, Freud escreveu três textos que fazem parte das "Contribuições para a psicologia da vida amorosa". Esses textos, principalmente o primeiro, de 1910, nos dizem muito sobre o que era vivenciado por essa jovem.

No texto de 1910, "Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens" (Freud, 1910/2019a) Freud nos apresenta algumas condições que fazem parte da vida amorosa dos neuróticos. Tais condições foram observadas por ele nos tratamentos psicanalíticos que atendia. A primeira delas diz respeito ao que ele chamou de "terceiro prejudicado", isto é, a pessoa jamais escolhe como objeto de amor uma mulher que esteja livre, que se encontre sozinha, pelo contrário, só há interesse por moças que possam ser reivindicadas por outro homem. A segunda condição seria o "amor por mulheres libertinas", ou seja, mulheres castas não exercem atrativos suficientes para serem elevadas a objeto amoroso, sendo somente aquela mulher que possui má reputação sexual e cuja fidelidade e confiabilidade sejam duvidosas, possível de ser colocada nessa posição. A terceira condição também está ligada à questão da libertinagem, assim, mulheres com essa característica tendem a ser objetos de amor de supremo valor. Por fim, a quarta condição, diz sobre a tendência dos amantes a sentirem-se como "salvadores", ou seja, são convencidos de que a mulher precisa deles, pois, do contrário, perderão todo o apoio moral. Nessa posição, o amante salva a mulher não a abandonando.

Freud (1910/2019a) examina esses traços e apresenta a hipótese de que esse tipo de escolha de objeto possui a mesma origem psíquica da vida amorosa das pessoas normais, em outras palavras, decorrem da fixação infantil do carinho pela mãe.

É válido esclarecer que esse texto refere-se a uma escolha particular dos homens, como está bem claro no título, desta maneira, durante toda a escrita, se refere somente à posição masculina. Porém, o que nos importa aqui é a fixação com a mãe e os desdobramentos disso na vida amorosa do sujeito.

Isto posto, Freud (1910/2019a) esmiúça a relação entre as condições para que uma mulher seja amada e a constelação materna. A primeira condição, do terceiro prejudicado, é facilmente explicada, tendo em vista que para uma criança que está inserida numa família, a mãe pertence ao pai, até o momento em que se torna mãe e o filho torna-se parte inseparável dela, sendo o pai o prejudicado nessa história.

A condição da libertinagem já parece contrariar a hipótese da derivação do complexo materno, pois a mãe surge como uma "personalidade de pureza moral inatacável" (Freud, 1910/2019a, p.127), porém, argumenta e justifica essa relação. Ao adquirir conhecimento sobre as relações sexuais entre os adultos, o menino sofre uma reviravolta na forma como enxerga os pais, já que a maneira como é explicado o sexo, por vezes é brutal, sem meias palavras e de modo depreciativo. O sujeito tenta escapar disso afirmando que "é possível que os seus pais e outras pessoas façam algo assim entre si, mas meus pais é totalmente impossível" (Freud, 1910/2019a, p. 128).

Seguindo o processo de "esclarecimento sexual", como colocado por Freud (1910/2019a), o menino descobre a existência das prostitutas e do sexo pago e entende que, pelo fato de receberem dinheiro em troca de sexo, são desprezadas. O jovem fica, então, dividido entre desejar essas mulheres e ter horror por elas, até o momento que descobrem que podem ser iniciados à vida sexual por elas. Assim, faz um paralelo entre sua mãe e as cortesãs, ao recordar tudo que ouviu sobre sexo, e entende que existe pouca diferença entre essas mulheres, pois, no fundo elas fazem o mesmo. Isso dá início às fantasias incestuosas do menino com a mãe, já que passa a desejar a mãe e odiar o pai, enxergando-o como um concorrente que impede que esse desejo seja satisfeito. Mas também não perdoa a mãe por ter escolhido o pai e não a ele. Dessa maneira, em suas fantasias a mãe é infiel ao pai e o amante possui os traços do próprio Eu, "(...) ou melhor, da própria personalidade idealizada e amadurecida para elevá-la ao nível do pai" (Freud, 1910/2019a, p.129).

A última condição está relacionada ao perigo ao qual a amada se coloca para viver o "romance proibido" com o amante, devendo este resguardá-la e poupá-la das consequências

que podem advir da infidelidade. E é a partir do complexo parental, como Freud chamou, que esse posicionamento pode ser explicado, pois ao ouvir que deve a vida aos pais, a criança entende que precisa devolver e presentear os pais com algo de igual valor. Com relação ao pai, forma-se a fantasia de salvá-lo de um perigo de vida, pois através dela, ficaria quite com este. O salvamento da mãe, quem presenteou a criança com a vida, ganha o significado de: é necessário dar-lhe um filho, como ele mesmo, de presente. A partir disso, Freud compreendeu que o que está em jogo nessa fantasia de salvamento é a identificação com o pai, o único capaz de salvar uma mulher de um destino cruel.

Como apontado anteriormente, esse texto refere-se à vida sexual do homem e, consequentemente, ao desenvolvimento sexual do sexo masculino, mas que se encaixa bem ao vivenciado por Judith, quando se interessa por uma mulher mais velha, que mantinha um relacionamento com outra pessoa, era taxada pela sociedade como uma libertina e passou a ocupar a posição de um objeto de amor muito estimado por ela.

A respeito disso, Freud coloca que

> Mais importante, certamente, é o fato de sua conduta com relação ao objeto amoroso ter assumido inteiramente o tipo masculino, isto é, a humildade e a enorme supervalorização sexual do amante masculino, a renúncia a qualquer tipo de satisfação narcísica, a preferência por amar antes de ser amado. Portanto, ela não tinha apenas eleito um objeto feminino, mas adotado uma posição masculina para com ele. (Freud, 1920/2019a, p.167).

Nessa época Freud fazia atribuições que seriam específicas a cada gênero, isto é, o gênero masculino estaria ligado à atividade enquanto o gênero feminino, à passividade. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905 (2016a), aponta que na menina ocorre o desenvolvimento das inibições da sexualidade, como a vergonha, o nojo, a compaixão e etc, mais cedo e com menor resistência do que no menino, sugerindo que haja uma maior tendência ao recalcamento sexual e quando surgem essas pulsões parciais da sexualidade, elas dão preferência à forma passiva. Com relação ao menino, além do exposto na citação acima, soma-se ainda, a “(...) expressão de um impulso de apoderamento que facilmente descamba para a crueldade”. (Freud, 1916/2014, p.434).

Por esses motivos é que se pode constatar que, além de ter feito uma eleição de objeto feminino, Judith adotou, também, uma posição masculina.

A jovem mostrava-se tão interessada por esta dama que havia abandonado todos os outros interesses que possuía, não se preocupando em continuar sua formação, interrompendo outros laços afetivos com amigos e mantendo por perto somente amigas com as quais pudesse

fazer confidências. Seus pais não sabiam até onde havia chegado esse “relacionamento” com a mulher mais velha, mas

> Nunca notaram na jovem qualquer interesse por homens jovens nem prazer por seus galanteios; por outro lado, estava claro para eles que essa inclinação atual por uma mulher era apenas a continuação intensificada do que se anunciou nos últimos anos quanto a outras pessoas do sexo feminino, o que provocou a suspeita e a inclemência do pai. (Freud, 1920/2019b, p.158).

Causava extremo descontentamento aos pais, o fato de a jovem não se incomodar em exibir-se pelas ruas mais movimentadas da cidade com a mulher amada, assim, como teria de acontecer, o pai encontrou com as duas pela rua e ficou furioso com isso. De imediato a jovem correu e jogou-se em direção a linha do trem, por cima de um muro, sofrendo um acidente que a deixou convalescendo por um tempo. Após recuperar-se, os pais deixaram de contrariá-la e a dama passou a tratá-la de forma mais amigável, pois até aquele momento mostrava-se inacessível e não aceitava suas investidas.

Seis meses após essa tentativa de suicídio, os pais decidem buscar tratamento para a filha, de maneira que essa pudesse ser “reconduzida à normalidade”. Já que a homossexualidade da filha os incomodava tanto, decidiram combatê-la por todos os meios, inclusive procurando pela psicanálise, mesmo essa sendo tão desprezada naquela época.

Freud (1920/2019b) nos apresenta os pais da jovem, sendo o pai um homem sério, respeitável e distante dos filhos por sua rigidez. Sua conduta com relação à filha era incentivada pela mãe, que num primeiro momento havia sido ouvinte e confidente da menina, mas que pela franqueza com que declarava seus sentimentos pela mulher ao mundo, resolveu distanciar-se e tomar partido contrário.

A atitude da mãe, num primeiro momento, não foi tão clara à Freud. Era uma mulher jovem, “que claramente não queria renunciar à pretensão de agradar por sua própria beleza” (Freud, 1920/2019b, p.160). Mas o que se apresentava de forma evidente era que não tomava o encantamento da jovem de maneira tão trágica e nem se indignava como o pai.

> Ela própria havia sido neurótica durante vários anos, deleitava-se com a grande atenção por parte do marido, tratava suas crianças de maneira bastante desigual, sendo, na verdade, dura com a filha e demasiado carinhosa com seus três filhos, dos quais o mais novo era temporão e na ocasião ainda não tinha 3 anos de idade. (Freud, 1920/2019b, p.160)

Todas as informações foram passadas a Freud por seus pais, tendo iniciado o tratamento da jovem de um lugar desconfortável, uma vez que Judith não havia procurando pela análise, pois não se sentia doente, nem estava sofrendo.

Dito isto, chegamos às informações colhidas e interpretadas por Freud durante o curto tempo de tratamento da jovem. Como já dito, a jovem possuía três irmãos, sendo que, na infância, após passar pelo complexo de Édipo sem muito alarde, começou a substituir o pai por um irmão um pouco mais velho. O nascimento do segundo irmão, quando Judith tinha entre 5 e 6 anos, não pareceu exercer nenhuma influência em seu desenvolvimento.

Dentre as "Conferências introdutórias à psicanálise", escritas entre 1916 e 1917, está a conferência XXI "O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais" (1916/2014), que trata sobre algumas questões relativas à sexualidade e seus desdobramentos. Assim, em consonância ao que foi observado na jovem, Freud aponta que

> O garoto pode transformar a irmã em objeto de amor, em substituição à mãe infiel; e, entre diversos irmãos a cortejar a irmãzinha mais nova, estabelece-se já na infância uma rivalidade hostil, situação tão importante em sua vida posterior. A menina, por sua vez, encontra no irmão mais velho um substituto para o pai, que já não lhe dedica o carinho de antes, ou adota uma irmã mais nova como substituta para o filho que, em vão, desejou ter com o pai. (Freud, 1916/2014, p.444).

Porém, ao invés de demonstrar interesse pelo irmão mais novo, mais ou menos aos 13 anos, a jovem manifestou um intenso carinho por um menino de 3 anos, com quem ela se encontrava sempre em um parque infantil. Na opinião de todos, sua predileção era exagerada, tendo se apegado à criança muito calorosamente, iniciando uma relação de amizade com os pais do menino.

> Desse acontecimento é possível concluir que, na época, ela foi dominada por um forte desejo de ser mãe e de ter um filho. Mas, pouco tempo depois, o garoto passou a lhe ser indiferente, e ela começou a mostrar interesse por mulheres maduras, mas ainda jovens. (Freud, 1920/2019b, p.168).

Essa mudança coincidiu com uma nova gravidez da mãe e o nascimento de um terceiro irmão quando estava com 16 anos e a análise permitiu confirmar que a dama amada era um substituto da mãe.

Os primeiros objetos de amor da jovem, desde o nascimento do último irmão, foram mães, mulheres entre 30 e 35 anos, que chegaram ao seu conhecimento através dos filhos, que eram encontrados durante as férias de verão ou no próprio círculo familiar da cidade. Um tempo depois essa condição da maternidade, foi abandonada, e, dessa maneira, foi possível enamorar-se pela dama, já que essa não era mãe.

No entanto, Freud pode observar uma outra característica importante para o contentamento de Judith pela mulher em questão, pois “a silhueta esbelta, a beleza severa e a natureza rude da dama faziam-na lembrar-se de seu próprio irmão, um pouco mais velho. Assim, o objeto escolhido por último não correspondia apenas ao seu ideal de mulher, mas também ao seu ideal de homem” (Freud, 1920/2019b, p.169).

Neste ponto Freud (1920/2019b) chega a um impasse, pois a partir de tudo que era sabido até aquele momento, como explicar que, justamente por conta do nascimento de uma criança, quando Judith já estava madura com seus próprios desejos, orientou sua ternura à mãe, mulher que deu à luz essa criança? O esperado era exatamente o contrário, pois nesse período da vida as mães tendem a afastar-se de suas filhas e estas a nutrir um sentimento misto de pena, desprezo e inveja pela mãe, o oposto da ternura sentida por Judith.

Pelo pouco que foi dito, tanto pelos pais, quanto pela jovem, já era possível observar que haviam poucos motivos para que a menina sentisse carinho por sua mãe, já que era vista como concorrente pela genitora, que preferiu os irmãos em detrimento da menina, limitou sua autonomia e era vigilante para que não se aproximasse do pai. Isso justifica a necessidade de Judith por uma mãe mais carinhosa, mas não explica a razão pela qual ela tenha escolhido essa figura como objeto de amor. Era esse ponto que se tornava uma interrogação para Freud.

E a explicação encontrada por ele foi semelhante à que usou para elucidar os sintomas e questões de Dora. Isto é, o momento pelo qual a jovem passava era o de renovação do complexo de Édipo infantil, assim, ao se dar conta de que desejava ter um filho homem de seu pai, foi assolada por uma grande decepção, uma vez que não fora ela a gerar esse filho, mas sua concorrente, inconscientemente, odiada, a mãe. “Furiosa e amargurada, afastou-se absolutamente do pai e dos homens em geral. Depois desse primeiro fracasso, rejeitou sua feminilidade e procurou outra colocação para sua libido”. (Freud, 1920/2019b, p.171). Nesse ponto, há que se discordar de Freud: Judith não estava rejeitando sua feminilidade, e sim a posição feminina, visto que isso se colocava como um enigma para ela, representado, aparentemente, por sua mãe que não lhe apresentava uma solução.

Dessa maneira, segundo Freud, após decepcionar-se, expulsou de si o desejo por um filho, o amor por homens e o papel feminino. De acordo com ele, existiam outras possibilidades de saída dessa situação, mas o que aconteceu foi o mais extremo, de outro modo, ela se transformou em homem e tomou a mãe como objeto de amor.

Freud (1920/2019b) também concatenou a respeito de outros motivos que pudessem ter levado a jovem a ser homossexual, sendo um deles a possibilidade de “deixar o caminho livre” para a mãe, uma vez que esta ainda apreciava ser cortejada e admirada por outros

homens. Portanto, ao se interessar por outras mulheres, “ela tiraria do caminho algo que até então tinha carregado a culpa pela antipatia da mãe” (Freud, 1920/2019b, p.172). E essa posição libidinal foi então reforçada pela recusa do pai, quer dizer, a jovem permanecia homossexual para desafiá-lo. “O pai tinha de ficar sabendo, de vez em quando, de seus encontros com a dama, do contrário ela perderia a satisfação da vingança que, para ela, era a mais urgente”. (Freud, 1920/2019b, p.173).

Conforme exposto anteriormente, o tipo de escolha de objeto amoroso feito por Judith se relacionava à forma masculina de escolha de objeto e Freud observa isso durante o tratamento da jovem, apontando que, mesmo sendo uma menina bem-educada e recatada, não se importava com a má reputação de sua adorada. E mais, observa também que as suas primeiras paixões tinham essas mesmas condições, isto é, não possuíam nenhuma inclinação a uma moralidade rígida. Todavia, nenhuma dessas mulheres era homossexual, tendo até rejeitado uma amiga, abertamente lésbica, que havia se colocado à sua disposição. Assim, podemos observar que a jovem estava mais interessada em conquistar mulheres com fama de libertina, ou, do nosso ponto de vista, estava interessada em estar com mulheres abertamente femininas, que, de alguma maneira, pudessem lhe transmitir algo que pudesse responder sobre o enigma da feminilidade que se impunha para ela, tendo em vista a relação distante e até conturbada com a mãe.

A respeito de sua tentativa de suicídio, Judith conta que ao ser flagrada pelo pai enquanto passeava com sua amada, confessa a ela que aquele senhor que as tinha encarado de maneira raivosa era seu pai e que esse não fazia gosto nenhum daquela relação. Sua amada ficou colérica e mandou que a jovem se afastasse, que não a procurasse ou lhe dirigisse a palavra, colocando um fim àquela história. Desesperada por ter perdido a mulher que amava, se jogou na morte.

É importante ressaltar que o olhar do pai que transmitia ferocidade, possui um valor significativo à jovem. Em “As pulsões e seus destinos” (1915/2019c), Freud aponta que o olhar integra as pulsões parciais sexuais,[12] que se caracteriza por um ato que busca a satisfação e o alívio da tensão. Para ele, haveria três tempos desse objeto que resulta numa ação: olhar-se, olhar e ser olhado. A partir disso, é possível constituir-se.

[12] “As pulsões, em sua estrutura, na tensão que elas estabelecem, estão ligadas a um fator econômico. Este fator econômico depende das condições nas quais exerce a função do princípio do prazer num nível que retomaremos, (...) como o termo Real-Ich. (...) Ele funciona, não como um sistema de relação, mas como um sistema destinado a garantir uma certa homeostase das tensões internas. É em razão da realidade do sistema homeostático que a sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais”. (Lacan, 1964/2008, p.173)

Ampliando os conceitos freudianos, Lacan (1964/1996) propõe que a pulsão escópica, diferente da pulsão oral e pulsão anal, que surgem a partir da demanda do Outro, está no desejo do Outro. “O objeto aqui é olhar - olhar que é o sujeito, que o atinge, que faz mosca no tiro ao alvo” (p.172). Esse olhar que o sujeito encontrou um dia e o perdeu, mas é repetidamente encontrado.

Entretanto, fica o questionamento “o que o sujeito procura ver quando olha?” e Lacan responde que “o que ele procura ver, saibam bem disto, é o objeto enquanto ausência” (1964/1996, p.173).

Dessa maneira, ao ser confrontada pelo olhar do pai, o real se faz presente através da presença do objeto da angústia, levando a jovem a uma tentativa de passagem ao ato, pois encontrava-se impossibilitada de lidar com esse real.

Com relação às passagens ao ato, Calazans (2015, p.131-132), nos informa que

> Outra maneira de estar mais próximo do objeto e tratá-lo pela via do real para que a angústia não emerja é a passagem ao ato. Nela o curto-circuito com o objeto é mais patente. A passagem ao ato é uma maneira radical de responder à presença do objeto da angústia. Radical uma vez que essa resposta real, ao se situar no registro do simbólico, implica em uma possibilidade de estilhaçamento da ordenação simbólica. Mais uma vez vemos como os atos são maneiras radicais de tratar o objeto da angústia devido à excessiva proximidade deste. No caso da passagem ao ato, Lacan a definirá como um deixar-se cair. No caso, o curto circuito sujeito-objeto toma o objeto como um resto, algo que não tem marcas significantes. Por outro lado, é uma resposta que se articula, por seu rompimento, com o registro do simbólico. Levamos aqui em consideração a posição de dejeto por ser uma resposta real que se dá no registro do simbólico. É uma tentativa radical de evitar que a angústia advenha.

A interpretação feita por Freud (1920/2019b), entretanto, foi a de que essa tentativa de suicídio estava ligada a dois motivos: uma realização de punição e uma realização de desejo.

Sobre a realização de desejo, aponta que a jovem estabeleceu uma ligação entre a proibição da amada e a feita pelo pai, isto é, ao proibir que ela gerasse um filho seu e quando sua adorada a proíbe de procurá-la. Quanto a realização de punição, no caso, de autopunição, Freud (1920/2019b) coloca que a jovem possuía fortes desejos inconscientes de morte contra um ou outro membros do casal parental, assim, como percebido por ele em outras análises, para encontrar energia psíquica para se matar, é necessário que esteja matando um objeto ao qual se identifica, dessa maneira, ao tentar se matar, demonstra que estava identificada com um deles.

De qualquer maneira, Freud enxerga que cabia ao pai o papel principal nas questões da jovem, tendo sido essa relação a responsável por iniciar e terminar o tratamento. E aponta que o sentimento de vingança para com o genitor tornou-se um empecilho para a análise, uma

vez que a jovem transferiu para ele a recusa ao homem, recusa essa derivada de sua decepção com o pai. “Portanto, interrompi o tratamento assim que reconheci a posição da jovem para com o pai e recomendei que, se ela dava valor à tentativa terapêutica, devia prosseguir com uma médica” (Freud, 1920/2019b, p.179).

Conforme indicamos anteriormente, assim como Dora, Judith foi atendida por Freud enquanto este construía a teoria psicanalítica, isto é, ainda sem as descobertas feitas anos depois. Ademais, quaisquer sintomas apresentados pelas mulheres, eram explicados através do *penisneid*, do intenso amor pelo pai, do desejo por um filho, do ressentimento para com a mãe e da saída normal pela maternidade.

Como um homem de seu tempo, Freud era cego para o desejo das mulheres em serem mais do que aquilo que lhes era disponibilizado, mas mais do que isso, era cego para o fato de que uma mãe, para sua filha, tem importância e significado maior e mais intenso que seu pai.

Em seguida, a partir de autores contemporâneos a Freud, fazemos algumas considerações sobre o que foi perdido pelo pai da psicanálise nos dois casos trabalhados.

1.5 Algumas considerações sobre Dora e Judith

Dora e Judith apresentam, de maneira marcante, questões relacionadas à feminilidade, ao corpo feminino e à mulher. Contudo, Freud tentou encaixar seus pais em suas fantasias, pois até o momento que se deu a análise das jovens, ele ainda não havia teorizado sobre a pré-história do complexo de Édipo, assim não foi capaz de identificar a importância das mães e suas substitutas na vida das duas.

André (1987) aponta que, no caso de Dora, Freud tentou insistentemente fazê-la reconhecer-se como objeto sexual para um homem, quando sua questão passava pelo enigma do que a outra mulher, a Sra. K, representava. Sua questão era o corpo que encarnava uma feminilidade misteriosa, “(...) quando Dora falava da sra. K., elogiava seu ‘corpo branco encantador’, num tom que lembrava antes o de uma namorada que o de uma rival derrotada” (Freud, 1905/2016a, p.243). Tudo muda quando essa mulher é posta em perigo pela fala do Sr. K.

> Assim voltamos à cena do lago e aos enigmas a ela relacionados. (...) O sr. K. havia começado com um preâmbulo um tanto sério, mas ela não o deixou concluir a fala. Tão logo viu do que se tratava, deu-lhe uma bofetada e saiu correndo. Eu quis saber que palavras ele havia usado; ela se recordava apenas da alegação dele: “Você sabe que eu nada tenho com minha mulher” (Freud, 1905/2016a, p.291)

Isto é, o mistério cai e a sra. K. é rebaixada ao nível de dejeto, isto é, algo que pode ser descartado e a jovem se revolta. Nesse momento, Freud não compreende isso e segue

apontando a relação com o sr. K., o que só provoca a repetição da fantasia de Dora, de que havia sido ofertada pelo pai como objeto para o sr. K. E, isso foi dito pela jovem durante uma sessão, "quando estava amargurada, vinha-lhe a ideia de que fora deixada ao sr. K. como prêmio por tolerar as relações entre seu pai e a mulher dele" (Freud, 1905/2016a, p.208).

Agora, por que Dora elegeu a sra. K. como uma possível resposta ao enigma da feminilidade e não sua mãe?

Logo no início do tratamento, ficamos sabendo que a mãe de Dora, pelo que foi dito a Freud, era inculta, pouco inteligente e sofria de "psicose de dona de casa", dedicando-se completamente ao cuidado da residência. A relação da jovem com a mãe era pouco amistosa e Dora fazia muitas críticas a ela, sempre diminuindo-a. Além disso, em conversas anteriores ao atendimento da jovem, o pai declara a Freud: "O senhor sabe que nada tenho com minha mulher" (Freud, 1905/2016a, p.198), mesma frase dita pelo sr. K. para dizer da posição ocupada pela sra. K em sua vida.

Isto posto, é a sra. K. quem é tomada como a detentora da resposta ao enigma da feminilidade, pois era ela quem causava desejo em dois homens, o pai e o sr. K, do ponto de vista de Dora. Sua mãe não era vista como mulher, não era causa de desejo de nenhum homem que a cercava, nem mesmo do sr. K., que era abertamente traído pela esposa.

Isso surge no segundo sonho da jovem, quando ela pergunta "(...) umas cem vezes pela estação" (Freud, 1905/2016a, p.284) e ao ser questionada por Freud, relata uma ocasião que precedeu o sonho.

> Ontem à noite tiveram visitas e, depois que as pessoas se foram, o pai lhe pediu que pegasse a garrafa de conhaque. Ela solicitou à mãe a chave do aparador, mas ela estava absorvida numa conversa e não lhe respondeu, até que Dora exclamou, com impaciente exagero: "Já lhe perguntei cem vezes onde está a chave". (Freud, 1905/2016a, p.288)

Freud faz um paralelo com o primeiro sonho de Dora, onde sua casa pegava fogo e ela contou: "Mamãe ainda quer apanhar sua caixa de joias, mas papai diz: 'Não quero morrer queimado, junto com meus dois filhos, por causa da sua caixa de joias'". (Freud, 1905/2016a, p.246). Para ele, "onde está a chave", seria um complemento masculino da pergunta "onde está a caixa?", pois em alemão, *schachtel* significa caixa, mas também é um termo pejorativo para "mulher". Isto é, compreende, baseado em sua interpretação de que Dora possui algum sentimento amoroso por Sr. K, que esses sonhos se referem a essa relação.

Entretanto, a partir de tudo que foi apresentado até aqui sobre a feminilidade ser um "vir-a-ser", o que a mãe desejava, no sonho, era não perder sua feminilidade, o que

significava ser mulher, para o fogo que consumia a casa, ou, numa especulação, seu casamento. O pai não se importava com isso, não colocaria a si e seus filhos em perigo por essa "jóia" da esposa, que não lhe interessava se era ou não mulher, tendo em vista que possuía a sra. K. E, o que surge no segundo sonho, é a tentativa de Dora em possuir o segredo e a resposta que a mãe tinha para o seu enigma, mas, novamente falhando, pois, como dito por ela sobre a noite que antecedeu o sonho, "a mãe estava absorvida numa conversa", podemos pensar, absorvida por algo que não lhe permitia transmitir à filha essa significação.

Dessa forma, o segundo sonho vem para corroborar o lugar da Sra. K. como a "senhora do desejo e detentora da feminilidade" (André, 1987, p.153). Dora se vê diante de um quadro onde se via uma Madona, isto é, a mulher aparecendo sob essa representação idealizada, de virgem e mãe. "Como 'deflorar', como trazer à luz o segredo dessa virgem, como abrir a caixa deste corpo de mulher que presentifica a Sra. K.?" (p.153).

É isto que a jovem busca resolver e encontrar no segundo sonho "(...) ela vai tranquilamente para seu quarto e se põe a ler um livro grande que está sobre a escrivaninha" (Freud, 1905/2016a, p.292). Tal livro seria uma enciclopédia, um dicionário onde, provavelmente, encontraria respostas sobre o feminino, assim como houvera encontrado informações sobre a apendicite do primo[13]. Todavia, a resposta encontrada fora recalcada e Freud a interpreta

> Logo de início Dora rememora um fato: quando um de seus primos teve apendicite, ela procurou o dicionário para se instruir quanto aos sintomas dessa afecção. Em seguida surge uma fantasia inconsciente. Depois de ter ela mesma se submetido a uma apendicectomia, Dora conservara um sintoma curioso: arrastava o pé direito. Freud o interpreta como o deslocamento por uma falta pela qual ela se pune: lendo o dicionário, Dora tinha dado um "mau passo". Ela se interessara, no dito dicionário, por outras passagens além das referentes à apendicite. Ora, esta tinha ocorrido nove meses depois da cena do lago com o Sr. K. Freud concluiu, então, a existência de uma fantasia inconsciente de gravidez, na qual a operação sofrida por Dora representaria um equivalente do parto. (André, 1987, p.154).

É aí que a jovem interrompe o tratamento. Para Freud, o sonho era endereçado, mas, assim como o dicionário tinha o papel de esclarecer para ela uma questão, o psicanalista também possuía essa função e, novamente, Dora não encontrou a explicação que procurava. "Que Freud lhe responda convidando-a a reconhecer em sua demanda a expressão de um anseio por receber um filho, isso só pode tapeá-la. Pois esse anseio por uma criança nunca é senão um *ersatz* - substituto - destinado a tapar a lacuna indizível da feminilidade" (André,

[13] Dora se recorda de um primo que ficou gravemente doente, o que impediu que seus familiares visitassem Viena.

1987, p.154). Pois o que ela esperava era que o analista lhe dissesse o que é uma mulher e sua resposta é: uma mãe. “Ela, depois disso, não tem outra saída senão abortar sua análise. A única resposta correta a se dar a Dora seria *não o saber*, mas o *não-saber*, não interpretação fornecendo um sentido, mas invenção transmitindo um não-senso” (André, 1987, p.155).

No posfácio do caso, Freud admite que algo da transferência, que não havia ficado claro para ele, apareceu e Dora pôde se vingar, assim como fez com o pai e o sr. K. “(...) como poderia a paciente se vingar melhor do que demonstrando em sua própria pessoa a impotência e incapacidade do médico?”(Freud, 1905/2016a, p.317)

O grande impasse de Freud, nesse caso, foi denunciado pela paciente, uma vez que, acreditando que a jovem poderia ser curada pelo “milagre do amor”, ele se coloca, a partir da contratransferência, no lugar do sr. K., que deixou de significar algo para Dora, levando-o, consequentemente, a esse mesmo fim.

> Isso se explica não em razão da homossexualidade mal elaborada em Dora, mas porque sua questão fundamental a movia em direção de uma *outra mulher*, sua semelhante desde o real do corpo, com a qual pudesse identificar-se e, assim, lhe permitisse ao mesmo tempo, constituir-se como objeto do desejo dos homens, na feminilidade, e como sujeito, no que um sujeito pode vir a ser sendo, também, uma mulher. (Kehl, 2016, p.201-202).

Nesse mesmo caminho, temos Judith que, diferente de Dora, apresenta-se realmente apaixonada por uma dama que não seguia as regras sociais da época.

O que é válido apontar aqui é um questionamento feito por Kehl (2016) sobre o que a jovem homossexual buscaria nessa mulher: “Uma dama ‘decaída’, portadora de uma sexualidade fácil, atraente para os homens embora moralmente condenável; uma mulher portadora de um segredo: não um segredo sobre o *ser* mulher, mas sobre o prazer” (p.170). Isto é, Judith estaria em busca de um novo significante que separasse a mulher da maternidade e que se dirigisse diretamente para o desfrute que uma mulher pode ter com seu sexo?

A fim de descolar-se da mãe, para tornar-se uma outra mulher, Judith sai em busca desse ser e, através do olhar do pai, busca essa confirmação. Contudo, o que ela encontra é um olhar que a diminui “(...) confrontada com este olhar a moça se sente reduzida a nada, ou pelo menos rebaixada para bem distante do falo todo poderoso que gostaria de ser” (André, 1987, p.167)

Por fim, é válido relembrar os impasses encontrados por Freud ao atender essas duas jovens, que se transformaram em personalidades caras à psicanálise.

O primeiro diz respeito à teoria da sedução traumática, que ao longo do tempo abriu portas para a noção de fantasia. Assim, foi um enigma que encontrou resolução e mudou o rumo da teoria.

O segundo impasse com que Freud se depara é no atendimento de Dora, quando ela se vê diante da feminilidade da sra. K., que para ele, tratava-se da expressão de um desejo homossexual da jovem.

Em seguida, o mistério envolvendo Judith e a maternidade, mais precisamente as mulheres que se tornavam mães e despertavam a atenção da jovem.

Logo após, impulsionado pela falta de respostas sobre os desejos das mulheres, descobre a pré-história do complexo de Édipo, que o encaminha a um novo impasse, isto é, como a menina abandona a mãe e toma o pai como objeto de amor.

Por último, mas de extremo valor a nós, o motivo por trás do sentimento de hostilidade que a menina dirige à mãe e que vai definir o rumo da relação entre elas.

Diante de tais impasses, Lacan tenta avançar e sobre isso trataremos no próximo capítulo.

2. A feminilidade em Lacan e a Mulher que não existe

Maria Rita Kehl (2016) declara no prefácio de seu livro "Deslocamentos do feminino", que

> Embora Freud tenha escrito que ninguém nasce homem ou mulher - tornamo-nos homens ou mulheres ao atravessar o percurso edípico -, o conjunto de suas investigações sobre a sexualidade não escapa das tentativas cientificistas de estabelecer a natureza das sexualidades masculina e feminina e, a partir dela encontrar a verdadeira essência da masculinidade e da feminilidade. (p.11)

Pensando nisso, é necessário entender que Freud encontrou dificuldades nessas "definições" ao que se cabe à mulher e ao homem, tendo em vista que se tratava de um homem, atravessado pela cultura da época, vivendo no final século do XIX e início do século XX, antes da revolução responsável por movimentar os papéis sociais. A mesma autora aponta que ao passarmos pelo Complexo de Édipo, nos tornamos seres sexuados, marcados pelos padrões de identificação e pelas ideias que consideram que existem valores e atributos inerentes ao masculino e ao feminino. Entretanto, para a psicanálise, essa travessia também cria seres singulares, com diferenças irredutíveis, que aparecem na particularidade do nosso desejo, pelo lugar que ocupamos na ordem familiar, o que representamos no inconsciente de nossos pais, pelo que carregamos de gerações anteriores e por todas os discursos que nos atravessam desde antes mesmo do nascimento.

É importante salientarmos aqui uma diferenciação de termos, lançando mão das definições feitas por Kehl (2016) a partir dos três registros definidos por Lacan como Real, Simbólico e Imaginário.

Para nos constituirmos enquanto sujeitos, é necessário que haja um Outro que possui alguns significantes próprios, que vão nos identificar como homens ou mulheres. Do ponto de vista do registro do Real, temos a anatomia, ou seja, as características sexuais anatômicas que nos permitem diferenciar os sujeitos quanto ao gênero. A ordem simbólica aponta para a posição do sujeito no discurso, como sujeito ou objeto deste e que se relaciona à diferenciação proposta por Freud de "ativo" para masculino e "passivo" para feminino; indica também a posição do sujeito em relação ao desejo de um outro. Por fim, no plano imaginário temos a masculinidade e a feminilidade a partir das identificações que estruturam o eu, quanto às estratégias usadas para lidar com a questão do falo, da falta e do desejo. À masculinidade, relaciona-se a crença de ser portador do falo e, por isso, pode desejar completar aquela cujo corpo apresenta-se castrado, enquanto a feminilidade organiza-se em torno da falta imaginária, isto é, por não possuir o falo, a mulher se oferece para ser tomada como um. "Esses três pontos, a partir dos quais se constituem as mulheres enquanto sujeitos,

só podem ser pensados em referência ao que seriam o homem, a posição masculina e a masculinidade" (Kehl, 2016, p.13), não se trata de pares opostos complementares, pois como proposto por Lacan, "não existe a relação sexual"[14], já que é impossível que de dois se faça um.

Feita essa diferenciação, temos uma visão de como mulheres, homens, feminino, masculino, feminilidade e masculinidade se constituem inconscientemente, mas também temos a visão de como toda essa construção se relaciona, de alguma maneira, com a cultura, com o tempo e o social.

Kehl (2016) propõe um pensamento que nos é muito importante para o problema aqui tratado

> (...) a inscrição dos sujeitos, homens ou mulheres, no discurso do Outro, não é rigidamente fixada. Ao longo da história, ela passa por modificações que, se não alteram a estrutura da linguagem, certamente alteram o uso da língua e, com isso, os lugares que a cultura confere aos sujeitos. Que as mulheres, por exemplo, ocupem o lugar da inocência ou do pecado, da castração ou da onipotência, da sexualidade desenfreada e ameaçadora que deve ser submetida aos freios do pudor e da castidade, depende, em última instância, das práticas falantes. Estas se modificam sutil e lentamente em função dos deslocamentos sofridos pelos agentes sociais ao longo da história - deslocamento de classe, gênero, inserção junto ao poder etc., os quais, estes sim, escapam ao controle das vontades individuais. (p.20)

Isto posto, trazemos o pensamento de Carole Pateman, construído em seu livro "O contrato sexual" (1993), onde aponta que o contrato social cria a liberdade, enquanto o contrato sexual, o assujeitamento, quer dizer, a liberdade do homem e a sujeição da mulher.

A autora propõe que o pacto original, que propôs a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino do acesso sexual regular a elas, é tanto um contrato social, quanto sexual. É o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno.

De maneira cirúrgica, aponta que os teóricos políticos insistem em interpretar "patriarcado" como regime paterno, porém, não é somente disso que se trata. O direito paterno é somente uma dimensão do poder patriarcal, pois o poder de um homem enquanto pai é posterior ao direito do homem como marido sobre sua esposa, por isso "o patriarcado deixou de ser paternal há muito tempo" (Pateman, 1993, p.18). O que a autora percebeu foi que "a sociedade civil moderna não está estruturada no parentesco e no poder dos pais; no mundo moderno, as mulheres são subordinadas aos homens enquanto homens, ou enquanto fraternidade". (Pateman, 1993, p.18)

Pateman (1993) dá atenção especial ao conceito de fraternidade, pois, para ela, tal conceito foi esquecido em detrimento dos ideais de liberdade e igualdade. Isso porque,

[14] Este conhecido aforismo será trabalhado mais a frente, no decorrer da pesquisa.

“quase ninguém - exceto as feministas - está disposto a admitir que fraternidade significa o que diz: a irmandade de *homens*”. (p.121, grifo da autora).

Utilizando da construção teórica proposta por Freud, pois estaria mais próxima dos nossos dias, a autora nos apresenta o que seria a origem da vida social, uma vez que a partir do mito da horda primitiva, o pai da Psicanálise ofereceu uma explicação sobre a constituição do contrato original, isto é, da concepção da fraternidade como um sentimento do mundo moderno.

No texto de 1913, Freud vai tratar do mito da horda primitiva, isto é, mito que dispõe sobre um macho dominante, que possuía acesso sexual a todas as mulheres, controlando a vida dos filhos e tratando-os como rivais, tendo o poder de expulsá-los do grupo ou até mesmo, matá-los. Enquanto detentor de todos os poderes, esse homem também era o provedor do clã, fazendo com que os filhos o amassem e o odiassem, criando então a ambivalência de sentimentos muito comum aos neuróticos. No entanto,

> Certo dia, os irmãos expulsos (da horda) se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente.(...) O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. (Freud, 1912-14/2012, p.141)

Importante destacar que ao se juntarem e perceberem que juntos eram mais fortes, os irmãos expulsos formaram, talvez, o primeiro modelo de relação fraterna da sociedade. Contudo, após eliminarem o maior oponente e satisfazerem o ódio, o arrependimento surgiu. Como colocado por Freud (1912-14/2012), “o morto tornou-se mais forte do que havia sido vivo” (p. 141), pois se deram conta da necessidade da regulação e da lei, uma vez que as disputas entre os irmãos, por conta das mulheres, poderia destruir aquela nova organização fraterna que eles haviam criado, assim “(...) aquilo que antes ele impedira com sua existência, eles proibiram então a si mesmos. (...) Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassínio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas.” (p.141-42). A partir de tais proibições, criaram os dois tabus do totemismo, ou as duas leis que os encaminhou à sociedade civil: a proibição ao parricídio e ao incesto.

> Os dois tabus do totemismo, com que tem início a moralidade, não são de mesmo valor psicológico. Apenas um, aquele que poupa o animal totêmico, baseia-se inteiramente em razões afetivas; o pai fora eliminado, não havia como remediar isso. Mas o outro, a proibição do incesto, tinha uma sólida fundamentação prática. A necessidade sexual não une os homens, ela os divide. Os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejaria, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria. Nenhum era tão mais forte que os outros, de modo a poder assumir o papel do pai. Assim, os irmãos não tiveram alternativa, querendo viver juntos, senão — talvez após superarem graves incidentes — instituir a proibição do incesto, com que renunciavam simultaneamente às mulheres que desejavam, pelas quais haviam, antes de tudo, eliminado o pai. Assim salvaram a organização, que os havia fortalecido. (Freud, 1912-14/2012, p.142)

Como apontado por Pateman (1993), esse mito "demarca a passagem da natureza animal para a sociedade humana ao observar que 'a necessidade genital deixou de aparecer como uma visita que chega de repente'". (p.149). Além disso, ao ampliarem o direito que antes era somente de um homem, o pai, realizam um contrato sexual, isto é, fundam uma lei que autoriza o acesso sistemático de cada homem a uma mulher, de outra maneira, estabelecem o direito sexual dos homens às mulheres. Assim, a lei se torna um direito universal, para todos os indivíduos do sexo masculino, para todos os membros da fraternidade.

Pateman (1993) admite que quando começou a pensar sobre a formalização do contrato sexual, acreditou que tal contrato era patriarcal, tendo em vista a noção de que a sociedade seria regida por essa figura mítica do pai. Entretanto, através da releitura do texto freudiano, compreende que o contrato só passa a ser necessário quando o pai é morto, a partir do momento que os homens vitoriosos passam a agir como parentes fraternos, irmãos, filhos de um pai que, ao pactuarem em conjunto, estabelecem-se como uma fraternidade civil de homens.

A autora indica que, a partir das análises feitas por ela, é difícil reconhecer o contrato, pois este é deslocado para o contrato de casamento, uma vez que os teóricos partem do pressuposto de que a vida conjugal e a família são condições naturais dos seres humanos. Sendo assim, os homens desfrutavam de uma superioridade natural e as mulheres, depois de se tornarem esposas, concordavam em se submeter aos maridos e em participar do contrato estabelecido a partir do matrimônio. Isso porque no estado natural, o "primeiro" marido exerceu tal direito conjugal sobre sua esposa, transmitindo-o em virtude de sua natureza masculina. Tal direito se refere a exogamia, que podemos dizer que surgiu logo após a horda primitiva proposta por Freud, depois de os filhos expulsos terem assassinado o pai e instituído as duas grandes proibições.

A proibição do incesto, como uma construção narrativa e mítica, marca então essa passagem do natural à civilização, pois, a partir disso, os homens precisam procurar mulheres fora de seu grupo social e todos competem nas mesmas condições por elas. "Cada homem pode ter acesso sexual a uma mulher, e assim evitar o celibato" (Pateman, 1993, p.164), considerado por Lévi-Strauss uma das duas calamidades sociais[15]. Isso leva a autora a concluir que o casamento ou como ela chama "troca ordenada de mulheres", já que os homens não reivindicam[16] suas irmãs ou mães, mas reivindicam irmãs e mães de outros homens, é a troca originária que constitui a cultura, pois "(...) as mulheres deixam de ser meros 'estimulantes naturais' e se tornam signos de importância social". (p. 165).

Deve-se enfatizar que o contrato sexual, como proposto por Pateman (1993), não diz respeito somente à esfera privada, mas ao social também. A exemplo disso, temos o casamento, uma relação social duradoura (ou pensada para ser) entre sujeitos, na qual, em troca da proteção do marido, a mulher lhe deve obediência. "O casamento é extremamente importante, particularmente porque a esfera privada é constituída pelo casamento, mas o poder natural dos homens como 'indivíduos' abarca todos os aspectos da vida civil". (Pateman, 1993, p.167).

Um apontamento importante que a autora realiza, é que essa relação entre homem e mulher baseia-se num contrato onde ambos participam, levando em consideração que a liberdade é princípio da sociedade civil, assim, mesmo que sejam consideradas inferiores e até incapazes, as mulheres participam ativamente da formalização do casamento, isto é, para a autora, as mulheres consentem a tal construção social.

Como já indicado anteriormente, quando os irmãos fazem o contrato original, retiram da mão daquela única pessoa, o pai, o pleno poder, resultando então na ampliação do direito patriarcal de modo ordenado à fraternidade. O vínculo estabelecido por esses indivíduos que foram uma fraternidade, é o fato de serem homens e, por isso, compartilham do mesmo interesse que os permite manter o contrato original, já que este "instrumento" legitima o direito masculino e concede a eles os benefícios da sujeição das mulheres.

Nesse sentido, a liberdade e a igualdade só estão para aqueles que compõem a fraternidade, ou seja, para os irmãos que fazem parte desse grupo. A autora aponta para uma questão importante: não há rivalidade entre os irmãos desse grupo fraterno, pois "(...) os irmãos que participam do contrato original se transformam em indivíduos civis, cujas

---

[15] A outra calamidade seria ser órfão.

[16] Um fato interessante é que mesmo que os homens reivindiquem as irmãs ou mães dos outros homens, os laços estabelecidos através desse movimento servem para que o sentimento de fraternidade seja reforçado ou constituído, como aponta Carole Pateman.

relações fraternais estabelecem-se entre iguais". (Pateman, 1993, p.168), ou seja, não se trata de uma disputa pessoal entre parentes, mas uma busca impessoal de interesses na competição pelo mercado e pelas mulheres. Com relação a busca pelas mulheres, todos os membros da fraternidade podem ganhar um prêmio, pois todos podem se tornar maridos.

O contrato sexual proposto por Carole Pateman pode parecer arcaico para alguns, mas se apresenta completamente atual quando temos acesso aos jornais, às redes sociais e a informações no geral. Nesse sentido, buscamos relacionar tal teorização às fórmulas da sexuação propostas por Lacan no "seminário, livro 20: Mais, ainda" (1972-1973/2008), apontando para o caráter de fraternidade vivenciado pelos homens ao se reunirem sob a insígnia do falo, enquanto as mulheres permanecem não-todas submetidas, o que pode ter consequências drásticas.

As contribuições lacanianas a respeito da sexuação e a teorização feita por Carole Pateman, nos permitirá analisar o caso de Ângela Diniz, que se tornou emblemático para as mulheres na luta contra uma sociedade patriarcal e machista, que por desconhecer a mulher e considerá-la um ser inapreensível, devasta, chegando até ao assassinato.

2.1 Considerações lacanianas sobre a sexuação

Diferente dos animais que possuem instinto e, consequentemente, uma definição de sexualidade, ou melhor, dos papéis de cada um, conforme aponta Flávia Bonfim (2014), os seres humanos têm acesso a apenas um significante, recurso simbólico que permite reunir a sexualidade à linguagem que, por conseguinte, permite ao sujeito se situar em relação à partilha dos sexos.

É isso que Lacan vai começar a definir em 1958, em uma sessão do seminário 5 intitulada "A menina e o falo", onde vai estabelecer o falo como o significante ordenador da sexualidade. Em suas palavras:

> A função constitutiva do falo, na dialética da introdução do sujeito em sua existência pura e simples e em sua posição sexual, é impossível de deduzir, se não fizermos dele o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher. (Lacan, 1957-58/1999, p.285)

Neste texto de 1958, Lacan ainda está passando pelo que ficou conhecido como "retorno a Freud". Assim, vai discutir a respeito do avanço, ou não, que Freud realizou no estudo sobre a feminilidade. Retoma a questão do *Penisneid* e o divide em três modalidades distintas, que ocorre em momentos diferentes do desenvolvimento psicossexual da menina,

sendo elas: anseio de que o clitóris seja um pênis; quando o que é desejado é o pênis do pai; e, por fim, quando surge a fantasia de ter um filho do pai. Assim, para cada uma dessas modalidades, Lacan relaciona uma forma de relação com o objeto, dessa forma, a menina sofre da frustração ao não receber o pênis do pai; vive uma privação quando não tem um filho dele e a castração se dá quando esta tem de renunciar à esperança de que seu clitóris se torne, em algum momento, um pênis.

Menos do que uma inveja sobre esse órgão, o pênis, menos do que a reivindicação do falo, Lacan vai se preocupar em entender os impasses ao que poderia ser feminino e ao que poderíamos chamar de mulher a partir da divisão que o primado da significação fálica introduz para a menina.

> O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto, na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (...) Pois o falo é um significante (...) destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (Lacan, 1958/1998, p.696-697)

Citando Diana Rabinovich (2005), Bonfim (2014) aponta para a destinação do falo, isto é, trata-se de um significante separado do conjunto de significantes, uma vez que sua função é exatamente a de indicar e nomear, na bateria de significantes, os "efeitos de significado". Quer dizer, é através do falo, como significante, que outros significantes poderão ganhar significação. "Seu padrão simbólico permitirá a equivalência simbólica de outros objetos". (Bonfim, 2014, p.170). Ou seja, a partir do registro da castração, objetos têm a possibilidade de serem equivalentes ao falo na ordem do desejo. "O fato é que o desejo, seja ele qual for, tem no sujeito essa referência fálica". (Lacan, 1957-58/1999, p.285).

A autora continua, apontando para o fato de que o falo altera os efeitos de significado por sua presença e por sua ausência, uma vez que atuaria como "metonímia da diferença sexual". Assim, a diferença sexual é substituída pela diferença significante, na medida em que o corpo do ser falante foi capturado pelo significante. Conforme Machado (2012) "os seres falantes, por serem marcados pelo significante, não são seu corpo, eles apenas o têm", sendo assim, "não é possível a identificação ao corpo anatômico nem como forma, imagem ou símbolo; o corpo em si não confere nenhuma identidade". (p.10)

É importante que nesta lógica proposta por Lacan, a menina ficaria enredada em uma significação fálica que a toma no sentido de que a sexualidade necessariamente deva passar por essa significação. Como veremos mais à frente, essa é uma análise crítica de Lacan à essa

modalidade de regulação entre os sexos e não uma defesa de um princípio masculino. É por isso que em 1975 ele poderá dizer que o que um homem pode ser para a mulher não um sintoma, mas uma devastação, pois ao situar a sexualidade apenas em uma norma de significação, não permite que o que não é regulado por essa significação seja levado em consideração. A significação pretende dar, não somente sentido à sexualidade, mas dar lugares específicos e remontar a posições de identidade sexuada do sujeito para nomear seu desejo.

Dito isto a respeito do falo, podemos chegar às elaborações lacanianas que levaram quinze anos para serem concluídas, como declara André (1987).

No seminário de 1972, "Mais, ainda", Lacan apresenta a elaboração da relação de dois termos, isto é, significante e o gozo. "É na intersecção desses dois campos que vem se colocar a questão da feminilidade, precisamente na medida em que ela se revela onde esses dois campos se recobrem ou se disjuntam". (André, 1987, p.211).

Na primeira lição deste texto de 72, denominada "Do Gozo", Lacan apresenta o conceito de gozo, retirado do Direito, isto é, gozar de uma coisa é poder usá-la até o abuso, até o usufruto, com um limite, pois o direito regulamenta o gozar. Entretanto, em sua teorização, vai dizer que o gozo se opõe ao útil, "(...) se reduz para nós a uma instância negativa. O gozo é o que não serve para nada". (Lacan, 1972-73/2008, p.11). Num sentido amplo, o gozo se coloca como uma instância negativa, que não se reduz às leis do princípio do prazer, nem se importa com a autoconservação, não respeita o limite, como o que é proposto juridicamente.

Num sentido mais estrito, temos o gozo fálico ou gozo sexual que seria uma limitação do gozo em geral, pois o gozo sexual depende do significante, isto é, com efeito do significante, há a introdução da dimensão sexual "ou seja, a organização fálica e a concentração em que ela implica sobre um órgão que o significante isola do corpo". (André, 1987, p.212)

Esse conceito de gozo não surge nos anos 70, mas sim em 1960, mais precisamente no texto "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", quando Lacan demonstra que, diferente do que pensava Freud, a castração é que permite aos sujeitos o acesso ao gozo sexual.

No mito da horda primitiva[17], Freud nos indica que somente o Pai da horda poderia gozar, uma vez que teria acesso a todas as mulheres, sendo o único não castrado do grupo.

[17] Discutido anteriormente, na primeira parte do capítulo.

Seus filhos, cobiçando seu lugar e seus direitos, o matam. Entretanto, não acessam o gozo absoluto que esperavam, já que ao cometerem o parricídio instituem as regras do tabu e interditam a si mesmos. Assim, o que é proposto por Freud é que o complexo de Édipo e o complexo de castração, inseridos aí, fazem barreira ao gozo. Lacan, através da retomada dos conceitos, distingue dois tipos de gozo e indica que, no mito criado pelo pai da Psicanálise, o gozo do Pai refere-se a um gozo do ser, um gozo quase inacessível, já que não corresponde a desejo algum do sujeito e resiste a apreensão significante.

Esse gozo do ser ou gozo do Outro, teorizado no seminário 20, é o gozo não submetido ao significante fálico, é o que se encontra fora do discurso, que se relaciona ao corpo vivo. Por essa razão, pouco sabemos sobre ele, pois escapa do domínio da linguagem, restando a nós somente supô-lo.

Na contramão deste gozo, Lacan propõe o gozo fálico, bem determinado por estar submetido ao significante do falo.

> Este gozo parte, assim, da falta-a-ser, mais do que do ser, e se situa extracorpo: está ligado ao corpo apenas pelo fio delgado do órgão sexual ou da imagem falicizada da forma corporal. Ele não se refere, aliás, ao corpo em seu conjunto, mas apenas a certas partes que podem funcionar como equivalentes do órgão sexual. (André, 1987, p.216)

Dessa maneira, entende-se que o significante do falo introduz a divisão do gozo, assumindo a função de proibir e permitir, nas palavras de Lacan, “a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo”. (Lacan, 1960/1998, p.841). Ou seja, a relação que é estabelecida entre o ser introduzido na linguagem e o gozo é sempre falha, pois o gozo obtido com a relação sexual nunca é o que deveria ser, já que há sempre uma disjunção do corpo e do sexo, impedindo que se estabeleça, de fato a verdadeira relação sexual, isto é, a complementaridade, a completude, o encontro.

No que diz respeito à divisão entre homem e mulheres, Lacan vai dizer que “(...) a mulher se define por uma posição que apontei com o não-todo no que se refere ao gozo fálico”. (Lacan,1972-73/2008, p.14). Isto porque na ausência de um outro significante da sexuação além do falo, a Mulher não recebe fundamento para seu ser, impedindo que se goze de um ser feminino através do gozo sexual.

Numa busca por explicar os modos de gozo, Lacan propõe, de maneira matematizada, as "fórmulas quânticas da sexuação” ou mais conhecido como “tábua da sexuação”.

Importante ressaltar, como muito bem colocado por Vinícius Lima e Ângela Vorcaro (2018) que “(...) a sexuação tem sido alvo de desusos entre os próprios psicanalistas, que, ao

empregarem os dêiticos ‘homem’ e ‘mulher’, parecem se deixar confundir pelos semblantes sexuados, ligados ao campo dos gêneros tal como tradicionalmente construídos”. (p.36). De fato, uma das maiores críticas que a Psicanálise enfrenta na atualidade refere-se à questão de gênero, tendo em vista a confusão estabelecida entre semblantes sexuados ou semblantes de gênero, relacionados ao registros do Simbólico e do Imaginário e a lógica inconsciente de gozo, atrelada ao Real, tendo em vista que para Lacan os caracteres sexuais são secundários, apenas traços e “(...) não é desses traços que depende o gozo do corpo, no que ele simboliza o Outro”. (Lacan, 1972-73/2008, p.12).

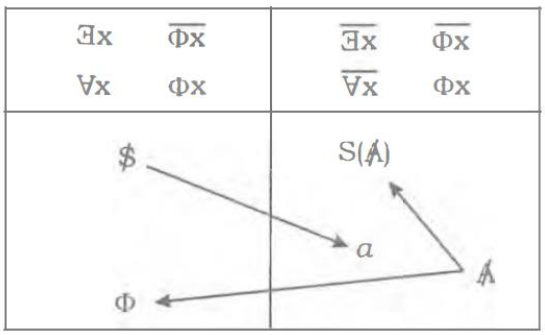
Essa desvalorização dos caracteres sexuais proposta por Lacan, se deve à desnaturalização do humano operada pela linguagem, que troca o instinto por pulsão e coloca o gozo junto do significante. (Lima e Vorcaro, 2018).

Nesse sentido, como destacado por Lima e Vorcaro (2018), é necessário estar atento à leitura correta da teoria, pois assim como a confusão entre falo e pênis, que colocaria os homens numa “(...) estabilidade estrutural que faltaria às mulheres, já que elas não teriam o índice fálico” (p.38), entender as fórmulas da sexuação no nível dos semblantes é perder-se de compreender “(...) com clareza aquilo que é o principal da teoria lacaniana da sexuação: “uma oposição entre o Universal e algo que não se universaliza” (Teixeira, 2007, p. 37)”. (p.38).

> Precisamos não confundir sexuação (enquanto lógica inconsciente de gozo) com formas socialmente reificadas de semblantes sexuados. Isso significa compreender a sexuação para além das formas generificadas ainda atuais ou mesmo já anacrônicas de conceber o que é (e como deve ser) um homem ou uma mulher. Afinal, o próprio Lacan (1971-72/2011) afirma que, no sentido corriqueiro dos termos, “o homem e a mulher, não sabemos do que se trata” (p. 38). (Lima e Vorcaro, 2018, p.38)

Isto posto, devemos partir para a tábua da sexuação e sua interpretação.

2.2 A tábua da sexuação



Tábua da sexuação, Lacan (1972-73/2008, p.84)

Dividida em dois lados, onde o esquerdo descreve a estrutura masculina, o Um e o direito, o feminino, o Outro. Reiterando o apontado anteriormente, "(...) esta divisão não corresponde absolutamente à diferença anatômica entre os sexos, mas indica uma divisão do sujeito em duas metades, sendo a escolha da posição subjetiva determinada no próprio discurso do sujeito, às vezes contra sua anatomia". (André, 1987, p.219). Quer dizer, o que ficou conhecido por gozo feminino não é exclusivo das mulheres, assim como o gozo masculino não é prerrogativa dos homens. Trata-se do modo como os sujeitos habitam a linguagem.

Nas palavras de Lacan (1972-73/2008), "quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro" (p.85), pois como já apontado anteriormente, o significante fálico é o único a ordenar a sexuação dos sujeitos, dessa forma, em ambas as colunas, a única referência possível é ao falo (Φ). Entretanto, não é a lei fálica que torna os sujeitos diferentes, mas sim a posição subjetiva que esses se colocam perante a ela.

No primeiro quadrante do lado esquerdo, temos o lado homem com as seguintes fórmulas:

$\exists x$	$\overline{\Phi x}$
$\forall x$	Φx

Lacan (1972-73/2008, p.84)

As fórmulas superiores são divididas em proposição existencial e proposição universal. Na primeira linha (existencial) a inscrição que se refere ao pai da Horda, ou seja, existe um sujeito que não está submetido à função Φ. Abaixo, que diz respeito ao que é universal, temos "para todo o sujeito, é verdadeiro que Φx funcione; em outras palavras: todo homem está submetido à castração". (André, 1987, p.219).

> A denotação do homem prende-se ao *todos* da função fálica. Mas, apesar desse *todos*, existe - e, nesse ponto, *existe* quer dizer exatamente *existe*, como na solução de uma equação matemática -, existe *ao menos um* para quem a verdade de sua denotação não cabe na função fálica. (Lacan, 1971-72/2012, p.44)

Quer dizer que, há ao menos um homem para quem a função fálica não incide e para todo homem é verdadeiro que a função fálica incide. Isto é, é necessário que tenha uma exceção, *homenosum*, o pai da Horda, não castrado, detentor de todas as mulheres, para que tenhamos um conjunto universal. A partir da exceção é possível fundar a regra, a segunda

proposição, que aponta para a função fálica incidente na lógica masculina, ou seja, a castração.

Do lado direito, que refere-se à posição feminina, temos também duas fórmulas, que se distinguem das fórmulas do lado homem pelo acréscimo do traço.

$\overline{\exists x}$	$\overline{\Phi x}$
$\overline{\forall x}$	Φx

Lacan (1972-73/2008, p.84)

Assim, na primeira, temos que "não existe sujeito para quem a função Φx não funcione; em outras palavras, não há nenhuma mulher que não esteja assujeitada à castração". (André, 1987, p.221). A fórmula seguinte fiz que "para não-todo sujeito é verdadeiro que Φ funcione; em outras palavras: a mulher é não-toda submetida à castração". (André, 1987, p.221).

> A mulher se situa a partir de que *não-todas* podem ser ditas com verdade em função do argumento no que se enuncia da função fálica. O que é esse *não-todas*? (...) Fica reservado ao *não-todas* indicar que a mulher tem, em algum lugar, relação com a função fálica, e nada mais. (Lacan, 1971-72/2012, p.44)

Isto é, existe uma relação com a função fálica, entretanto, as mulheres encontram-se não-todas submetidas a ela, parcialmente sujeitadas à noção de castração.

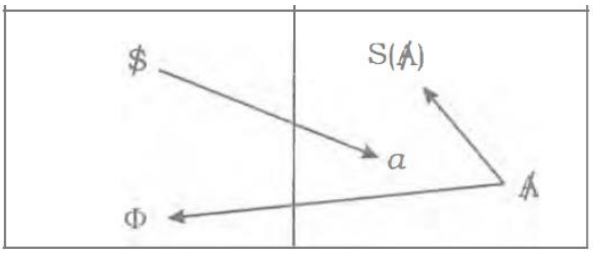
Sobre inscrever-se no lado mulher da tábua, Lacan (1972-73/2008) vai declarar que "se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na Φx ou bem de não estar nela" (p.86). Quer dizer que, não havendo nenhuma "Mãe da Horda" ou "Super-mulher" que funde um sexo não-fálico, significa que não existe uma figura fundadora de um conjunto de mulheres, não existindo então, uma exceção à regra. Assim, não havendo nenhuma mulher que se inscreva fora da castração, não existe um clã de mulheres, "(...) não há conjunto fechado que se atribua uma lei comum desse lado" (André, 1987, p.221), não existe um significante que represente a mulher. Machado (2012, p.10) coloca que "se quisermos aproximá-lo de alguma forma de unidade, terá que ser ao modo do enxame e não do conjunto, pois o máximo de homogeneidade que teríamos seria a heterogeneidade".

Nesse sentido, os sujeitos que se encontram "localizados" no lado mulher, deverão escolher entre recusar ou aceitar essa falta de fundamento. Ao recusarem essa falta, se

inscreverão no lado masculino da lógica da sexuação, caracterizando assim o que conhecemos com Freud como *Penisneid* ou a inveja do pênis. Aceitando a falta, temos então a saída proposta por Lacan para o complexo de Édipo feminino: A mulher não existe, quer dizer, devem ser contadas uma a uma, pois não formam um conjunto. Diferente dos homens que se agrupam e fazem Um, as mulheres permanecem em sua infinitude.

> (...) quando escrevo ∀xΦx esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido *não-todo*, isto quer dizer que quando um ser falante se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que define a… a o quê? - a mulher justamente, só que *A* mulher, isto só se pode escrever barrando-se o *A*. Não há *A* mulher, artigo definido para designar o universal. Não há *A* mulher pois (...) por sua essência ela não é toda. (Lacan, 1972-73/2008, p.78-79)

Na parte inferior da tábua, a divisão marca "(...) o que chamamos impropriamente a humanidade, no que ela se repartiria em identificações sexuais". (Lacan, 1972-73/2008, p.86)



Lacan (1972-73/2008, p.84)

Do lado masculino temos os símbolos $ e o Φ, sujeito barrado e falo, respectivamente. O sujeito barrado, aquele que passou pela castração e o falo como significante sem significado, que é o responsável por circunscrever o gozo fálico do homem. Enquanto isso, temos no lado feminino S(Ⱥ), significante da falta no outro, o objeto *a* e Ⱥ, a representação da mulher que não existe.

As setas vão indicar as interações estabelecidas entre os símbolos contidos na tábua, que se encontram, cada um, num registro diferente. O $ está ligado ao objeto *a*, remetendo ao matema da fantasia ($<>*a*) indicando que "para o homem, a relação à parceira-mulher se reduz à fantasia" (André, 1987, p.225). Quer dizer, "só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo". (Lacan, 1972-73/2008, p.86). A fantasia é o que surge na tentativa de dar contorno a não relação sexual.

Já a mulher, representada pelo Ⱥ, possui relação tanto com o falo, quanto com o significante que falta no outro, ou seja, se por um lado se direciona ao falo, por outro, busca no S(Ⱥ) um significante que lhe diga o que é uma mulher. Contudo, não existe o Outro do

Outro que possa fornecer esse significante que falta à Ⱥ, o que faz com que a demanda da mulher se torne infinita, não regulada pelo registro fálico. Nesse sentido, Lacan (1972-73/2008, p.80) assinala que "não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais". Isto é, o não-todo é da ordem do a mais, do suplementar, infinito. E é esse gozo que pode levar as mulheres à devastação, principalmente ao retornarmos a Lacan no "seminário, livro 23: o sinthoma", quando indica que "pode-se dizer que o homem é para uma mulher (...) uma aflição pior que um sinthoma. (...) Trata-se mesmo de uma devastação" (Lacan, 1975-76/2007, p.98).

Isto posto, trataremos sobre a devastação, problemática principal deste trabalho.

2.3 O amor e a devastação

"Ravage", devastação ou estrago, em francês, significa "desgosto profundo; dano; prejuízo; destruição causada pelo homem com violência". (Drummond, 2011, p.3) Derivado do termo *"ravir"*, que possui significado de "arrebatar", advém do latim *"rapire"*, que seria "tomar precipitadamente; tomar à força; rapto" (Drummond, 2011, p.3).

De acordo com o dicionário Aurélio, devastação se caracteriza por uma "destruição vandálica; ruína proveniente de grande desgraça; assolação, destruição". Devastar, ainda, relaciona-se à "tornar deserto; despovoar".

Tal termo aparece em três momentos diferentes da obra de Lacan, sendo eles, no "seminário, livro 17: o avesso da psicanálise", onde aponta para o desejo devastador da mãe, "o papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos". (Lacan, 1969-70/1992, p.118); no texto "O aturdito" (1973/2003), em contraponto à afirmação de Freud de que a castração "faz da mulher peixe na água" no complexo de Édipo, "(...) contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe" (p.465); e, por fim, no "seminário, livro 23: o sinthoma", quando indica que "pode-se dizer que o homem é para uma mulher (...) uma aflição pior que um sinthoma. (...) Trata-se mesmo de uma devastação" (Lacan, 1975-76/2007, p.98).

Importante observar que, no primeiro momento, a devastação encontra-se relacionada ao desejo da mãe sobre os filhos, sejam meninos ou meninas; no segundo, atribui à relação entre mãe e filha; e, por fim, a devastação presente nas parcerias amorosas. É bastante comum encontrarmos pesquisas que discorrem sobre a devastação entre mãe e filha. Entretanto, nosso objetivo aqui é realizar um giro, apostando que a devastação entre mãe e

filha é decorrente da relação estrutural entre os sexos, como colocado por Lacan no seminário 23.

Nesse sentido, retomamos o exposto a respeito do contrato sexual e da fraternidade decorrente dele, proposto por Carole Pateman (1993). Enquanto os homens, apoiados por práticas sociais primitivas, formaram um grupo fraterno, as mulheres, submetidas a essas mesmas práticas, não foram e seguem não sendo capazes de tal formação, tornando-se assujeitadas a um contrato inaugural que reverbera em suas relações e em suas maneiras de estar no mundo. Nessa mesma esteira, temos as fórmulas da sexuação propostas por Lacan, que também apontam para a impossibilidade de as mulheres formarem um grupo e da falta de um significante que lhes confira existência.

As mulheres não podem se reunir em um grupo unificado perante a constituição do mundo moderno, que deu somente aos homens o privilégio de se organizarem enquanto fraternidade, isto é, um grupo de iguais que se respeitam, que seguem regras e que possuem um exemplo de exceção. Às mulheres, fica a difícil tarefa de terem que se inventar, se reinventar e se construírem individualmente enquanto seres femininos.

Miller (1992/2012) indica que, o fato de Lacan validar que "A mulher não existe", não significa que esse lugar da mulher não exista, mas que permanece essencialmente vazio, "cheio" de nada, velado pelos semblantes.

> A que chamamos semblante? Ao que tem a função de velar o nada. Por isso o véu é o primeiro semblante. Como testemunham a história e a antropologia, uma preocupação constante da humanidade consiste em velar, cobrir as mulheres. De certo modo, é possível dizer que as mulheres são cobertas porque A mulher não pode ser descoberta. De tal maneira, que é preciso inventá-la. (Miller, 1992 in Caldas, Murta e Murta, 2012, p.65)

Dessa forma, os sujeitos mulheres teriam uma relação essencial com o nada, mais próxima que qualquer outro sujeito. Para Freud essa relação era estritamente anatômica e levava as mulheres ao *penisneid*, a subjetivação do não ter o falo. Assim, indicou saídas que se relacionavam com o ter, principalmente a maternidade, já que colocou o filho num equivalente do falo.

Em referência à equivalência filho-falo, Lacan (1956-57/1995) nos diz que

> As mulheres são trocadas entre as linhagens fundadas na linhagem masculina, escolhida justamente por ser simbólica e improvável. Isso é um fato, as mulheres são trocadas como objetos entre as linhagens masculinas. Entram nelas através de uma troca, a do falo que elas recebem simbolicamente, em troca do que elas dão essa criança que assume, para elas, função de *ersatz*, de substituto, de equivalente do falo, e pelo que elas introduzem na genealogia simbólica patrocêntrica, em si mesma estéril, a fecundidade natural. (p.156)

Quer dizer, a proposição freudiana de que a saída normal para a feminilidade seria a maternidade, está apoiada no que Carole Pateman chamou de contrato sexual e Lacan indica na citação acima, a troca ordenada de mulheres, que as submeteu à ordem moderna social e que só as considerava um sujeito - ainda que inferior ao homem -, quando tivessem um filho, pois este as faria obter o significante que lhes daria consistência do ser.

Nesse sentido é que apostamos que, antes de haver uma devastação de mãe para filha, há uma devastação intrínseca à sociedade, muito maior e mais intensa, que aparece nas relações amorosas que podem ser extremamente degradantes e mortíferas às mulheres. Pois como definido por Lacan (1975-76/2007, p.98), "pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sinthoma. Vocês podem inclusive articular isso como lhes for conveniente. Trata-se mesmo de uma devastação", tendo em vista que "(...) todas as mulheres são loucas, como se diz. É por isso mesmo que não são todas, isto é, não-loucas-de-todo, mas antes conciliadoras, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens". (Lacan, 1973/2003, p.538)

2.3.1 A devastação nas relações amorosas: estrutural

O conceito de sinthoma proposto por Lacan, presente no final de sua obra, seria um desdobramento do sintoma, esse último, descoberto e teorizado por Freud, uma vez que a psicanálise teve seu início com os estudos dos sintomas neuróticos das histéricas.

> Sua trajetória, do sintoma ao inconsciente, à pulsão e à sexualidade, nos ensina que as neuroses são expressão de conflitos entre o eu e as pulsões que, por serem incompatíveis com a integridade ou com os padrões éticos do eu, são recalcadas, ou seja, são impedidas de se tornar conscientes, bem como são afastadas, de início, da possibilidade de satisfação. O recalcamento, no entanto, facilmente fracassa e a libido represada, insatisfeita, que foi repelida pela realidade, deve agora procurar outras saídas do inconsciente, outras vias de satisfação, seguindo por caminhos indiretos. (Dias, 2006, p.400)

O resultado disso são os sintomas, que representam uma satisfação sexual substitutiva dos desejos sexuais não realizados, quer dizer, daquilo que foi afastado pelo recalque. Trata-se de uma satisfação deformada, irreconhecível, já que não escapa totalmente à censura, passando por modificações e deslocamentos.

Além de serem a satisfação de algum desejo sexual, podem ser também uma medida para impedir essa satisfação. São sempre uma formação de compromisso entre duas forças

que entraram em conflito: a libido insatisfeita que foi recalcada e a força repressora. O acordo entre essas partes é que torna o sintoma tão resistente.

De início, um acontecimento traumático real, o trauma, é a base do sintoma. Contudo, a partir da experiência clínica, Freud conclui que o trauma é suposto ou inferido, levando-o ao abandono da teoria do trauma e à construção da teoria da fantasia, onde o trauma é parte da realidade psíquica do sujeito e fundamento da fantasia. Assim, o sintoma passa a ser definido como a realização de uma fantasia de conteúdo sexual, representando a atividade sexual do sujeito, impulsionadas pelas pulsões.

Nesse sentido, o sintoma possui um sentido inconsciente e, mesmo que o sujeito não saiba, ele diz alguma coisa e serve como satisfação, mesmo que seja vivida por ele como um sofrimento. "O sintoma é o lugar paradoxal onde o sujeito, sem que ele o saiba, tem a sua satisfação sexual e, também, o seu sofrimento". (Dias, 2006, p.400). Sobre essa satisfação, Lacan indica o sintoma, na teoria de Freud, como sendo a dimensão Real, traumática e inapreensível, que escapa à decifração.

Na obra lacaniana, num primeiro momento, em seu retorno à Freud, temos a influência da linguística de Saussure. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o sintoma também o é, assim, nessa parte da teoria, Lacan o relaciona aos significantes.

> (...) o sintoma só é interpretado na ordem do significante. O significante só tem sentido por sua relação com outro significante. É nessa articulação que reside a verdade do sintoma. O sintoma tinha um ar impreciso de representar alguma irrupção da verdade. A rigor, ele *é* verdade, por ser talhado na mesma madeira de que ela é feita, se afirmarmos materialisticamente que a verdade é aquilo que se instaura a partir da cadeia significante. (Lacan, 1966/1998, p.235)

Além disso, relaciona os mecanismos de condensação e deslocamentos propostos por Freud, aos modos de mensagem do sintoma, a metáfora e a metonímia. O sintoma como metáfora aponta para outro sentido, uma vez que "a centelha criadora da metáfora (...) brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão com o resto da cadeia". (Lacan, 1957/1998, p.510)

O sintoma então, encontra-se no registro simbólico e relaciona-se à um saber que o sujeito se recusa a reconhecer. Mais adiante em suas teorizações, no seminário R.S.I., Lacan vai apontar a dimensão Real do sintoma, aquilo que "ex-siste", que não cessa de se escrever, que o sujeito acredita conter sua verdade, verdade essa quem vem do Outro.

Miller (1997/2000, p.153) questiona se o sintoma seria uma lei e indica que "se ele o é, ele é uma lei particular a um sujeito, e podemos perguntar em que condições é concebível

que haja sintoma para um sujeito. Se ele é da ordem do real, trata-se de um real bem particular, já que seria real para Um, e portanto não para o Outro". E prossegue dizendo que, mesmo que não exista um sintoma generalizado, isto é, um sintoma que todos os seres falantes tenham, há uma não inscrição no real que é comum a todos: um não saber sobre a sexualidade.

Desse modo,

> Se há sintoma, então não há saber no real sobre a sexualidade. Se há sintoma como o que não cessa de se escrever para um sujeito, então há, de maneira correlata, um saber que não cessa de não se escrever, um saber especial. Não é o saber no real, dado que ele não cessa de se escrever. Se há sintoma, é porque deve haver, para a espécie humana, um saber que não cessa de não se escrever. (...) Se há sintoma, então não há relação sexual, há não-relação sexual, há uma ausência de saber no real que diga respeito à sexualidade. (Miller, 1997/2000, p.154-155)

O que "não cessa de não se escrever" é a não-relação sexual, que aparece no sintoma que "não cessa de se escrever" no amor, pois "o que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor". (Lacan, 1972-73/2008, p.51). O sintoma deixando de ser somente mensagem e metáfora e tornando-se uma solução dos sujeitos para a não-relação sexual através do gozo, temos que "(...) o amor quer dizer que a relação com o Outro não é estabelecida por qualquer instinto. Ela não é direta, e sim mediada pelo sintoma". (Miller, 1997/2000, p.156)

Começando pelo lado homem da tábua da sexuação, temos que a relação do $ é com o objeto *a*[18], isso quer dizer que "(...) para o homem, (...) não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher, ou, dito de outro modo, de que ele faça o amor". (Lacan, 1972-73/2008, p.78), pois, mesmo que creia estar abordando a mulher, "(...) o que ele aborda, é a causa de seu desejo, que eu designei pelo objeto *a*". (Lacan, 1972-73/2008, p.78)

Nesse sentido, o homem busca no Outro o objeto *a*, somente se relaciona com ele. Assim, a mulher sempre será objeto *a* para um homem, tornando-a parceiro-sintoma, tendo em vista que, como proposto por Miller (1997/2000) o sintoma é um modo de gozar do inconsciente, da articulação significante e um modo de gozar do corpo do Outro.

---

[18] De maneira sucinta e utilizando a definição de Malvine Zalcberg (2003), "o objeto *a* é o produto, o que 'cai' do segundo processo de constituição do sujeito, a separação. (...) Lacan concebeu o objeto *a* como uma inscrição limítrofe das zonas erógenas do corpo. Os objetos primordiais apresentados por Lacan - mamilo, jato de urina, fezes, aos quais depois ele acrescenta olhar e voz - são fragmentos do corpo, perdidos ao longo dos investimentos libidinais das pulsões. Por serem perdidos, não têm substituto nem compensação. O fato de terem como denominador comum o 'nada' é o que os torna objetos causadores de desejo: 'não se pode ter uma ideia do que o objeto *a* seja', diz Lacan". (p.120)

Desse modo, ao encarnar o sintoma para um homem, a mulher entra em acordo com a forma pela qual o homem goza de seu inconsciente. “O sintoma, nesse sentido, é um aparato que articula gozo e desejo de modo que a mulher teria para o homem esse valor – aquela que ao ocupar o lugar de objeto causa lhe permite a articulação entre seu gozo e seu desejo”. (Viana Vidal e Bonfim, 2018-2019, p.72)

Sobre isso, Colette Soler (2005) comenta que

> Se o sintoma é “a maneira como cada um goza com seu inconsciente”, quando se trata de uma mulher, segue-se que ela empresta seu corpo para que, gozando com ela, o homem de fato goze com seu próprio inconsciente, e que, inversamente, é por esse gozar com o inconsciente que ele tem acesso ao gozo do corpo, que não é gozo do Outro, mas gozo fálico. (p. 182)

Acrescido a isso, Soler (1995) vai apontar para a questão da identificação da mulher ao sintoma, pois pode significar que uma mulher dispõe seu ser nas mãos do outro, o que é terrivelmente arriscado subjetivamente. Nesse sentido, nos resta saber qual seria o correlato do sintoma para a mulher, que Lacan, no seminário 23, definiu como “devastação”.

Miller (2016), é o responsável por apontar a relação simétrica entre devastação e sintoma, sendo um propriamente feminino e o outro masculino, e cada um deles, modos de gozo.

> O que é a devastação? É ser devastado. O que chamamos de devastar uma região? É quando nos entregamos a uma depredação que se estende a tudo. Não no sentido pequeno; tudo bem completo. É uma depredação sem limites. Isso que Lacan chama de "o todo fora do universo", o todo que não se completa como um universo fechado, limitado. É uma depredação, uma dor que não para, que não conhece limites. (p.18)

Se do lado homem temos o sintoma, o todo, o significante fálico, a formação do grupo - ou fraternidade - e o gozo todo submetido ao falo, do lado da mulher temos a devastação, a ausência de um significante que a designe, tornando-a não-toda, o que implica a impossibilidade de uma unicidade - devendo ser tomada uma a uma -, e a existência de um gozo suplementar, que se encontra para além do falo.

Com relação a isso, é importante estar atento a uma observação feita por Effegem de Souza e Viana Vidal (2017) a respeito dessa “dualização” de Miller, pois estar submetida a uma lógica não-toda, não exclui os sujeitos femininos da lógica toda, o que quer dizer que podem sim experimentar seu gozo sob forma de sintoma. “A devastação se alinha àquilo que o falo e as demais referências identitárias – entre as quais, o sintoma – não contém, sem necessariamente aniquilar formações ancoradas no sentido”. (p.133)

A devastação, então, relaciona-se ao gozo do lado mulher que é não todo submetido ao falo, que excede os limites e possui vínculo com o Real, tendo em vista que, por não ter um significante que a represente como mulher, algo fica fora do processo de simbolização, aproximando-as do Real.

Em 1960, Lacan (1998) indica que "o gozo está vedado a quem fala como tal" (p.836), isto é, ao ser inserido na linguagem o sujeito em constituição já sofre uma perda de gozo, que deixa de ser sem limites. Entretanto, a mulher, apesar de também ser "marcada" pela castração, uma vez que se encontra inserida da linguagem, possui uma parte que não é submetida à essa operação, aquela parte não submetida à ordem fálica, que desconhece um significante. Por isso, sem o recobrimento simbólico total de seu ser, as mulheres conseguem ter acesso a um outro modo de gozo, não modulado pela linguagem. Sobre isso, Soler (2005) declara que "um gozo 'envolto em sua própria contiguidade' é outra coisa. Um gozo que não cai sob a barra do significante, que nada sabe do falo, e, portanto, não causado por um objeto *a*, é um gozo foracluído do simbólico, 'fora do inconsciente'". (p.37)

Nesse sentido, Lacan (1972-73/2008) declara que

> Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta - isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas. (...) desse gozo a mulher nada sabe, (...) há tempos lhes suplicamos, que lhes suplicamos de joelhos, que tentem nos dizer, pois bem, nem uma palavra! Nunca se pôde tirar nada. (p.80)

Isto é, por ter um gozo circunscrito pelo falo, o homem faz da mulher seu sinthoma, seu objeto de gozo ao qual o significante se articula. Já a mulher, por estar não-toda referida ao falo, numa zona que ex-siste, fora do simbólico e da possibilidade de significação, não consegue torná-lo um objeto de gozo e, portanto, um sinthoma, o que o faz ser uma aflição, quer dizer, uma devastação.

Miller (1998, p.114) definiu "a devastação como a outra face do amor", pois como já apontava Lacan (1972-73/2008, p.12), "[o amor] quando se olha para lá mais de perto, vêem-se as devastações", considerando que um e outro possuem em comum o gozo feminino, que leva a uma demanda infinita, numa espera pela substância do ser, pelo significante que lhe dê consistência.

> A exigência da fala de amor fica condenada à infinitude, pois a relação sexual não cessa de não se escrever. Esta é a posição feminina diante do amor, pois são as mulheres que demandam um suplemento de inconsciente, um suplemento que a fizesse sujeito lá onde ela não o é. (Kuss, 2014, p.84)

Nessa demanda de amor infinita, não encontram-se limites para "as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens" (Lacan, 1973/2003, p.538), na esperança de que encontre "sua hora da verdade" na fantasia do homem amado. Todavia, como esclarecido por Lacan (1958/1998), enquanto há predominância do objeto de amor em relação ao objeto de desejo para a mulher, para o homem os dois se divergem. Freud já anunciava a respeito dessa disjunção, em que de uma lado existe a mãe e do outro a puta, sendo uma objeto de desejo e outra objeto de amor, já que a partir da interdição imposta pelo tabu do incesto a mãe se torna um objeto inatingível, ficando somente no campo do desejo, pois como aponta Miller (1997), "o desejo é sempre um lamentar-se, um deplorar, uma nostalgia ou um anelo, (...) permanece fundamentalmente insatisfeito". (p.447) Isso porque, o objeto do desejo é sempre perdido, todos aqueles que reencontramos não se apresentam de maneira adequada a suprir nosso desejo. "É como se houvesse sempre um equívoco - *Un décalage*[19]". (p. 447)

> Nesse sentido, que é o desejo? É o desejo de um objeto; mas, num segundo sentido, fundamental, o desejo é *décalage* que há sempre entre sua causa e o objeto desejado. Empregamos a palavra desejo para opô-la totalmente à noção de satisfazer, de modo que, no próprio uso da palavra, a satisfação é antinômica ao desejo. (Miller, 1997, p.448)

Isso não quer dizer, porém, que seja necessária a existência de duas mulheres, uma do amor e outra do desejo, pois o que há de particular no gozo feminino é a divisão que esse impõe à mulher, fazendo-a Outra para si mesma e seu parceiro sexual. A devastação, nesse caso, se caracteriza então, como um efeito da impossibilidade de o sujeito feminino aceitar ser "somente" causa de desejo de um homem, insistindo em ser também objeto de amor, mesmo que como objeto-dejeto, uma vez que se sustenta ao ser amada, tendo em vista que "o homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele". (Lacan, 1960/1998, p.741)

Ainda assim, a mulher permanece na solidão e com seu gozo dividido, dado que "mesmo que se satisfaça a exigência do amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira" (Lacan, 1972/2003, p.467).

Diante do exposto, entendemos que a devastação ocorrida a partir da relação homem-mulher é estrutural, tendo relação direta com a constituição da sociedade e do contrato sexual,

---

[19] Décalage - desigualdade fundamental, não-coincidência entre duas situações ou dois objetos coincidentes, que revelam a distância entre os dois. (Miller, 1997)

que implicava que uma mulher só seria reconhecida ao se casar, pois assim se tornaria "signo de importância social", segundo Pateman (1993).

Sabemos, entretanto, que o termo devastação pode ser encontrado na obra lacaniana também em outros momentos, principalmente no que se refere à relação mãe-filha, pois numa busca pelo significante que a designe e na compensação para sua falta-a-ser, a criança surge como substituto.

> A criança possibilita à mãe, enquanto mulher, ter acesso, na sua fantasia, ao objeto causa de desejo. Como diz Lacan: o objeto *a* de uma mulher são os seus filhos. A criança torna-se uma 'rolha' para a mãe - uma rolha que estanca sua falta, isto é, para a sua falta de gozo, a mãe, como mulher, encontra na criança, em sua fantasia, uma suplementação de gozo. (Zalcberg, 2003, p.128)

Passemos então à devastação ocorrida entre mãe-filha, para que possamos entrar no caso de Ângela Diniz, conhecida popularmente como Pantera de Minas.

2.3.2 A devastação na relação mãe-filha: a consequência

Colette Soler (2005) declara que "evidentemente, há um discurso prévio sobre a mãe que faz dela o objeto vital por excelência: o pólo das primeiras efervescências sensuais, a figura que cativa a nostalgia essencial do ser falante, o próprio símbolo de amor". (p.90). Contudo, através do livro de Elisabeth Badinter (1985), tem-se a constatação de que o amor materno foi um amor conquistado, isto é, tudo o que envolve a maternidade como sendo a expressão única, final e maior da feminilidade, foi inventado a partir de um mito.

Além da submissão imposta pelo contrato sexual (Pateman, 1993), a sociedade produziu a mãe como forma de domar a "natureza feminina" e encaminhar as mulheres ao destino naturalmente atribuído a elas, pois, possuindo um órgão misterioso, o útero, o único lugar social da mulher seria o lar e sua atenção deveria se voltar à família e à maternidade.

A respeito da invenção da mãe enquanto essa figura mítica, Calligaris e Homem (2019, p.19) apontam que a mulher desejante assusta, assim, "(...) a mulher, sobretudo aquela com quem o homem vai se casar, seja mais Virgem Maria do que mulher. Porque o desejo da mulher cria um problema tremendo para os homens", já que para ser amada, a mulher não pode desejar.

Além disso, Calligaris e Homem (2019) indicam também que

> Um dos grandes instrumentos de transformação da mulher em mãe, ou seja, de recalque da sexualidade feminina, é a invenção e a valorização da família. (...) A família é um instrumento de controle (...), entre outras coisas, é o lugar onde a

> mulher é especialmente recalcada e controlada porque é onde existe a expectativa social de que ela seja mãe e dona do *domus*. (p.57-58)

Nessa perspectiva, ao se indagar sobre quem é a mulher estudada por Freud, Soler (2005) diz que "no fundo, a mulher freudiana é aquela que concorda em dizer: obrigada" (p.34), pois a partir das soluções dadas por ele para os destinos da feminilidade, esse sujeito fica à espera de receber algo de seu parceiro. O que seria esse algo? Seu amor ou um filho, que como sabemos, possui significação de falo. Nesse sentido, Freud reduz a mulher à mãe, mas, como apontado por Miller (1997), a equivalência entre criança e falo "é uma metáfora vazia, que não é em si mesma um ponto de basta, não tem estabilidade para ser autossuficiente" (p.465), pois conforme declara Soler (2005)

> Entre a mãe e a mulher existe um hiato, aliás muito sensível na experiência. Às vezes, o filho fálico é passível de tamponar, de silenciar a exigência feminina, (...) no essencial, porém, o dom do filho só raramente permite fechar a questão do desejo. O filho, como resto da relação sexual, realmente pode obturar em parte a falta fálica na mulher, mas não é a causa do desejo feminino que está em jogo no corpo a corpo sexual. (p.35)

Desde que descobriu o objeto faltante como o falo, Freud nos deu também o nome dessa falta, a castração. Além disso, definiu o *penisneid*, isto é, o desejo feminino em relação à falta desse objeto. Contudo, como bem apontado por Miller (1997), mesmo o homem, que deveria ser considerado como satisfeito, permanece sob uma subtração, pois seu desejo também encontra-se submetido à castração. Dessa forma, quem possui o órgão, enxerga a castração como ameaça; e quem não o tem, a vê como anelo. "Para Freud, a mulher é um sujeito que, no inconsciente, nada nem ninguém poderá satisfazer; ela é, por excelência, o sujeito insaciável". (Miller, 1997, p.448).

Numa tentativa de preencher essa falta da mulher, Freud apontou a equivalência entre o falo e a criança, porém concluiu-se que a criança não se trata daquilo que falta à mulher, mas um substituto possível do falo. (Miller, 1997). Seguindo o pensamento freudiano, ao nomear o objeto perdido como objeto *a*, Lacan estabelece que no centro de cada objeto *a*, existe a falta do falo. Dessa maneira, não é suficiente dar filhos às mulheres, na expectativa que se satisfaçam, isto é, não devemos pensar que ser mãe é a via de autenticidade feminina, "(...) não precisamos fazer equivalência entre maternidade e feminilidade. Ser mãe pode ser a máscara, a pseudo-solução". (Miller, 1997, p.449).

Desse modo, Lacan foi o responsável por invocar a mulher na mãe, de chamar atenção para o desejo dela, "foi além do Édipo, onde situou a mulher barrada, Outra, não toda ocupada com o homem ou filho". (Soler, 2005, p.90).

Soler (2005) aponta que após discutirem muito sobre o pai do mito do Édipo, os psicanalistas se debruçaram a estudar a mãe, depositando sobre ela a primeira limitação do gozo, trocando a função limitante do pai, pela falta do amor materno.

> Longe de a mãe ser localizada como responsável ou não, na fala dos pacientes, por seus fracassos ou sucessos, como detectamos na clínica, temos que pontuar que ela está sempre inscrita no núcleo das recordações mais marcantes para o sujeito. Desse modo, podemos dizer que é a mãe como 'Outro primordial' que deixa as marcas mais indeléveis no sujeito, uma vez que ao interpretar as manifestações da criança no seu primeiro momento de vida faz com que esta seja introduzida no mundo simbólico e no circuito da demanda. (Pinheiro e Freire, 2008, p.154)

Sendo o Outro primordial, a mãe surge de algumas maneiras "imperiosa, possessiva, obscena ou, ao contrário, indiferente, fria e mortífera, presente demais ou ausente demais (...) ela é para o sujeito, uma imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura". (Soler, 2005, p.91)

Na mesma direção, Miller (1997, p.464) aponta que "a mãe lacaniana é uma fera", pois antes de ser mãe, é uma mulher com uma falta, que busca incessantemente algo que lhe complete, assim, "é preciso localizar o desejo da mãe, na medida em que ela é mulher". (Miller, 1997, p.462). Nesse sentido, como já dito, é imprescindível considerar a mãe como um sujeito que se encontra em falta de um objeto privilegiado, isto é, o falo, significante da representação sexual no inconsciente.

Segundo Miller (1997), no "seminário, livro 4: a relação de objeto" (Lacan, 1956-57/1995) Lacan fará uma teorização sobre a mãe, mais precisamente, das "(...) consequências clínicas da sexualidade feminina para cada sujeito, na medida em que cada um é filho de uma mãe". (Miller, 1997, p.462). Nesse mesmo seminário, Lacan dedica um capítulo para apresentar a "mãe insaciável" e sua relação com o falo, onde aponta que

> Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali, e como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret*. O que a própria criança encontrou outrora para anular sua insaciedade simbólica, vai reencontrar possivelmente diante de si uma boca escancarada. (Lacan, 1956-57/1995, p.199)

A mãe, como escreve Lacan, é primordialmente toda-poderosa, é Outro primordial da criança e é também um desejo, que possui um objeto que é ilimitado. A criança surge como significação desse desejo, como ponto de interrupção no que há de ilimitado.

> O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão - a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar

> na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. (Lacan, 1969-70/1992, p.105)

A maternidade então, como proposta desde Freud, seria a saída adequada para a feminilidade, uma vez que, ao ter um filho, a mãe encontraria o significante fálico que lhe daria consistência de ser. Trata-se de uma saída a partir do ter, que possui consequências para a criança tomada como um objeto, numa posição passiva a esse desejo devorador e ilimitado da mãe. Mas mesmo essa saída parece a Freud insuficiente para dar conta da feminilidade, como ele pontua em "Análise Terminável e Interminável" (1937), permanecendo a questão da feminilidade e da castração um "rochedo" enigmático para a sua teoria do fim de análise.

Ser mulher e ser mãe, se referem à falta fálica, entretanto, de modos diferentes, dado que o ser mãe resolve a falta através do ter o substituto do objeto fálico, o filho. Já o ser mulher da mãe não se resolve inteiramente aí, "(...) na medida em que seu desejo diverge para o homem, é mais a ser ou a receber esse falo que a mulher aspira: a sê-lo, através do amor que faliciza, e a recebê-lo, por intermédio do órgão com que ela goza". (Soler, 2005, p.100)

Conforme Marie-Hélène Brousse (2004), o avanço promovido por Lacan, nos permite enxergar que o desejo da mãe está longe de ser totalmente saturado pelo significante, pois, ao lado do desejo, existe um gozo desconhecido, feminino. Nesse sentido, "a disjunção (...) entre mãe, lado da universalidade fálica, e mulher, lado da inconsistência do universal, permite progredir em relação à questão da devastação". (p.213) A autora prossegue, com a tese de que "a devastação pode então aparecer no ponto de gozo enigmático percebido na mãe pela menina, gozo não limitado pelo falo". (p.213).

Do que se trata o desejo da mãe? Essa é a questão que se coloca para o sujeito, que parte numa busca por ocupar o lugar do objeto desejado. Lacan (1957-58/1999) indica que, no desejo da criança, a mãe é essencial, pois "(...) seu desejo é o desejo da mãe" (p.188). Assim, como apontado por Cristina Marcos (2011), "o que é essencial, para Lacan, é o fato de a mãe se situar como Outro primordial para o sujeito. Para o sujeito, trata-se de saber se ele se tornou desejado ou não; ele busca no desejo da mãe um lugar para se situar no Outro".

Evocamos aqui a metáfora do Nome-do-Pai, estabelecida por Lacan em 1957, que tem como função tornar relativo o desejo da mãe, que sem ele seria infinito, pois, segundo Lacan (1957-58/1999), este comporta um para-além. Sobre a metáfora paterna, que por muito tempo foi considerada o ponto central do complexo de Édipo, sendo o ponto decisivo da estruturação psíquica, Lacan (1957-1958/1999) nos diz que se trata "(...) no que foi

constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe". (p.186).

Ao desmembrar e esclarecer a lógica da castração, Lacan deixa claro que o pai proíbe a mãe e não a criança, isto é, o pai priva a mãe do objeto de seu desejo, o falo. "(...) O pai entra em função como privador da mãe, isto é, perfila-se por trás da relação da mãe com o objeto de seu desejo como *'aquele que castra'*, coisa que digo apenas entre aspas, pois o que é castrado, no caso, não é o sujeito, e sim a mãe". (Lacan, 1957-58/1999, p.191).

É nesse momento, que ele chamou de ponto nodal, que temos algo importante para o sujeito, pois, caso a criança não aceite a privação do falo da mãe, se manterá, de certa forma, identificada ao objeto da mãe, na busca de poder satisfazer o desejo da mesma. De outro modo, a mãe insatisfeita que busca algo para devorar e compensar sua falta, é o crocodilo com a boca aberta onde a criança está. O pai surge como o rolo de pedra que impede o crocodilo de fechar a boca, salvando a criança de ser devorada, de ser alienada no Outro.

Contudo, a ação da metáfora paterna se mostra, em parte, inoperante no caso da menina, pois mesmo que a liberte da alienação total no Outro, não a constitui como mulher, na medida em que não lhe transmite um significante especificamente feminino. Segundo Zalcberg (2003), por não possuir um significante para representar seu sexo, um lado da mulher fica sem cobertura simbólica, ou seja, ela fica dentro e fora do registro simbólico. Essa divisão entre ser e não ser sujeito, considerando que sujeito é aquele que pode ser representado por um significante para outro significante, leva a mulher a alternar entre "uma pura ausência e uma pura sensibilidade" (Lacan, 1960/1998, p.742)

Diante disso, temos a assertiva de Soler (2005, p.17) de que "o Édipo produz o homem, não a mulher", pois a menina é desprovida de um significante privilegiado como o falo, não existindo então, um traço unário para sustentar sua identidade feminina.

> Ao passar pelo Édipo a menina recebe do pai (tanto quanto o menino) uma identificação viril que lhe dá estrutura como sujeito, porém este não pode fornecer-lhe uma identificação especificamente feminina. Isso porque, lembro, não há significante do sexo feminino como o falo o é para o sexo masculino. Pelo fato de o Outro enquanto tesouro dos significantes não conter um significante especifico do sexo feminino, a mulher não encontra um lugar no Outro. Ser sujeito é ter seu lugar no grande A, no lugar da falta, diz Lacan. (Zalcberg, 2003, p.102)

Nesse sentido, o significante mínimo, "insígnia", recebido do pai, ao sair da sujeição do desejo materno, não lhe dará a identificação completa, assim como para o menino, por isso a menina terá que continuar procurando a sua identidade como mulher, voltando-se então à

mãe, numa demanda que ultrapassa a demanda de amor, caracterizando-se como demanda de uma resposta sobre seu ser.

Sobre isso, tem-se a primeira indicação na obra de Lacan sobre a devastação

> Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação (Lacan, 1972/2003, p. 465).

A substância da qual a filha espera receber da mãe, mais do que do pai, refere-se à espera da menina pela transmissão da feminilidade, do significante que sustente seu ser e lhe permita responder ao questionamento "o que é ser uma mulher?". No entanto, assim como a menina não tem acesso a esse saber, a mãe também não o possui, ficando um impasse na relação entre mãe e filha, que Lacan caracterizou como a devastação.

Diante do exposto, compreendemos que a devastação como efeito da relação mãe-filha, é secundária à devastação que chamamos de estrutural, imposta pela sociedade às mulheres, que podem ou não escapar. Da mesma maneira que uma mulher vai em direção ao homem, parceiro-devastação, repetidas vezes à espera de um significante para seu ser, a menina age da mesma maneira com a mãe, implorando por um traço que dê contorno ao seu ser, pois a falta de um significante próprio não implica somente na impossibilidade de uma identificação completa, mas na impossibilidade de uma delimitação para o gozo suplementar, como apontado por Lacan (1972-73/2008), que se localiza para além do falo, fora da linguagem, que o torna indizível e inexplicável, constituindo-se como um enigma ou sem sentido.

> (...) a questão, quando o gozo perde o atrelamento fálico, é a de saber como improvisar um limite. (...) Sem esses limites o desatino espreita. Mesmo na dominância da falta, ele permanecerá no horizonte, pois o infinito do ciúme, do amor materno e da paixão insana, assim como o desespero do amor não correspondido estarão a um passo de romper as barreiras do mundo e incalculavelmente espraiarem-se (Vieira, 2008, p. 97).

O sem limites do gozo suplementar leva as mulheres a darem tudo de si, fazerem inúmeras concessões aos parceiros e, ao se tornarem mães, por terem ainda essa parte obscurecida e não alcançável pelo Nome-do-Pai, apresentam-na às suas filhas que são confrontadas com um enigma.

Nesse sentido, trazemos o caso da Ângela Diniz, uma mulher assassinada pelo então companheiro, onde enxergamos traços de devastação.

3. O assassinato da Pantera de Minas: um caso extremo de devastação

No dia 31 de dezembro de 1976, Ângela Diniz foi assassinada com quatro dos cinco tiros disparados pelo seu então companheiro, Doca Street. A defesa usou a tese da legítima defesa da honra e Doca saiu aclamado, famoso, cercado por admiradores e com uma simples pena de dois anos - dos quais não precisou cumprir nem um.

Através do podcast "Praia dos Ossos" (Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020), da produtora carioca "Rádio Novelo", temos acesso a detalhes desse crime que chocou o Brasil e foi um divisor de águas para muitas mulheres da época, mas que encontra ressonâncias até hoje.

3.1. Ângela Diniz: mulher de várias nomeações

Ângela Maria Fernandes Diniz, mais conhecida como Ângela Diniz, ou ainda, a Pantera de Minas, foi assassinada na Praia dos Ossos, em Búzios, que ainda era um distrito de Cabo Frio, região dos lagos do Rio de Janeiro. No julgamento desse crime, a intenção da defesa não era apenas defender o culpado pelo crime, Doca Street, mas também julgar a vítima e apontá-la como a verdadeira culpada pelo acontecido, já que seria a responsável pelo comportamento do companheiro. O advogado do acusado, Evandro Lins e Silva, conhecido por defender presos políticos na época da ditadura, chamou-a de "prostituta de alto luxo, vênus lasciva e pantera que arranhava com suas garras o coração dos homens". Claro, essa fama foi sendo construída nos anos de vida de Ângela, não foi por acaso. Moça da missa das 10h, a Grega (no baile de Carnaval) e noiva do ano, foram nomes que essa mulher recebeu desde o início de sua vida ainda em Belo Horizonte.

Nascida em 1944, primeira filha do casal Maria e Newton Diniz, ela dona de casa e ele, dentista, ainda criança, era levada por uma babá à missa das 10h, "era uma boneca loura, mimada, belamente vestida, toda engomada em seus organdis pacientemente bordados pela mãe. Nesse clima ela cresceu sendo a menina mais bonita da cidade, a debutante mais bonita".

> A Ângela foi muito mimada, e foi filha única e neta única bastante tempo. Aos 8 anos não sabia amarrar os sapatos. A mãe dela, a sra. Maria do Espírito Santo Diniz – ou uma babá – é que cuidava disso e de tudo da menina que todos olhavam e diziam: 'Vai ser uma mulher muito bonita, quando crescer.' (...) A sra. Maria Diniz fez dela, desde cedo, uma elegante. Tão elegante que, numa época, a futura sra. Angela Villas Boas inventou uma canção e a cantava sempre, assim: 'Eu vou casar com o rei/ eu vou casar com o rei…' (Drummond, 2020a, p.02)

Quando se falava de Ângela, seja com amigos da infância/juventude ou amigos de sua mãe, era unanimidade: tratava-se de uma moça belíssima, com um grande "poder de

sedução", que atraía todos os olhares. "(...) todas tínhamos (vestido). Mas nunca ninguém tinha um vestido mais engomado, mais rodado do que a Angela, né". (Pitanguy, 2020a, p.03)

O primeiro nome pelo qual ficou conhecida "moça da missa das dez", fazia referência à missa das 10h da manhã na Igreja de Lourdes[20], na zona Sul de Belo Horizonte, bairro dos abastados da capital mineira. A igreja não era apenas um lugar onde as meninas iam para rezar, mas também para se mostrar e serem mostradas por seus familiares à alta sociedade belorizontina. A lenda, como apontam os roteiristas do podcast, era de que Ângela nunca repetiu um vestido nessa ocasião.

Até mesmo na escola Ângela era ensinada a se portar e como ser mulher, ou melhor, uma dona de casa chique. Num internato católico, tinha, além das aulas comuns, aulas de elegância, etiqueta, bordado e outras coisas que compunham a imagem de uma boa dona de casa da alta sociedade.

Nessa escola Ângela ficava durante toda a semana, o que para alguns parecia estranho, tendo em vista o bibelô que a menina representava para a família. Recebia visita da mãe aos fins de semana e, depois desses encontros, a garota voltava cheia de ideias. Segundo Celina Albano, colega de escola da Ângela e uma das pessoas entrevistadas no Podcast (2020a), era perceptível a mudança de Ângela após as conversas com a mãe, "(...) eu acho que a mãe dela punha na cabeça dela assim: 'Ô, Ângela, as pessoas em Belo Horizonte sentem a sua falta, você é vista como a mais bonita'. Enchia a cabeça dela, a Ângela ficava impossível. (...) Ela ficava metida". (Albano, 2020a, p.4)

A mãe de Ângela, Maria do Espírito Santo Diniz, era uma mulher impecável, conhecida pela agitação, pelos jantares finos e pela elegância. Vivia nas colunas sociais, dando festas e participando dos encontros da classe alta de Belo Horizonte. Entretanto, a Sra. Maria do Espírito Santo não se resumia a isso, sendo também uma mãe controladora.

> A mãe era apaixonada por ela, né? A mãe tinha uma atração, assim – nunca vi tanta! –, pela filha. Engraçado, né? A filha era a deusa da vida dela. Era tudo. Tudo, tudo, na vida. E a Maria idolatrava a filha. Eu acho que muito do que Ângela passou na vida foi por causa dessa idolatria da mãe. (...) Porque a mãe achava que tudo dela era perfeito, tudo era bem feito, tudo que ela fazia era único. Muito difícil crescer num clima desse. Uma menina cheia de vontades, cheia de... de... coisas únicas. E a mãe fazia todos os desejos. Então, ela cresceu assim. (Siqueira, A. M., 2020, p.5)

[20] Em estudo realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a mineira Fundação João Pinheiro (FJP), com dados colhidos em 2000 e 2010, mostrou que na região de BH, dez microrregiões podem ser comparadas com a Noruega, país que conta com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo. Foi levado em conta educação, renda e longevidade da população, assim, Lourdes, juntamente com Santo Agostinho, ficou com a melhor nota, 0,955. Estes dados confirmam que, ainda hoje, o Bairro de Lourdes é o bairro da elite belorizontina e da tradicional família mineira e seus valores.

Outra amiga da família considerou que Ângela era uma produção das duas, era a pessoa da vida da mãe. Relembramos aqui Freud (1933/2019a), que considerou a saída pela maternidade como a saída normal do complexo de Édipo e Lacan (1972-73/2008) que declarou que somente enquanto mãe é que a mulher entra em função na relação sexual, pois encontrará uma rolha para sua falta, seu filho, o objeto *a*.

Inicialmente, ainda numa releitura freudiana, Lacan trata da sexualidade feminina relacionando-a ao falo, já que esse significante é que aponta para a falta da mulher. A criança então toma valor de falo e se identifica com o significante do desejo materno. Como já visto anteriormente, a criança não pode ficar nessa posição de objeto da mãe, alienada a esse Outro primordial, pois corre-se o risco de não tornar-se um sujeito. Assim, é necessário que haja um terceiro, denominado por Lacan de Nome-do-Pai, responsável por fazer a barra nessa relação.

> A metáfora paterna remete, a meu ver, a uma divisão do desejo a qual impõe, nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno. Quer dizer que há uma condição de não-todo, que o objeto criança não deve ser tudo para o sujeito materno, mas que o desejo da mãe deve se dirigir para um homem e ser atraído por ele. (Miller, 1996/2014, p.3)

A questão no caso de Ângela é a que Miller (1996/2014) traz mais adiante em sua discussão, quando aponta que a criança enquanto objeto, além de preencher, precisa dividir a mãe, pois caso isso não aconteça, ela pode sucumbir como dejeto do par familiar ou ficar aprisionada como objeto do fantasma materno. Quer dizer, Maria e Ângela viviam uma relação bastante amorosa, de acordo com os depoimentos, mas também de muito controle, onde não era possível saber onde terminava o desejo de uma e começava o da outra. “Ângela e a Maria Diniz agiam em dupla, e a realização da filha era uma vitória da mãe”. (Vianna, 2020a, p.6). O destino de Ângela estava traçado pela mãe, que a preparava para “(...) um bom casamento, segurança, boas condições econômicas… Tudo a Maria queria para a Ângela nesse sentido, usar a beleza dela para fazer um bom casamento e ela ficar tranquila”. (Albano, 2020a, p.6)

Conforme Pateman (1993) e Lacan (1956-57/1995) as mulheres são objetos por excelência na sociedade patrocêntrica. O casamento nada mais é do que uma troca ordenada de mulheres, pois dá acesso sexual igual a todos os homens às mulheres, que, no caso da sociedade rica mineira, fazia, concretamente, um desfile de suas beldades, oferecendo jovens ninfetas a homens com o dobro de suas idades, para assim concretizar o único destino possível: o matrimônio.

“Homens adultos embasbacados com meninas de 13 anos era parte do rito social” (Vianna, 2020a, p. 06). Assim, quando fez sua primeira aparição numa grande festa, aos 13 anos, no Carnaval de 1958, a menina não decepcionou a mãe e nem os presentes. Da mesma maneira que na infância, Ângela chamou atenção pela roupa que usava e pelo cabelo impecável, era a personificação de uma grega, sendo comparada a Helena de Tróia, “a ‘mais bela mulher do mundo’, que desde os 12 anos arrastou pretendentes heróis de toda a Grécia, a ponto de ser sequestrada por mais de um deles”. (Vianna, 2020a, p.7). Dois anos depois, no baile de debutantes de 1960, o evento mais esperado do ano, a jovem apareceu repaginada e roubou a cena quando fez seu desfile pela rampa. Vestia um vestido feito à mão pela mãe e, conforme relato, naquele dia Ângela virou a Ângela, isto é, foi nomeada pela terceira vez.

> A partir daí, Ângela começou a namorar homens sistematicamente mais velhos, sistematicamente ricos. A partir dessa festa de 15 anos, ela não apenas foi repaginada, quanto a Maria começou, de certa maneira, a dirigir a vida da Ângela. A Maria era apaixonada pela Ângela, mas ao mesmo tempo era uma pessoa ambiciosa, e a Ângela era uma espécie de um *asset* que ela tinha. Isso não quer dizer que ela não gostasse da Ângela, é comum que mães façam isso, só que o caso dali era meio evidente. Quer dizer, tinha um certo acordo ali entre as duas, no qual a Ângela ia ser aquele esplendor, queria brilhar. (Penna, 2020a, p.8)

Brousse (2002/2004) define a relação com o falo materno como um “sem limite do fetichismo materno”, pois os sujeitos devastados não têm outra alternativa senão a de encarná-lo ou de tentar arrancá-lo, já que a função paterna não opera de maneira efetiva. Além disso, por conta da disjunção entre a mãe e a mulher, há a presença de um gozo desconhecido, feminino, não saturado pelo significante. Como podemos ver, o pai de Ângela sequer foi citado pelos entrevistados, a mãe, Maria Diniz, foi a responsável pela construção da filha, das primeiras nomeações que a menina recebeu e inclusive, das roupas que ela vestia.

O que será que era mais belo? Os vestidos que transmitiam a feminilidade ou a jovem mulher? Dona Maria do Espírito Santo costurava as roupas da filha à mão, preparava todo o seu caminho, a enfeitava, levava às melhores festas, lhes dava todo o ouro para que pudesse constituir-se como mulher. Entretanto, como indica Brousse (2002/2004), trata-se de um “falso ouro”, um semblante, diretamente ligado à falta de significante do feminino.

De toda forma, a jovem e sua mãe foram bem-sucedidas na missão e Ângela logo arrumou um namorado, Milton Vilas Boas, um bom partido (com o dobro da idade da jovem), atraente, conhecido por trabalhar muito. Terminou com esse namorado porque se interessou por outro, mais atraente, que fazia mais sucesso, Parker Gilbert. Porém, o

relacionamento durou pouco, já que o jovem Parker não tinha dinheiro e ela voltou para Milton, que como descrito, "(...) era um construtor consolidado, filho de um ministro do Supremo. A encarnação do bom partido". (Vianna, 2020a, p.09).

Com 18 anos, Ângela se casou com Milton no que foi considerado o casamento do ano de 1963, mesmo tendo sido realizado em janeiro. Sete meses depois, o primeiro filho nasceu e aos 24 anos, a jovem mulher já tinha três filhos e estava casada com um homem muito mais velho, levando uma vida de mulher casada e dona de casa, bastante diferente daquela que estava acostumada a viver antes do matrimônio.

Norma Tamm, outra participante do Podcast, amiga e concorrente de Ângela, foi Embaixatriz do Turismo em 1958, e passou o posto para a colega no ano seguinte, falou sobre a busca pelo marido perfeito:

> As mães almejavam pras filhas o quê? Um príncipe, as que tinham mais, é… um olhar mais alto né, elas queriam príncipe, um bom marido, e outras um rapaz promissor. Que tivesse futuro pra quê? Pra sustentar a sua mulher, os seus filhos, cuidar da sua família, já que elas não tinham a sua profissão e o seu sustento. Então era uma coisa natural. (Tamm, 2020a, p.7)

Nesse sentido, a escola não era algo de extrema importância, pois o único "curso" que realmente significava algo era o de "espera marido". Ângela então abandonou os estudos sem nem mesmo completar o ensino médio, tornando-se completamente dependente do marido, Milton Vilas Boas. Pateman (1993) alerta para o contrato de escravidão que é estabelecido após o casamento, isto é, "tornar-se esposa implica tornar-se dona de casa; ou seja, a esposa é alguém que trabalha para seu marido no lar conjugal" (p.176). Assim, como um bem social, um objeto passível de trocas, é moldado, esvaziado, enfeitado, para, no fim, ser submetido ao marido que possui plenos direitos e poderes sobre seu corpo, sua história, sua existência, tornando o par homem-mulher devastador. E, aparentemente, o traço dessa devastação passa por um estado melancólico desenvolvido por Ângela após o casamento.

Ângela se tornou uma mulher muito infeliz, de acordo com as manchetes, entrevistas e fotos da época, que desejava ao acordar, "dar uma morrida". Em uma crônica publicada em 1969, Roberto Drummond apontou para a melancolia da jovem mulher, que aparentava ter chuva dentro dos olhos e era extremamente sensível, tendo o humor "guiado" pelo clima do dia.

Com essa existência tediosa, Ângela larga o marido, deixando a guarda das crianças dividida entre ele e a sua família e saindo com alguns imóveis que lhe renderiam algum dinheiro para sobreviver. A saída desse casamento como uma passagem ao ato que a leva

para caminhos outros que não mais o estado melancólico de um casamento, mas ainda enredada no campo da devastação estrutural apontada por Lacan na relação homem-mulher.

Naquela época não existia ainda a lei do divórcio[21], somente o desquite e, paralelo à vida de Ângela, uma outra mulher, amiga dela, Jô Souza Lima, também terminou o casamento e logo assumiu um novo relacionamento. Em julho de 71, no dia em que Ângela assinou o próprio testamento, fato abordado pelo advogado de defesa no julgamento de Doca Street anos depois, Jô foi assassinada pelo ex-marido. Segundo Anna Marina Siqueira, entrevistada do Podcast e jornalista do jornal Estado de Minas há mais de sessenta anos, Jô morreu de burrice, pois foi alertada por ela que não era certo separar-se, iniciar outro relacionamento e continuar convivendo com o ex, pois os homens da elite tradicional mineira não mudavam e não aceitavam tal comportamento.

O ex-marido de Jô e seu assassino, Roberto Lobato, foi a júri popular em 1972 e 1973 e alegou que ela estava humilhando a família e ele fez o que precisava para defender a sua honra e a de seus filhos. Em ambos os julgamentos ele foi absolvido. Importante salientar que não foram somente Ângela e Jô mulheres assassinadas por companheiros ou ex-companheiros. Diversas mulheres da alta sociedade, para além de Minas, tiveram o mesmo destino.

Depois da absolvição de Lobato, Ângela foi procurada pela Revista Veja para comentar sobre o caso e disse apenas que "a Tradicional Família Mineira deixou para os jovens apenas uma indisfarçada hipocrisia". Nessa mesma época, circulava por Belo Horizonte com os novos namorados e bancava, publicamente, todos os seus desejos.

Aquele gozo não submetido ao falo, aquele gozo suplementar apontado por Lacan, não era mais completamente regulado pela sociedade mineira ou pela Sra. Maria Diniz. Ângela já não tinha medo, não se importava com a opinião das pessoas. Branca Vianna, apresentadora e uma das roteiristas do "Praia dos Ossos" (2020a), assinalou que alguns anos depois da separação, Ângela deu uma entrevista e deixou claro que sabia o que estava causando na família tradicional mineira. "Meu ex-marido queria que eu vivesse como a Carolina do Chico: casta, pura, trancada em casa, vendo a vida passar. Ele, sim, não me perdoa, não admite que eu possa ser feliz com alguém, num típico problema de mineiro tradicionalista." (Diniz, 2020a, p.19)

A partir disso, Ângela consegue um quarto nome e passou a ser chamada de "Pantera". De a menina mais bonita da missa das 10h, a Grega do baile de Carnaval

[21] O divórcio foi instituído oficialmente com a emenda constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, regulamentada pela lei 6515 de 26 de dezembro do mesmo ano, de autoria do senador Nelson Carneiro.

comparada à Helena de Tróia, Ângela se transforma na Pantera de Minas, que não tinha medo, não se importava com a sociedade mineira hipócrita, com o tradicionalismo imposto, com o papel que esperavam que ela executasse. Ângela se transforma no outro lado da moeda, sendo então considerada uma prostituta que revela muito do seu desejo e causa estranhamento no mundo, que não tinha mais controle sobre seu gozo, seu desejo, seu ser; nas mulheres que não conseguiam ser como ela e perdiam seus maridos para ela e nos homens, que eram atraídos por sua beleza e por tudo que irradiava dela, tornando-se quase que enlouquecidos pela Pantera de Minas.

Esse estado de "enlouquecimento" afetou vários homens, principalmente os casados. Tuca Mendes, herdeiro da empresa Mendes Jr., era casado e tinha três filhos, mas caiu de amores por Ângela, não se importando em viajar com a amante para diversos destinos mineiros, frequentar restaurantes e sair publicamente com ela.

Juntamente com esse homem, Ângela estampou revistas e jornais, tornou-se motivo de fofoca e, principalmente, de investigação policial, pois em 1973, um homem foi assassinado na porta de sua casa. Num primeiro momento, Ângela se diz culpada, porém, tendo o tio como advogado, que desconfiou de sua confissão, principalmente após avaliar a cena do crime, informa que quem havia matado "Zé Preto" ou o "caseiro", como ficou conhecido, fora Tuca Mendes, seu amante.

Zé Preto, José Avelino dos Santos, era um menino negro de 18 anos, lavador de carros, morador da periferia de Belo Horizonte que prestava alguns pequenos serviços na residência de Ângela, que ficava nos fundos da casa de seus pais. Foi encontrado morto a tiros, com a braguilha aberta e sujo de sêmen.

Tuca Mendes foi condenado, para a surpresa de todos, mas sua pena, de 18 meses, foi suspensa. Ângela não foi responsabilizada criminalmente, porém, foi extremamente julgada pela sociedade pelo que havia acontecido e teve colada à sua imagem um estigma bastante prejudicial, não por ter se envolvido num caso de assassinato, mas pelas versões que surgiram para explicar o crime, que sempre envolviam sexo.

> Uma versão dos fatos era de que a Ângela, o Tuca e o José estariam fazendo um ménage à trois que deu errado, descambou pra uma confusão, e que o Tuca acabou matando o José. Outra versão era a de que o Tuca teria flagrado a Ângela transando com o José, e teria matado o menino por ciúme. E tem ainda uma terceira versão dos fatos. Nessa, o José tinha uma fixação pela Ângela – e tem alguns detalhes de reportagens da época que sugerem isso. Supostamente, ele teria ficado se masturbando olhando a Ângela e o Tuca transarem. E quando o Tuca percebeu a presença dele, ele disparou. (Vianna, 2020b, p.10)

Mais uma vez é possível ver como Ângela era refém de uma sociedade devastadora, que impunha que o único lugar possível e de respeito a uma mulher seria como esposa, mãe e dona de casa, cuidando dos interesses do lar e da sobrevivência dos filhos, enquanto o marido estaria exercendo seus direitos no social. Ao responder contrariamente a esse ideal, Ângela assume um papel criticado, distorcido e maltratado, tendo seu corpo, sua sexualidade e sua moral colocados em cheque.

Depois desse acontecimento, Ângela decide sair de Belo Horizonte e ir para o Rio de Janeiro. Segundo ela, a capital mineira passou a ter medo dela. Entretanto, depois do caso do caseiro, Ângela ganhou fama, deixando de ser conhecida somente em BH. O nome "Pantera de Minas" passou a ser pejorativo e ela passou a ser *persona non grata* nos eventos, restaurantes, rodas e etc. Kiki Garavaglia, figura conhecida no Rio na época e amiga de Ângela, diz que o estigma social acabou afetando a vida pessoal da Pantera, pois não podia ter os filhos com ela, o que a fez entrar numa "onda de autodestruição", que enxergamos como um dos efeitos da devastação promovida pelo social.

No Natal de 1974, após se encontrar com os filhos, Ângela levou sua filha, Cristiana, de volta com ela para o Rio de Janeiro, mesmo sabendo da proibição judicial. Quando Milton, seu ex-marido, descobriu, acusou-a de sequestrar a filha. Novamente, Ângela teve seu nome vinculado a um escândalo policial e foi condenada a seis meses de prisão por isso. Porém, foi assassinada antes de cumprir.

Depois desse episódio, Ângela abraçou a nomeação e se tornou uma mulher ainda mais destemida, tendo encarnado o significante da Pantera de Minas. Mostrou o lado perigoso da pantera e de acordo com Branca Vianna, a ficha criminal pesou sim, a vida de Ângela. Porém, mas o que foi mais grave durante o julgamento do Doca Street foi seu desejo por liberdade, "ou, nas palavras do próprio Evandro: 'a prostituta de alto luxo da Babilônia, que pisava corações, e com suas garras de pantera arranhou os homens que passaram em sua vida'.". (2020b, p.17)

A saída encontrada por Ângela para salvar-se da devastação social e materna, se mostrou como uma armadilha. Ao voltar-se à histeria e apontar o sintoma do mundo, os furos da sociedade tradicional mineira, a vida privada mentirosa dos lares, torna-se denunciante e confronta os mestres, de maneira a mostrar a falha do social.

A respeito disso, é importante fazermos um paralelo entre o discurso da histérica e o vivenciado por Ângela, pois como indicado por Lacan (1970/2003) "a ciência ganha impulso a partir do discurso da histérica. (...) a histérica é o sujeito dividido, ou, em outras palavras, é o inconsciente em exercício, que põe o mestre contra a parede de produzir um saber".

(p.436). Esse mestre é o que a histérica quer e busca, mas sobre o qual "ela reina, e ele não governa". (Lacan, 1969-70/1992, p.136). Assim, onde há mestre, há uma histérica exigindo-lhe um saber, no caso de Ângela, um nome, que não lhe satisfaz quando é dado. Desse modo, vários nomes lhe foram dados, nomes esses que foram mudando conforme ela "exigia" e os mestres foram sendo destituídos de seus lugares, por não corresponderem a exigência histérica. Na busca por um significante que desse consistência ao seu ser, Ângela procura por nomeações que tampem essa falta, pois conforme Lacan (1969-70/1992, p.136) "um nome, isso serve também para tampar alguma coisa", numa saída histérica que se apresentou como uma cilada.

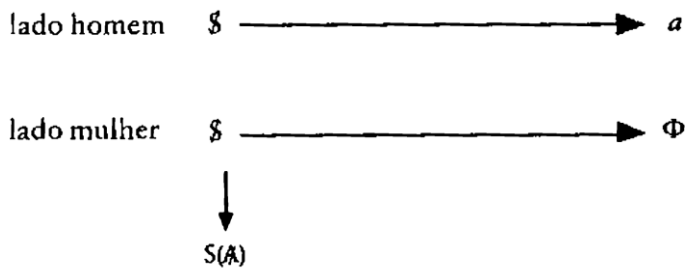
Em vista disso, Ângela era conhecida por ser uma mulher que causava desconforto nas pessoas, de acordo com Ricardo Amaral, empresário responsável por diversas boates dessa época e que conheceu Ângela ainda quando ela era casada com Milton Vilas Boas.

> Desconforto é o seguinte, quer dizer, nenhum homem – por mais seguro que seja – se sente confortável ao lado de uma mulher que ele não tem certeza de exatamente como é que ele tá ali naquela parada, quer dizer... É um desconforto normal, quer dizer, ela era a típica mulher pra deixar um homem desconfortável, né, afrontar um homem, entendeu? (Amaral, 2020c, p.03)

Era uma mulher que gostava de sexo, de namorar, de sair, de se divertir. Ângela fugia do que era esperado do modelo da época, do que era conhecido e respeitado. Sexo a três, transar com irmãos, ser amante de grandes nomes da época (como o genro do JK, o Tuca, o filho do Chacrinha e outros), o desejo de Ângela era grande e tudo o que ela queria era ser amada. Porém, o que mais causava era temor. Os homens ficavam embasbacados com sua beleza, sua postura, sua presença, mas sua fama a seguia por onde fosse, a Pantera sempre estava pronta para devorar e disso os homens fugiam. Seja por ciúmes, seja pelo sentimento de fraternidade, um sempre salvava o outro das garras dessa mulher.

Sobre o temor que uma mulher pode causar a um homem, Freud já falava em 1918, ao apontar que "talvez esse horror esteja justificado pelo fato de a mulher ser diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e por isso parecer hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, ser contaminado por sua feminilidade e então mostrar-se incapaz". (Freud, 1918/2019a, p.163), ainda mais Ângela Diniz, que fugia ao modelo de mulher imposto socialmente, não era, como em suas palavras, "casta, pura, trancada em casa, vendo a vida passar", havia se transformado em um sujeito ainda mais incompreensível, com grandes poderes que poderiam revelar muito sobre os homens.

Sobre isso, Miller (1996/2000) indica que, enquanto o homem dirige-se à mulher em busca do objeto *a*, a mulher tem uma dupla relação: com o falo e com a falta do Outro.



Miller (1996/2000, p.196)

Isto é, "o sujeito feminino dirige-se ao Outro para nele encontrar a consistência, mas oferece ao sujeito masculino a oportunidade de aí encontrar a inconsistência, a que inscreve satisfatoriamente o Ⱥ". (Miller, 1996/2000, p.196), pois, como já indicado por Lacan (1971/2009), a mulher é a hora da verdade para um homem, já que é a partir da relação com sua mulher que o homem saberá se o falo lhe confere ser homem.

Novamente, Ângela não tinha medo, não fazia concessões, se dava por inteiro a esses homens, inclusive ao homem responsável pelo apelido que a seguiu até depois da morte, Ibrahim Sued, colunista famoso da época. Esse relacionamento foi descrito como um "pavio de dinamite". Por diversas vezes, como conta Ana Maria Tornaghi, promotora de eventos muito famosa, depois de muito implicar com Ibrahim, Ângela dizia "então me mata se você é homem". O homem andava armado e existem histórias de que ele atirou contra ela em outros momentos, além de outras histórias envolvendo agressões físicas e ameaças de morte. Porém, o mais interessante dos depoimentos dados, todos eles de pessoas amigas de Ângela que estiveram com ela por algum tempo em sua vida, apontavam-na como a culpada por essas agressões, pelos relacionamentos turbulentos e por se envolver em situações de risco, pois era uma pessoa "complicada". Ricardo Amaral, amigo e promotor de eventos disse que "ela era uma que instigava as pessoas, que instigava os homens", enquanto Kiki Garavaglia, apontou que "ela provocava os homens", desafiava-os a desejarem-na.

Mesmo que vivesse sob a ameaçadora mira de uma arma, Ângela não se importava. É quase como se dissesse "que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta, tanto melhor" (Miller, 1998, p.118), quer dizer, o importante é ser amada, independente de como será e o que isso lhe causará, mesmo que leve a devastação.

Mas assim como começou o relacionamento com Ibrahim Sued, acabou e um novo amor se fez presente na vida de Ângela, o último, Doca Street.

3.2 Doca Street: o homem que supostamente amava demais

Raul Fernando do Amaral Street, tinha 42 anos, dez a mais que Ângela quando a matou. Quando se envolveram, em 1976, estava casado com Adelita Scarpa, com quem tivera um filho e foi sob o teto de sua esposa que os dois iniciaram seu relacionamento, Doca traindo a mulher e Ângela traindo Ibrahim. Em menos de dois meses, Doca abandonou sua casa, sua família e se mudou de São Paulo para Copacabana, no Rio de Janeiro, para morar no apartamento da Pantera de Minas.

O relacionamento foi permeado pela violência, principalmente porque, segundo depoimento de amigos, os dois eram complicados. Fritz d'Orey, melhor amigo de Ângela, disse que "(...) sempre soube que o Doca era um vagabundo. Não fazia nada, não estudava, não fazia nada. Ficava sempre brigando, andava armado, eu sempre soube essas coisas. Nunca assisti, mas sempre soube que ele era assim. O Doca é semianalfabeto e é um idiota, violento…". (D'Orey, 2020d, p.7). Já Marialice Celidônio, amiga do casal e dona da casa na Praia dos Ossos onde aconteceu o assassinato, indicou que "a Ângela era meio complicada, ela… O Doca era muito ciumento. E eu acho que ele era muito apaixonado por ela. E… Esse temperamento dela de ser, ser muito provocadora e tal, ele deve ter levado ele ao desespero, só pode ser isso". (Celidônio, 2020d, p.11)

Ângela era uma mulher provocadora e Doca um homem facilmente provocável, que vivia com ciúmes de sua mulher, com medo de perdê-la para um outro macho qualquer. Assim como Ibrahim, andava armado e todos sabiam, e foi em mais uma crise de ciúmes que Raul Fernando do Amaral Street findou a vida de Ângela Diniz.

Em dezembro de 1976, o casal foi passar a virada do ano na Praia dos Ossos, em Búzios, que ainda era um distrito de Cabo Frio. Alugaram a casa da amiga Marialice Celidônio e combinaram de encontrar lá com uma outra amiga, Ângela Teixeira de Mello, que na manhã do dia do crime, ficou junto com o casal na praia e se lembra de observar os olhares de Doca, que seguia Ângela por todos os lugares, que olhava para o que ela olhava, nunca a perdia de vista.

Dentre todas as especulações feitas, de que Ângela tinha um suposto amante, chamado de Pierre e de que estavam envolvidos com traficantes, o que ficou mais plausível durante o julgamento, foi o encontro com uma alemã que havia chegado há pouco na região, Gabriele Dyer, que contou durante um de seus interrogatórios, que ao sair da água encontrou

o casal discutindo e que Ângela esbarrou e caiu sobre ela, tocando-a de maneira sensual. Doca tentou ajudar a companheira a se levantar, mas foi recusado e empurrado.

Conforme indica Branca Vianna (2020d), roteirista do Podcast, esse toque de maneira sexual ou sensual, foi a base para o argumento utilizado pela defesa de Doca, pois ali ele havia sofrido uma ofensa irreparável. Além de ter sido trocado, foi trocado por uma mulher.

Ao voltarem para casa, seguiram discutindo, até que Ângela o mandou embora, dizendo que o relacionamento estava acabado. Doca pegou sua bolsa e saiu, porém, se tratava de uma encenação já feita por ele antes. Um dos seus advogados, Paulo Badhu, explicou o que havia se passado naquele momento: "ele disse que ele saiu, que ele saía todas as vezes. Brigava com ela e aí dizia que ia embora, fingia que arrumava a mala… Depois chegava lá, ela agarrava ele, beijava, trazia de volta, aí iam transar. E nesse dia ela não fez. Ele ficou esperando na esquina". (Badhu, 2020d)

Como não houve nenhum efeito, Doca voltou para a casa e pediu que Ângela o aceitasse de volta, ouvindo da mesma: "Se quiser me dividir com homens e mulheres, pode ficar, seu corno". Depois, pegou a bolsa dele, bateu em seu rosto, que foi quando ele caiu no chão e a arma caiu de dentro da bolsa. Cinco tiros foram disparados. Quatro tiros acertaram a mulher, sendo três deles em seu rosto.

Doca foi entrevistado pela equipe do Podcast e sobre o momento do crime disse que "ela bateu na minha cara com a coisa, a minha bolsa abriu, se não tivesse abrido provavelmente não tinha acontecido nada. O revólver saiu fora, caiu, já levantei atirando. Foi isso. Eu não sei se pode chamar isso de violenta emoção, ou sei lá o quê". (Street, 2020d)

Conforme já apontado anteriormente, a mulher apresenta-se como não-toda submetida à significação fálica, tendo algo de "extraviado" (Lacan, 1957-58/1999, p. 202), ou ainda, de suplementar. Como consequência disso, a mulher experimenta um gozo Outro, que dele, ela nada sabe, apenas quando experimenta, pois se trata do gozo do corpo, diferente do gozo vivido pelo homem, que é circunscrito ao órgão.

Essa dimensão Outra, diz também da posição de alteridade que a mulher ocupa na divisão dos sexos, que pode ser recusada pelos homens por ser perturbadora a eles, pois, segundo Teixeira (2014), a lógica fálica é colocada em questão. Além disso, como pontuam Riguini e Marcos (2018), é possível considerarmos a existência de uma raiva impotente do homem frente à impossibilidade sexual, pois é impossível gozar do corpo do Outro, já que implica um para além da linguagem, não comportado pelo gozo sexual, que é determinado pelo falo. Em outras palavras, ao não localizar na mulher um gozo que reconhece como sendo igual ao seu, e o fato de a mulher possuir algo inominável e incompreensível, desperta no

homem um sentimento insuportável de violência, que, por vezes, encontra desfecho num ato violento.

Além disso, ao ser chamado de “corno” por Ângela, Doca foi, conforme Caldas e Dupim (2021, p.129) “ferido em sua hombridade pela traição da mulher”, pois, sabemos que na sociedade patriarcal, o corpo e a sexualidade da mulher não pertencem a ela, mas sim ao Outro. Assim, as autoras propõem que, casos como o de Ângela, tratam-se de parcerias permeadas pelo “amódio”, neologismo concebido por Lacan (1972-73/2008), que refere-se ao amor e ódio amalgamados, que podem ser exagerados pela paixão, principalmente quando há uma demanda imperativa por um objeto fixamente idealizado. Em consequência disso,

> O lugar concedido à pessoa amada torna-se, assim, apenas um lugar de objeto; não há lugar para que uma mulher amada dessa forma seja também sujeito, às voltas com as questões do seu próprio corpo. Nas parcerias de excessivo amódio, portanto, o corpo da mulher não pertence a ela, mas ao amante, cujo amor se revira rapidamente em ódio quando este percebe que o corpo dela lhe escapa. (Caldas e Dupim, 2021, p.129)

A essa questão ainda se soma o repúdio ao feminino, apontada por Freud (1937/2018), como sendo “(...) na mulher, a inveja do pênis - a positiva aspiração a possuir um genital masculino - e, no homem, a revolta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem”, (p.322). Nesse sentido, de acordo com Miller (1989-90/2010 in Caldas e Dupim, 2021), sentir-se traído e perder a mulher para outro, feminiza o homem. A perda da pessoa que, ilusoriamente, lhe permitia constituir-se em furo ou falta, faz com que passe de um sujeito a objeto descartável, podendo ser levado à vingança.

Desse modo, compreendemos que Doca sentiu-se ferido por Ângela em sua honra, apontou-lhe sua falta e, mais do que isso, o feminizou e o colocou numa posição passiva diante da traição, levando-o às últimas consequências.

Dezessete dias depois do crime, Doca apareceu, mas não na delegacia, e sim na Globo. A entrevista dada por ele, tornou-se matéria premiada e nela o homem aparece como um ser apaixonado, sofrendo pela perda da amada, nunca admitindo ter sido o responsável. Em suas palavras: “eu realmente amava muito a Ângela. A Ângela é uma mulher que marcou muito a minha vida. Ela me deixou… fora de mim, abandonei mulher, abandonei filho”. (Street, 2020d). Mas, Ângela não foi o que ele esperava e precisava, “eu quis dar à Ângela uma outra imagem, queria que ela vivesse outra vida, que tornasse a ter os filhos perto dela, como verdadeira mãe. Ela me prometeu que mudaria o seu comportamento, mas, infelizmente, a bebida acabou estragando o nosso amor”. (Street, 2020d)

Em 1910, Freud elencou quatro condições que levariam um homem a tornar uma mulher objeto de amor. Dentre essas quatro, uma nos chama atenção, pois refere-se à tendência dos amantes de tornarem-se salvadores da amada. Segundo Freud (1910/2019a, p.125), "o homem está convencido de que ela precisa dele, de que sem ele perderá todo o apoio moral e rapidamente sucumbirá a um nível lamentável. Ele a salva, portanto, não a abandonando". A intenção, então, é salvar uma mulher que se encontra numa posição socialmente ameaçada, através da maternidade, pois, nas palavras de Zalcberg (2007) "se transformar em mãe é se transformar naquela que 'tem' por dom de um homem". (p.55).

Nesse sentido, Pateman (1993) aborda a questão do desejo da mulher submetido ao homem, apontando que "as mulheres são meros recipientes vazios para o exercício do poder sexual e reprodutor dos homens" (p.134), pois, se seguirmos a bíblia, no livro de Gênesis, mais precisamente 3:16, Deus disse à Eva "multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará", isto é, Adão, como a encarnação do homem, teve sua autoridade política originalmente estabelecida a partir do seu direito de marido sobre Eva. Assim, a submissão das mulheres é natural, independente de qualquer ação. A maternidade é o que possibilita a entrada dessas na sociedade, não como indivíduos plenos e com direitos, mas submetidas ao poder do marido.

Era o que Doca pretendia, transformar Ângela numa verdadeira mãe, consequentemente numa verdadeira esposa, salvando-a da perdição que sua vida havia se tornado e trazendo-a para cumprir o que foi delineado para ela, ser mãe e dona de casa, já que pouco importa o que uma mulher quer, pois seu destino já está colocado desde os primórdios: ser recipiente de uma nova vida, para cumprir sua função social.

Finalmente quando se apresentou na delegacia, já havia se internado numa clínica, onde chegou deprimido e intoxicado, quase em coma alcoólico, de acordo com o diretor da instituição. Esse comportamento se estendeu mesmo depois de estar preso, então um de seus advogados, Paulo "Badhu", recrutou o médico Ivo Saldanha para tirá-lo da prisão e levá-lo para o hospital, onde foi submetido a tratamentos, pois além de tudo apresentava ideações suicidas.

Depois desse período de cuidados, Doca voltou para a delegacia de Cabo Frio e foi se transformando, paulatinamente, na vítima e não algoz do crime contra Ângela Diniz, pois uma história começou a ser contada, colocando-o como um homem apaixonado que perdeu a cabeça num momento de desespero, mesmo que todos soubessem do descontrole de Doca e de como o relacionamento era permeado por violências.

O Podcast recuperou algumas notícias da época, dentre elas

> (...) uma coluna da jornalista Cidinha Campos, que saiu no Jornal dos Sports, que diz assim: "No começo, Ângela Diniz era a vítima. Quinze dias, depois virou o barco. Doca [...] passou a ser a vítima. É aplaudido pelo povo, virou mito. As mulheres já estremecem pelo coração de Doca. E foi Ângela quem foi assassinada, não sei se vocês se lembram. Em menos de um mês, ela foi promovida de mulher mais sexy a 'sapatão'. Eu não vou estranhar se, no final do julgamento, Doca seja condenado a pagar uma pequena multa apenas por ter caçado uma pantera fora da estação." (Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020e, p.16)

É possível fazermos um paralelo entre Doca Street e o Pai da Horda Primitiva de Freud, aquele todo poderoso, que detinha todas as mulheres, ambos tornaram-se mito. Doca, o homem que não seguiu a regra, isto é, ao ter sua honra ferida, atacou e aniquilou Ângela, constituindo-se como a exceção, aplaudido, amado e reverenciado pelo povo. Antes de chegar às vias de fato, ainda tentou salvar Ângela, transformando-a numa "verdadeira mãe", quer dizer, ofereceu a ela a oportunidade de ter seu gozo de mulher circunscrito pelo significante fálico que a maternidade lhe daria, tornando-a apta a ser um objeto de amor. Contudo, ao falhar, caçou a pantera e findou-lhe a vida.

A reputação de Ângela, com seus nomes e suas histórias, sua existência incômoda àqueles que não suportavam uma mulher desejante e que fugia a regra da tradicional sociedade mineira, foi o que a matou e depois se tornaram um combustível para a fogueira que se formou em volta de sua memória: mesmo depois de morta, Ângela foi julgada e novamente morta.

3.3 O julgamento: de quem?

Por sete meses Doca ficou preso, mas foi solto por um habeas corpus. Depois, pela lentidão da justiça, demorou quase três anos para ser levado a julgamento. Como Búzios ainda pertencia à cidade de Cabo Frio, o julgamento aconteceu lá, assim como a primeira prisão e toda a investigação.

Naquela época funcionava assim: a cada dois meses, 21 moradores de Cabo Frio eram sorteados e ficavam à disposição para todos os julgamentos que aconteceriam nesse período. Para cada júri, sete pessoas eram escolhidas. Com os 21 nomes em mãos, o pai do Doca visitou cada um, que poderia vir a ser jurado, e entregou um resumo do caso preparado pela Defesa. Essas mesmas pessoas também receberam uma carta dos filhos de Ângela Diniz.

Das 21 pessoas, duas mulheres e cinco homens foram sorteados para compor o júri que viria a decidir o futuro de Doca Street, que, segundo "(...) um jornalista que cobriu o

caso: quase dava pra esquecer que ele só ficou viúvo porque quis". (Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020f, p.04)

Evaristo de Moraes Filho, era o advogado contratado pela família da Ângela, e Evandro Lins e Silva, o responsável pela defesa de Doca.

Evandro Lins e Silva foi um famoso advogado criminalista que defendeu mais de mil presos políticos durante o Estado Novo. Foi nomeado ministro do Supremo pelo presidente João Goulart, e foi cassado pelo regime militar em 1969. Ficou um tempo sumido, o que só contribuiu para que sua volta aos tribunais fosse extremamente esperada. Segundo Paulo "Badhu", que compôs a equipe de defesa, "o Evandro era um monstro. Eu acho que ele não era desse planeta. Eu nunca vi igual aquilo. Fazer da formiga um elefante". (Badhu, 2020f, p.05). De fato, ele fez uma formiga transformar-se num elefante, um algoz transformar-se em vítima, pois desde o início fez questão de cuidar da imagem de Doca na mídia brasileira, que cobriu todo o julgamento e tudo que envolvia o crime.

Mas o advogado contratado pela família de Ângela não ficava para trás, pois era conhecido como um dos melhores advogados criminalistas do país. Assim, os jornais chamavam o julgamento de "duelo de titãs", o que gerou expectativa para um grande debate no campo jurídico. O que é interessante, pois realmente o assassinato de Ângela deu lugar a outro tipo de manifestação fálica: a disputa pelo saber, no caso, o jurídico.

Enquanto a primeira parte, ocupada pela equipe de Ângela, foi um fracasso, quando tomou a palavra, Evandro Lins e Silva apresentou sua bela tragédia. Doca tornou-se um homem bom, respeitado, com excelentes antecedentes, inclusive familiares, sem ficha policial. Muito diferente da Pantera de Minas, que casou, separou, abandonou os filhos, se viu envolvida num crime (do Zé Preto), foi acusada de sequestro (da filha Cristiana), teve o apartamento vistoriado e vivia livremente, namorando, se divertindo, usando drogas e outras libertinagens. Em suma: sem cumprir o papel de mãe que foi traçado para ela desde a sua infância.

Dessa forma, a partir da construção proposta por ele, o Doca teve a "desgraça" de encontrar uma mulher feito essa, pois ele nunca teria feito nada de errado caso não tivesse sido levado ao limite. Esse foi o ponto central da defesa, apelar para a honra de Doca, isto é, ele a teria matado para proteger a própria honra. Conforme Branca Vianna (2020f), "o comportamento da Ângela era uma ameaça pra honra do Doca. Lembra: ela teria dado em cima de uma mulher na frente de todo mundo, depois terminado com ele e ainda chamado ele de corno. A reputação dela de "pantera" era mais do que conhecida. E, por isso, a culpa não era dele de ter feito o que fez". (p.12)

No entanto, a legítima defesa da honra não está prevista no Código Penal Brasileiro, apenas legítima defesa, que encontra-se dentro do art. 23.

> Art. 23. Não há crime quando o agente pratica o fato:
> I – em estado de necessidade;
> II – em legítima defesa;
> III – em estrito cumprimento de dever legal ou no exercício regular de direito.

E entende-se por

> **Legítima defesa**
> Art. 25. Entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem.

O júri popular não conhecia o Código Penal, mas era formado por membros da sociedade em que a honra do homem é algo a ser preservado não apenas por ele mas, principalmente, pelas mulheres de suas vidas. E Evandro ia ganhando a atenção com seu discurso teatral

> Não, não sustentamos o direito de matar. Não. Não suponha ninguém que eu vim aqui sustentar o direito que tenha alguém de matar. Não! Tenho o direito de… explicar, de compreender um gesto de desespero, uma explosão incontida de um homem ofendido na sua dignidade masculina. Compreende-se, desculpa-se, escusa-se. (...) Quando há razões, quando há motivos. (Lins e Silva, 2020f, p.13)

E quais foram as razões que levaram Doca a assassinar Ângela? Para Evandro, "ela provocou, ela levou a este estado de espírito, este homem que era um rapagão, um mancebo bonito, um exemplar humano belo, que se encantou pela beleza e pela sedução de uma mulher fatal, de uma Vênus lasciva". (Lins e Silva, 2020f, p. 13), que afetou fortemente sua masculinidade, sua "dignidade masculina", quase operando uma destituição fálica.

Porém, não parou por aí. O próximo passo para livrar o Doca da responsabilidade do crime, foi dizer que Ângela queria morrer. Na época em que seu apartamento foi vistoriado pela polícia, seus advogados argumentaram que as drogas foram usadas pois ela estava deprimida sem a guarda dos filhos, tendo até tentado se matar. Juntou-se a isso o fato de Ângela ter feito seu testamento aos 26 anos, o que foi um grande trunfo para Evandro Lins e Silva defender seu cliente. "Senhores jurados, ele teve a desgraça de ser o instrumento que ela usou para sua própria morte, para o seu suicídio". (Lins e Silva, 2020f, p.14)

A acusação, agora representada por Evaristo de Moraes Filho, fez questão de levar o momento do crime, pois o objetivo era mostrar que o crime não foi passional, isto é, não aconteceu num momento de explosão, já que ficou comprovado que houve um "engasgo" da arma entre o primeiro e o segundo tiro, tempo que seria suficiente para Doca interromper sua

ação e Ângela sair viva da situação. Dessa forma, se o júri escolhesse absolvê-lo por se tratar de um crime passional, estaria cometendo um erro.

> Carlos Drummond de Andrade, a respeito de Ângela Diniz, disse… 'Aquela moça continua sendo assassinada todos os dias, de todas as maneiras, e por muita gente'. Absolvição deste homem pelos fundamentos que ele deseja, legítima defesa da dignidade – será mais um assassinato de Ângela. Jurados, esta moça já teve carrascos demais. (Moraes Filho, 2020f, p.16)

Assim como Antígona, filha do desejo incestuoso de Édipo e Jocasta, Ângela viveu "entre-duas-mortes", conforme analisado por Lacan (1959-60/2008), pois assumiu uma posição em vida que se confundiu com "a morte certa, morte vivida de maneira antecipada, morte invadindo o domínio da vida, vida invadindo a morte" (p.295), tendo sido exatamente o que era, contra tudo e todos, inclusive as leis sociais que lhe diziam para ser mãe, dona de casa e obediente ao marido.

Assim, teve sua primeira morte, a do corpo orgânico. Foi assassinada pelo companheiro, que se sentiu ameaçado, destituído de seu poder fálico, com sua honra manchada. Durante o julgamento, foi morta novamente, teve sua memória manchada e sua existência questionada, experimentou uma segunda morte, simbólica, quando não lhe foi permitido descansar e duvidaram de sua posição no crime cometido, isto é, de vítima, tornou-se algoz, simplesmente por não compactuar com as exigências da sociedade elitista mineira. Ser repetidamente assassinada, mostra que a devastação não está presente somente nas relações amorosas ou entre mãe e filha, mas estruturalmente na sociedade.

Jacqueline Pitanguy (2020f), que foi amiga de Ângela na infância, foi da mesma opinião

> Ela morreu duas vezes. Porque ela morreu quando o Doca a assassinou, e ela morreu no primeiro julgamento. Porque foi ela que foi julgada, foi a Ângela que foi julgada. Porque uma mulher como ela não traz simpatia. As pessoas não gostam e uma mulher bonita demais, sedutora demais, livre demais. Então ameaça! Ameaça mulheres, ameaça homens. (p.19)

Parecia que, finalmente, Ângela estava sendo defendida, porém, a defesa tinha direito à tréplica, o que abriu margem para Evandro conduzir o julgamento através de seu teatro grego praiano. Então, apontou que o júri teria duas alternativas somente: absolver Doca ou entender que ele aplicou excessivamente a legítima defesa, que lhe daria entre um e três anos de detenção, mais do que suficientes, ao seu ver, pois o homem já estava sofrendo em demasia e pagando pelo ato, já que, supostamente, amava demais.

A sentença foi exatamente essa: Doca Street foi condenado a dezoito meses de detenção pelo excesso culposo de legítima defesa e seis meses por ter fugido da justiça. Entretanto, por ter ficado preso por sete meses, já havia cumprido mais de um terço da pena e pôde sair livremente do tribunal. O sentimento era de que ele havia sido absolvido, conforme o exposto por um radialista da época e recuperado pela equipe do Podcast

> Ângela Diniz, muito embora assassinada por Doca, também estava sendo julgada. Terminado o julgamento, a opinião pública ficou consciente de que Ângela Diniz foi condenada moralmente, e Doca, o galã, muito embora tecnicamente condenado, também moralmente fora absolvido… (Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020f, p.18)

Ângela foi assassinada pelo seu companheiro e no julgamento que deveria ser para que este fosse punido, ela é quem se tornou réu, ela quem foi julgada. Julgada pelos seus comportamentos, pela vida livre que vivia, por seguir seus desejos, pela sua existência que fugia ao tradicional da época. Branca Vianna (2020c) é bastante certeira ao dizer que o assassinato de Ângela "foi a reação de um homem médio daquela época, criado com os valores daquela época, moldado para ter medo de uma mulher que segue os seus desejos. E, por isso, criado para agir com violência quando topa com uma mulher assim". (p.13)

Contudo, o assassinato de Ângela e de outras mulheres serviu para que um movimento tivesse início no Brasil, conhecido como "Quem ama não mata", um movimento de mulheres que se reuniu para defender umas às outras. Assim, em 1981 quando aconteceu o segundo julgamento de Doca, que foi solicitado pois não foram encontradas provas de que ele havia excedido na legítima defesa, as pessoas se comportaram de maneira diferente.

Paulo "Badhu" (2020g), que foi um dos advogados do Doca, participou dos dois julgamentos e disse que

> No primeiro julgamento, eu era chamado na rua: "Ô, doutor Paulo, oi, doutor Paulo, como vai, bom dia, boa tarde." Todo mundo querendo falar comigo. No segundo julgamento, até os meus amigos sumiram pra não falar comigo. Houve uma mudança, assim, radical da mídia e de tudo. (...) Não existia na época juíza, promotora, delegada, procuradora. Não existia nada disso. A mulher era simplesmente… era uma companheira do homem. Desde aquela época, é ali que começou propriamente, vamos dizer assim, a libertação das mulheres, né. Foi uma libertação das mulheres. (p.08)

Neste segundo julgamento, os responsáveis pelas defesas mudaram. No lugar de Evaristo, do lado de Ângela, entrou Heleno Fragoso, advogado famoso, que foi convidado pelo Jornal do Brasil para comentar o primeiro julgamento e, logo após, escreveu um artigo

intitulado “Absolvição do machismo”. Na defesa de Doca, Evandro foi substituído por Humberto Telles.

Segundo “Badhu” (2020g), o que se via era uma mudança extremamente radical, tanto na postura da sociedade, quanto na dos jurados. Para ele, as “mulheres se assanharam”, foram para as ruas - o que naquela época não era comum -, dominaram tudo, impuseram medo.

Hildete Pereira de Melo e Otilie Pinheiro, foram duas das mulheres presentes em frente ao fórum de Cabo Frio no segundo julgamento de Doca, e quando foram entrevistadas pelo Podcast, se surpreenderam ao ver as fotos, pois não passavam de cinquenta mulheres protestando. Isto é, menos de cem mulheres que se “assanharam”, nas palavras de Badhu, e foram defender a memória de uma mulher assassinada que, embora fosse vítima, foi tratada como a verdadeira culpada no primeiro julgamento. De fato, o ser mulher assusta. Seja por sua inexistência, pelo seu gozo suplementar, pelo desconhecido que evoca aos homens, mesmo que não sejam capazes de se reunir sob um conjunto, de formarem uma fraternidade, ao reconhecerem-se uma a uma enquanto mulheres, são capazes de movimentar e mudar uma sociedade.

Tanta foi a mudança de pensamento, que Heleno Fragoso, advogado contratado pela família de Ângela, fez questão de apontar que “‘A honra do homem não reside no sexo da mulher’. E outra: ‘A Ângela era uma mulher decente e honesta que amava os filhos. Ela não está em julgamento, e sim Doca Street’.”. (Fragoso, 2020g, p.10). Doca foi vaiado e não festejado na entrada do tribunal, as mulheres que estavam presentes empunhavam cartazes em defesa de Ângela e o povo de Cabo Frio uma adquiriu nova postura. Em consequência disso, foi condenado a 15 anos de prisão pelo assassinato de Ângela Diniz.

A tese da legítima defesa da honra, porém, continuou aplicada. Exemplo disso foi Ariosvaldo Campos Pires, um jurista da época, bastante conhecido pelo seu uso, responsável por absolver, duas vezes, o marido da Jô Lobato, amiga de Ângela e pela defesa de outros homens acusados de matar suas mulheres. Num encontro que teve com ele, Mirian Chrystus, jornalista e feminista que foi entrevistada para o Podcast, contou que questionou até quando os advogados seguiriam usando tal argumento e ouviu em resposta que seria usado enquanto funcionasse.

Fica bastante óbvio para nós, que a utilização de uma tese, que nem existe no Código Penal Brasileiro, como argumento, atesta a sociedade como uma estrutura devastadora. No caso de Ângela Diniz, não houve alteração legal, mas o início de uma alteração da mentalidade social, mesmo que medíocre.

A pesquisa empreendida pelas pesquisadoras do Podcast, mostrou que ainda em 2018 um advogado conseguiu uma melhoria num caso de feminicídio utilizando-se desse argumento ultrapassado e sem embasamento legal. De homicídio triplamente qualificado, passou a homicídio privilegiado, recurso bastante utilizado em casos de feminicídio, segundo o juiz Marcelo Fioravante, que falou ao "Praia dos Ossos", que atenua a responsabilidade do agressor.

Foi necessário que em 26 de fevereiro de 2021, século XXI, saísse uma nota no site do Supremo Tribunal Federal, tornando inconstitucional essa tese. O então ministro Dias Toffoli, concedeu uma liminar onde constava ser inconstitucional a tese de legítima defesa da honra, "(...) por contrariar os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero". (STF, 2021). Em 15 de março do mesmo ano, de maneira unânime, o órgão votou e proibiu o uso da tese de legítima defesa da honra em casos de feminicídio.

No documento enviado pelo STF, que pode ser conferido na íntegra no site, são apresentados argumentos que confirmam a inconstitucionalidade do ato. Dentre eles, um nos chamou atenção

> Todos os direitos são suscetíveis de legítima defesa, tais como a vida, a liberdade, a integridade física, o patrimônio, a honra etc., bastando que esteja tutelado pela ordem jurídica. Dessa forma, o que se discute não é a possibilidade da legítima defesa da honra e sim a proporcionalidade entre a ofensa e a intensidade da repulsa. Nessa medida, não poderá, por exemplo, o ofendido, em defesa da honra, matar o agressor, ante a manifesta ausência de moderação. No caso de adultério, nada justifica a supressão da vida do cônjuge adúltero, não apenas pela falta de moderação, mas também devido ao fato de que a honra é um atributo de ordem personalíssima, não podendo ser considerada ultrajada por um ato imputável a terceiro, mesmo que este seja a esposa ou o marido do adúltero. (Capez, 2013, p.309 in STF, 2021, p.08)

Nesse sentido, em muitos casos de feminicídio, é possível enxergarmos a devastação imposta pela estrutura social. A mulher como objeto de gozo, enquanto bem passível de ser trocado, que só adquire valor, de fato, ao entrar no circuito de trocas, isto é, ao se casar e pertencer a um homem, o único capaz de protegê-la na sociedade, se vê assujeitada a uma realidade devastadora que é transmitida de geração para geração. Uma mãe, antes de mais nada, é uma mulher, fruto da linguagem e submetida a uma ordenação, a uma lei.

4. Considerações finais

Algumas perguntas nortearam a construção e escrita desta pesquisa. A primeira, bastante particular e vinda das inquietações dessa jovem pesquisadora, sobre o que seria a feminilidade, mais precisamente, o que significa isso. Essa questão foi disparadora para várias outras, tendo em vista que na Psicanálise nenhuma resposta é simples e direta, e, na maioria das vezes, uma coisa nunca é somente aquilo que parece. Assim, o questionamento sobre a feminilidade, nos levou à transmissão do desejo de mãe para filha e a alguns casos atendidos por Freud que, para nós, foram emblemáticos.

Por que começamos por Freud e pelos seus casos? Pois devemos a ele o mérito da descoberta do inconsciente e a criação do conceito de sexualidade, que nos rendeu a teoria e o método psicanalítico. E, na mesma medida, Freud deve às mulheres, que com seus corpos, atos e sintomas, denunciaram algo que estava sendo ignorado. O que nos levou a uma outra pergunta: o que é a mulher?

Maria Rita Kehl (2016) relata que a cultura europeia do final do século XIX e início do século XX, tinha por objetivo promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o que consideravam como feminilidade, isto é, atributos, funções e restrições, tudo isso na intenção de formar um conjunto de sujeitos domados pela sociedade e pela educação, já que a "natureza feminina" era selvagem. Nesse sentido, fica definido que as mulheres ocupariam um único lugar social e teriam somente um destino. Assim, ficam restritas ao lar, cumprindo a tarefa que lhes foi dada naturalmente, a maternidade.

A autora aponta, a partir do texto de Rousseau, que a mulher em "estado de natureza" poderia ser reduzida à força de seu sexo e, por isso, deveria ser controlada e domesticada, a fim de que seus "desejos ilimitados" não exterminassem a ordem social e familiar. Assim, "(...) a razão é convocada a dominar os excessos próprios da natureza que dotou as mulheres de uma voracidade sexual que os homens não são capazes de satisfazer" (Kehl, 2016, p.52), pois na medida em que é docilizada e submetida ao homem, o torna macho, capaz de constituir família, criar os filhos e garantir a espécie.

As mulheres fruto do pensamento dessa época, além de sujeitadas a essa realidade no âmbito social, na vida privada deviam contentar-se com a sexualidade secundária, subserviente do prazer masculino, o que tornou a frigidez praticamente normal entre as casadas e a maternidade o único meio de plena realização da sexualidade.

Por essa razão iniciamos a pesquisa com os casos de Freud, para apontarmos os impasses encontrados por ele a respeito da feminilidade e da constituição do sujeito mulher, em seu percurso de criação da psicanálise, uma vez que foram essas mulheres que chegaram

até ele e foi nessa sociedade que ele se constituiu. Assim, quando Anna O., Emmy Von N, Dora, Judith e tantas outras o procuraram fora do "molde", com comportamentos diferentes do esperado, com questões corporais e outros quadros além da frigidez, foi necessário empreender uma busca para descobrir o que seriam essas mulheres, o que elas queriam e como teria iniciado a patologia que as acometia.

A partir disso, Freud se encontra com o "continente obscuro" que é a feminilidade e que continuou sendo mesmo após anos de pesquisa, pois mulheres como as citadas, não se contentavam com a maternidade, destino final e mais apropriado proposto pela sociedade e compreendido por ele como o mais correto para a mulher, apresentando "desvios" e adoecimentos.

Nesse ponto, chegamos ao que consideramos como a grande contribuição deste trabalho. Ao se dar conta de que a relação da mãe com a menina é uma relação especial, primitiva e cheia de segredos não descobertos, Freud compreende que sobre a mulher era difícil dizer, e que, constituir-se como mulher, poderia ser uma catástrofe, pois dependia, em grande parte, da mãe. Foi Lacan quem ficou com a responsabilidade de responder sobre a catástrofe e sobre o mistério que envolvia a feminilidade e assim cunhou conceitos e conhecidos aforismas.

O que Freud chamou de catástrofe na relação mãe-filha, Lacan nomeou como devastação, não somente na relação com a mãe, mas também nas relações amorosas. Dessa forma, foi possível enxergarmos e fazermos um giro na teoria, com a hipótese de que antes de qualquer coisa, existe de maneira estrutural, uma devastação imposta pela sociedade e suas tradições, pois antes de ser mãe, se é mulher, que como expusemos, foi objetificada, docilizada, colocada numa caixa e teve seu destino trilhado para ser mulher de alguém e mãe. Essa foi nossa pergunta final: seria a mãe a única responsável pela devastação da filha?

Com o caso da Ângela Diniz, atrelado às teorizações de Carole Pateman e às proposições lacanianas sobre a constituição do sujeito e a sexuação, conseguimos apontar a disjunção entre o ser mulher e o ser mãe, a inexistência da honra da mulher antes do casamento, a transformação de mulher-sujeito para mulher-objeto e a importância da falta de um significante que designe a mulher no inconsciente. Tudo isso nos fez enxergar que para uma mãe devastar sua filha, é necessário que sofra antes, uma devastação social.

Dora sofria com a falta de um significante, com uma falha na transmissão de um desejo de sua mãe, que estava muito ocupada em ser somente dona de casa e como "diagnosticado" por Freud, sofrendo de "psicose de dona de casa". Atropelada pela devastação sofrida pela mãe, que não sabia ser outra coisa senão responsável pelo lar, viu-se

devastada da mesma forma, em busca de algo que lhe dissesse sobre como ser mulher. Logo, "o que ela tentava saber por meio de sua amizade idílica com a sra. K., substituta da mãe frígida e distante, era como tornar-se uma mulher". (Kehl, 2016, p.200) A Sra. K. surgiu então como uma possibilidade, mas que rapidamente se desfez quando Dora se dá conta de sua objetificação e de como se tratava de um sujeito descartável.

A mesma coisa com Judith, invisível à sua mãe, colocada até como inimiga da jovem e bela mulher que a mãe era, tentou ser mãe de crianças mais novas e não conseguiu, tendo escolhido o amor pela dama degradada na esperança de encontrar aquilo que lhe faltava: o significante de um desejo. Como apontado por Kehl (2016, p.170) "estaria a jovem homossexual de Freud em busca de outro significante para transformar-se em mulher, um significante que deslocasse o da maternidade e apontasse diretamente para o usufruto que uma mulher pode ser com seu sexo?".

Ambas as jovens, vivendo no início do século XX, sofrendo com tradições de uma europa que insistia em manter um padrão de feminilidade, encontraram nos sintomas histéricos, nos acting outs e outras formas de demonstração do sofrimento, um meio de apontarem para uma organização que ia mal, que fazia mal.

O que existe de interessante na psicanálise é que, por vezes, o tempo passa, mas as pessoas permanecem com os mesmos ideais, as mesmas concepções, seguindo as mesmas tradições e adoecendo das mesmas coisas. Algumas décadas e um oceano separam Ângela Diniz de Dora e Judith, porém, enquanto as duas jovens europeias, mesmo sendo um escândalo e motivo de decepção para suas famílias, foram levadas para tratamento, a Pantera de Minas não teve chances: foi preparada para seguir um caminho e ao invés de se tornar mais uma esposa melancólica que odeia a própria vida, foi assassinada pelo companheiro e depois, durante o julgamento, novamente morta pela sociedade brasileira.

Lacan (1972-73/2008) não errou ao apontar a semelhança entre as palavras francesas *dit famme* e *diffame.* A primeira significa "falar de mulher", enquanto a outra corresponde a "difamar". Por vezes, falar da mulher, de mulher, sobre a mulher, com a mulher, significa difamá-la e sobre isso é do que se trata a devastação, foi exatamente isso o que Ângela sofreu estando viva ou morta.

Criada pela mãe, uma vez que o pai se mostrava ausente nas decisões, uma típica mulher da classe média mineira, não somente nasceu, mas foi costurada, adornada, pintada e construída para ser a mulher mais atraente, a melhor candidata a esposa, a que "fisgaria" o melhor partido. Desde os primeiros anos de vida, tornou-se cúmplice da mãe, objeto de seu

desejo, responsável por realizar o que fora planejado para a mãe, que agora planejava para ela.

Sendo assim, partimos da nossa hipótese de que a sociedade tradicional mineira foi a principal responsável pela devastação, tanto da mãe, quanto da filha, já que o que lhes foi transmitido, foi um papel de mulher que não mais cabia à mais jovem.

Uma mulher devastada então, é devastada não somente em relação à sua mãe, mas sofre com esse fenômeno também nas relações amorosas, como foi o caso de Ângela. Depois de casar-se e cumprir o roteiro escrito para ela, decide separar-se e viver intensamente seus desejos, num gozo infinitizado, que a levava às relações mais degradantes e expositoras. A saída encontrada por ela, através da histeria, ainda a colocou em situações piores, tornando-se uma armadilha.

Com seus relacionamentos, Ângela viveu o que Lacan (1964/2008) definiu como: "eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo mais do que tu - o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo" (p.255). Em suas parcerias amorosas, comportava-se como objeto *a* de seus companheiros, não tinha pudores, nem medo, era extremamente desejada e os homens faziam tudo por ela, inclusive romper casamentos. Entretanto, o amor comporta uma face de ódio, muito sensível, que mutila, fere e mata. A passagem da mulher de objeto do desejo a mais-de-gozar as reduz ao objeto resto, dejeto, como no caso de Ângela.

Consideramos então, que o impasse na transmissão do desejo ocorre bem ali, na relação entre uma mãe e sua filha, pois o que lhe é transmitido são os significantes e os lugares estruturais da relação homem e mulher, ou, de outro modo, não é transmitido um desejo, mas um ilimitado de não-desejo, que exige da mulher o consentimento a um lugar de negação do desejo.

Não se trata de uma inveja do pênis, do *penisneid*, como definido por Freud. Se pudermos falar de inveja, que seja de um significante, para localizar o gozo que é infinito sem sua ação, para bordejar, para contornar e dar existência ao sujeito mulher. E mais, se trata da manutenção do lugar da mulher que não mais lhe é confortável, devastando-a de maneira catastrófica.

REFERÊNCIAS

Abel, Marcos Chedid. (2011). Verdade e fantasia em Freud. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, *14*(1), 47-60. https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000100004

Albano, C. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Amaral, R. (2020c). Episódio 5 - A Pantera. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

André, Jacques. (2013). O a posteriori transferencial dos traumas do início da vida. *Ágora:* Estudos em Teoria Psicanalítica, 16(spe), 127-140. https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000300009

André, Serge. (1987). *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado:* o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Badhu, P. (2020g). Episódio 7- Quem ama não mata. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Badhu, P. (2020d). Episódio 6 - Doca. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Barros, R. R. (2015). O desejo da mãe. In: Barros, R. R. e Vieira, M. A. *Mães.* Rio de Janeiro: Subversos.

Bidaud, Eric. (2013). O que resta da sexualidade infantil?. *Estilos clínicos*, 18(2), 318-326. https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v18i2p318-326

Bonfim, Flávia. (2014). Perspectivas sobre o escrito lacaniano: “a significação do falo”. Em: *Analytica*: Revista de Psicanálise, v.3, nº5, pp.157-182. http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/444/612

Brousse, Marie-Hélène. (2004). Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. Em: *Latusa:* Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção RJ (nº9, pp. 203-218). Rio de Janeiro: EBP. (Texto original publicado em 2002)

Calazans, Roberto. (2015). Sobre a psicopatologia dos atos. *Psicologia Clínica*, 27(1), 123-138. Recuperado em 16 de setembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000100007&lng=pt&tlng=pt.

Caldas, H. & Dupim, G. (2021). O amódio ao feminino e a violência nas parcerias. In: Danziato, L., Teixeira, L. C., & Gaspard, J.L. *Violência de gênero e ódio ao feminino*. (pp. 127-138). Curitiba: Editora CRV.

Celidônio, M. (2020d). Episódio 6 - Doca. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Coelho Jr., Nelson Ernesto. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora*: Estudos em Teoria Psicanalítica, 4(2), 37-49. https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003

Couto, L. F. S. (2010). Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In: Neto, F. K. e Moreira, J. O. *Pesquisa em psicanálise:* transmissão na Universidade. Barbacena: EdUEMG.

Calligaris, C. e Homem, M. (2019). *Coisa de menina?* Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. Papirus: Campinas.

Dias, Maria das Graças Leite Villela. O sintoma: de Freud a Lacan. *Psicologia em Estudo* [online]. 2006, v. 11, n. 2 [Acessado 18 Setembro 2021] , pp. 399-405. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200019>. Epub 01 Dez 2006. ISSN 1807-0329. https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200019.

Diniz, A. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

D'Orey, F. (2020d). Episódio 6 - Doca. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Drummond, Cristina. (2011). Devastação. *Opção Lacaniana Online*, 02(6), 01-14. Recuperado de http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf

Drummond, R. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Effegem de Souza, D., & Viana Vidal, P. E. (2017). Devastação: entre mal-estar e sintoma, o sofrimento relacionado ao feminino irrepresentável. *Revista Subjetividades*, 17(3),130-142. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=527555046006

Fragoso, H. (2020g). Episódio 7- Quem ama não mata. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Freud, S. (2019a) Sobre as teorias sexuais infantis. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 95-115). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1908).

Freud, S. (2019a) Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 259-276). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1925).

Freud, S. (2019a) Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 121-153). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1910).

Freud, S. (2019a). Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 285-311). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1931).

Freud, S. (2019a). A feminilidade (Conferência XXXIII). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 313-345). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1933).

Freud, S. (2011) A organização genital infantil. In: *Obras completas* (vol. 16, pp. 168-175). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2011) A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras completas* (vol. 16, pp. 203-213). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1924).

Freud, S. (2016a) Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora" 1905[1901]). In: *Obras completas* (vol. 6, pp. 173-320). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).

Freud, S. (2016a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).

Freud, S. (2016b). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: *Obras completas* (vol. 2, pp.18-38). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1893).

Freud, S. (2019b). Manuscrito K. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud.* (vol. 5, pp.23-34). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1896)

Freud, S. (2019b). Carta 139 [69]. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud.* (vol. 5, pp.47-50). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1897)

Freud, S. (2019b). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (vol. 5, pp.157-192). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1920)

Freud, S. (2019c). As pulsões e seus destinos. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (vol. 2, pp.15-69). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1915)

Freud, S. (2006a). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol.3, pp.94-110). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).

Freud, S. (2016c). O inconsciente. In: *Obras completas* (vol. 12, pp.99-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (2019d). A questão da análise leiga. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud.* (vol. 6, pp. 205-289). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1926)

Freud, S. (2014). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras completas* (vol. 13, pp.424-450). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1916).

Freud, S. (1896). Carta de 30 de maio de 1896. (p. 188-191). In: Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1897). Carta de 02 de maio de 1897. (p. 239-243). In: Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago editora.

Freud, S. (1897). Rascunho L. (p. 241-243). In: Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1897). Rascunho M. (p. 247-249). In: Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago editora.

Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In: *Obras completas* (vol. 11, pp.10-176). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (2019a) O tabu da virgindade. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 155-178). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1918).

Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In: *Obras completas* (vol. 19, pp.274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937).

Kehl, Maria Rita. (2016). *Deslocamentos do Feminino.* São Paulo: Boitempo.

Kehl, Maria Rita. (2011). Melancolia e criação. In: Freud, S. *Luto e melancolia.* São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917).

Kuss, A. S. S. (2014). *Amor e desejo:* um estudo psicanalítico. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba). Recuperado de: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37140

Lacan, J. (2003). O aturdito. In: *Outro Escritos.* (pp. 448-496). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1973)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11:* os quatro conceitos fundamentais em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1964).

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20:* mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1972-73).

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5*: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1957-58).

Lacan, J. (1998). A significação do falo. In: *Escritos.* (pp.692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1958)

Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* (pp.793-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1960)

Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19:* … ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1971-72).

Lacan, J. (2007*). O seminário, livro 23:* o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1975-76).

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17:* o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1969-70).

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4:* a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1956-57).

Lacan, J. (2003). Televisão. In: *Outro Escritos.* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1973)

Lacan, J. (1998). Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos*. (pp.229-237). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1966)

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente. In: *Escritos*. (pp.496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1957)

Lacan, J. (1998). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. (pp.734-748). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1960)

Lacan, J. (2003). Radiofonia. In: *Outro Escritos.* (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1970)

Lacan, J. (2009). O homem e a mulher. In: *De um discurso que não fosse semblante*. (pp. 22-36). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1971)

Lacan, J. (2008) A essência da tragédia: um comentário sobre a Antígona de Sófocles. In: *O seminário, livro 7*: a ética da psicanálise. (pp. 289-340). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1959-60)

Lameira, V. M., Costa, M. C. S., e Rodrigues, S. M. (2017). Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Revista Subjetividades*, 17(1), 68-78. https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.4861

Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes

Lima, Vinícius Moreira, & Vorcaro, Ângela Maria Resende. (2018). Os gêneros tradicionais e a sexuação: os impasses do sujeito entre o sentido e o furo. *Trivium* - Estudos Interdisciplinares, 10(1), 35-48. https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v1p.35

Lins e Silva, E. (2020f). Episódio 2 - O julgamento. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Machado, O. M. R. (2012). O nãotodo em cada um e na cultura atual. In: Caldas, H., Murta, A., Murta, C. *O feminino que acontece no corpo:* a prática da psicanálise nos confins do simbólico. (pp.9-12). Belo Horizonte: Scriptum Livros.

Marcos, C. (2011). Mãe e filha: da devastação e do amor. *Tempo psicanal.* 43(2): 269-284. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200002&lng=pt.

Ministro Dias Toffoli. (2021). Medida cautelar na arguição de descumprimento de preceito fundamental. Disponível em: http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF779.pdf

Mezan, R. (2006). *Freud: A trama dos conceitos.* São Paulo: Perspectiva.

Miller, J. A. (2012). Mulheres e semblantes. In: Caldas, H., Murta, A., Murta, C. *O feminino que acontece no corpo:* a prática da psicanálise nos confins do simbólico. (pp.49-89). Belo Horizonte: Scriptum Livros. (Obra original publicada em 1992).

Miller, J. A. (2000). A teoria do parceiro. In: *Escola Brasileira de Psicanálise* (Org.). Os circuitos do desejo na vida e na análise. (pp.153-207). Rio de Janeiro: Contra Capa. (Obra original publicada em 1997).

Miller, J. A. (2016). Uma partilha sexual. *Opção Lacaniana Online*, 07(20), 01-40. Recuperado em 05 de maio de 2021, de http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf

Miller, J. A. (1998). O osso de uma análise. In: *Agente* – Revista de psicanálise da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Bahia. Salvador: EBP.

Miller, J. A. (1997). O falo barrado. In: *Lacan elucidado*: palestras no Brasil. (pp. 457-475). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Miller, J. A. (2014). A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana Online*, 05(15), 01-15. Recuperado em 08de maio de 2021, de http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf (Trabalho original publicado em 1996).

Moraes Filho, E. (2020f). Episódio 2 - O julgamento. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Pateman, Carole. (1993). *O contrato sexual.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Penna, V. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Pinheiro, M. F. G, & Freire, A. B. (2008). A devastação e sua incidência na clínica do autismo. *Estilos da Clínica*, 13(24), 146-165. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000100011&lng=pt&tlng=pt.

Pitanguy, J. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Pitanguy, J. (2020f). Episódio 2 - O julgamento. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Riguini, R. D., & Marcos, C. M. (2018). Cinco Notas sobre o Feminicídio a partir da Psicanálise. *Revista Subjetividades*, 18(Esp), 1–12. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6174

Siqueira, A. M. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Supremo Tribunal Federal. (2021). STF proíbe uso da tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio. Recuperado de https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=462336&ori=1

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Soler, C. (1995). *Variáveis do fim da análise.* Campinas: Papirus.

Street, D. (2020d). Episódio 6 - Doca. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Tamm, N. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Teixeira, M. R. (2014). Os gozos: Sobre duas dicotomias presentes no Seminário 20: Mais ainda. In: Teixeira, M. R. *Vestígios do gozo* (pp. 88-99). Salvador: Ágalma.

Viana Vidal, P. E.; Bonfim, F. (2018-2019). Constituição e Sexuação: interrogações clínicas. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 59-76. Disponível em: www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p59-76

Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. (2020). *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. (2020c). Episódio 5 - Pantera de Minas. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. (2020f). Episódio 2 - O julgamento. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. (2020f). Episódio 2 - O julgamento. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. (2020e). Episódio 1 - O caso da Praia dos Ossos. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. (2020d). Episódio 6 - Doca. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. (2020a). Episódio 3 - Ângela. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vianna, B. (2020b). Episódio 4 - Os três crimes. In: Vianna, B. & Thomson-DeVeaux, F. *Praia dos Ossos* [áudio podcast]. Recuperado de https://www.radionovelo.com.br/praiadososssos/o-crime-da-praia-dos-ossos.

Vieira, M. A. (2008). O bagaço da laranja. In: *Restos:* uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise. (pp. 87-108). Rio de Janeiro, Contra Capa.

Zalcberg, M. (2003). *A relação mãe e filha.* Rio de Janeiro: Campus.

Zalcberg, M. (2007). *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier.